REVISTA DA SEMANA



ORSON WELLES: "NÃO FUI EXPULSO DE HOLLYWOOD"

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Águas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO DE VINTE POR CENTO DE 1º DE MAIO A 31 DE DEZEMBRO



EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

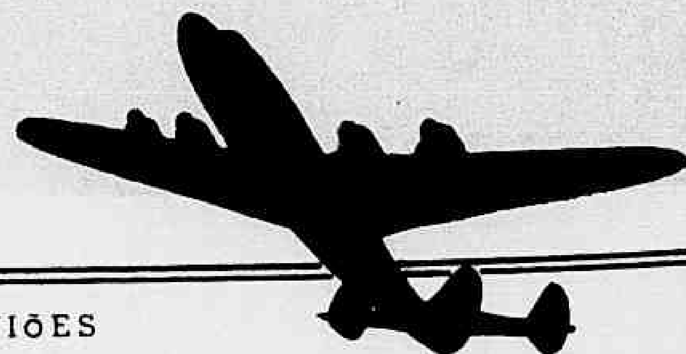




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 30 RIO DE JANEIRO 24/7/1954

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Pode vir do norte o sucessor de Getúlio.... 4/ 6
O carioca vende o que tem.... 8/ 9
O rei do Cambodge é surrealista.... 12/13
«Não» fui expulso de Hollywood».... 14/15
Da paleta para o microfone.... 20/21
Baby Lomani ganhou a coroa.... 22/23
Meia hora de conversa séria.... 44/45
Complicado e nervoso o futebol americano 52/56

ROMANCE

Maria.... 30/31

HUMORISMO

O Riso dos outros.... 28/29
Cuco.... 59

SEÇÕES

Puxe pelo cérebro.... 10
Rádio.... 11
Show.... 17
Semana astrológica.... 18
Página dezenove.... 19
Por êsse mundo de Deus.... 24/25
Plantão noturno.... 26
Femininas.... 32/35
Cinema.... 36
Teatro-Música.... 41
Palavras cruzadas.... 46
Literatura.... 47
Champanhota.... 51
Flash paulista.... 56
A semana acabou assim.... 57
Flash carioca.... 58
Último flash.... 58

CAPA

VERA BOCAIÚVA, pintora modernista, que apresenta neste número alguns de seus trabalhos. (Foto de Alberto Ferreira)

Redator-chefe.... Joel Silveira
Paginação.... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor.... Gratuliano Brito
Redator.... Renato de Alencar
Desenho.... Alberto Lima
Assistente de Publicidade.... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.. S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano....	Cr$ 250,00
Seis meses....	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano....	Cr$ 280,00
Seis meses....	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano....	Cr$ 400,00
Seis meses....	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
Êste número tem 60 páginas.





PÁG. 4 JOSÉ AMÉRICO PODE REPETIR EPITÁCIO

PÁG. 14 ORSON WELLES DESMONTA O MUNDO DE HOLLYWOOD

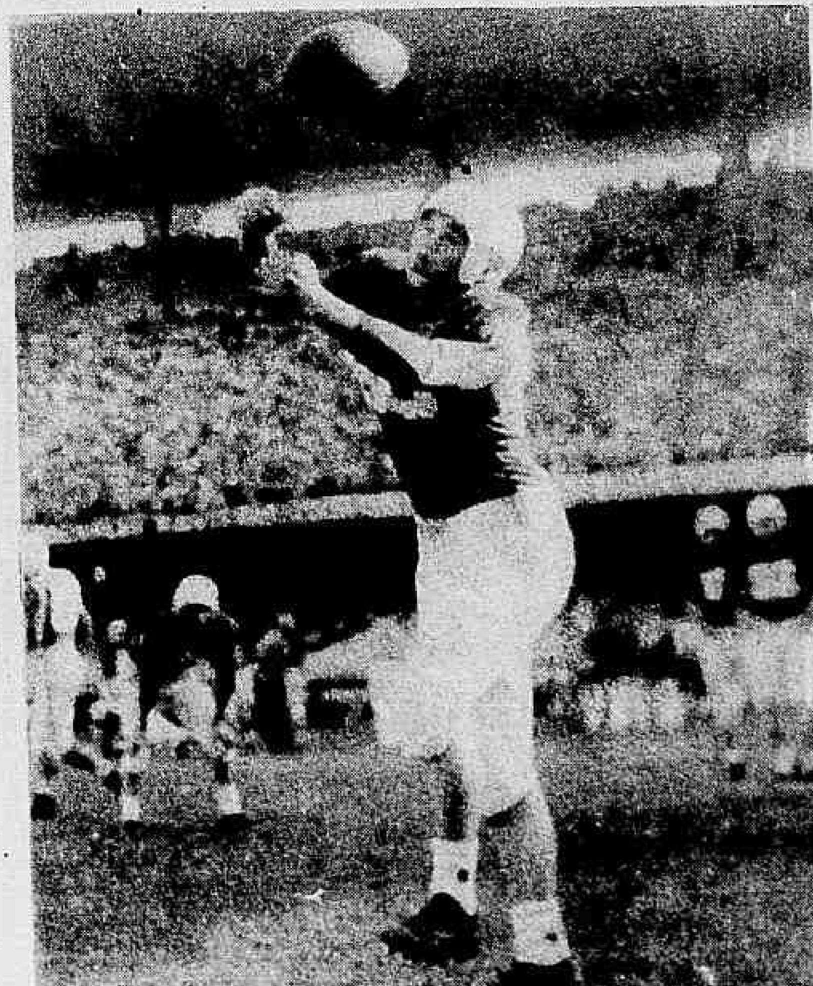
Orson Welles, José Américo e o futebol Americano, assuntos da semana

● **Prezado leitor:**

Cartas que nos chegam reclamam contra o fato de a «Revista da Semana» vir ùltimamente se subtraindo a comentar ou divulgar fatos da política nacional. A queixa procede, mas informamos que a lacuna não é proposital, mas fruto exclusivo da absoluta carência de espaço com que lutamos. Mas, enquanto não ampliamos o número de páginas, já em cogitações, envidamos todos os esforços no sentido de distribuir a matéria da melhor maneira possível, evitando o supérfluo em nebefício do essencial. Isto alcançado, já podemos anunciar para muito breve a volta ampliada e mais viva, de nossa seção política, cuja interrupção os leitores tanto reclamam.

A REDAÇÃO





PÁG. 23 "MISS SÃO PAULO" REINARÁ UM ANO INTEIRO

PÁG. 52 COMPLICADO E NERVOSO O FUTEBOL AMERICANO



O CATETE: Depois de Epitácio nenhum nortista conseguiu mais conquistá-lo.

OS HOMENS DE SOTAQUE CARREGADO

PODERÁ VIR DO NOR

Desde Epitácio, nenhum outro nortista chegou a presidente da República ★ A história de uma previsão que parece cumprir-se ★ O Norte deixou de ser um imenso rebanho de votos a cabresto ★ Hoje os seus líderes fazem esquemas, ditam acordos, formam frentes. Falam alto e grosso ★ Alguns dos candidatos possíveis: Café, Juarez, Etelvino, José Américo.



Juarez Ex-vice... rei do norte, ídolo de sua gente, honesto e probo, apesar de indelicado.

RTE O SUCESSOR DE GETÚLIO



Etelvino — Recuperado para a Democracia, poderá constituir-se no candidato de conciliação entre PSD e UDN.

Reportagem de MURILO MELO FILHO

QUANDO Epitácio Pessoa deixou o Catete houve um caboclo, lá em Campina Grande, que previu: «Depois dêste, nenhum outro nortista será mais Presidente da República».

Ao longo dêstes 32 anos, a profecia se tem cumprido. Veio Bernardes, mineiro; Washington (de Macaé); Getúlio, sempiterno, gaúcho; Dutra, de Mato Grosso; Getúlio, recidivo, do Rio Grande. Mas nortista, mesmo, nenhum. Houve um que se assanhou em 1937 («Eu sei onde está o dinheiro», gritava êle). Mas terminou servindo apenas de pasto para as hienas de 10 de novembro. Parecia, portanto, que uma espécie de sapo do Arubinha havia pousado no destino dos políticos lá do norte, engulindo todo o caudaloso séquito das suas môscas azuis.

OS HOMENS DE SOTAQUE CARREGADO

Mas, agora, diante das urnas saudosas dos homens de sotaque carregado, voltam-se novamente para êles as vistas dos chamados «coordenadores da sucessão» — nome muito bonito dado a cavalheiros espertos, de aparência grave e circunspecta, que passam a vida tôda a posar de Maquiavel. E tudo isto porque o norte deixou de ser aquêle imenso rebanho de votos a cabresto que os Aciolis, os Albuquerques Maranhão, os Estácios Coimbra traziam de quatro em quatro anos para a divertida gangorra do eixo café com leite. Não; a coisa hoje é diferente.

Hoje, os homens do norte, em matéria de política, já se consideram com autoridade suficiente para fazer esquemas, ditar acordos, formar frentes únicas, armar organogramas, etc. Do Ceará, de Pernambuco, da Bahia, começam a chegar as exigências dos votos nortistas. Falam alto e grosso parece até que gritam. Muito embora os seus berros tenham, não raro, de finar-se mesmo, lânguidamente, num «guichet» do Banco do Brasil, à espera de um empréstimozinho para salvar a lavoura em desespêro.

A BARGANHA

O certo, porém, é que êles já possuem coragem para falar grosso. E isto é bom sinal. Seus governadores vão e vêm em viagens afanosas. Quando chegam ao Rio, já não estão com as mãos vazias para pedinchar. Trazem alguns milhares de votos para brandir no nariz sempre atilado dos «coordenadores». E aí começa a barganha: votos em troca de uma estrada, votos em troca de um açude, de dinheiro para pagar o funcionalismo, para a drenagem do pôrto, para o financiamento da safra, etc.

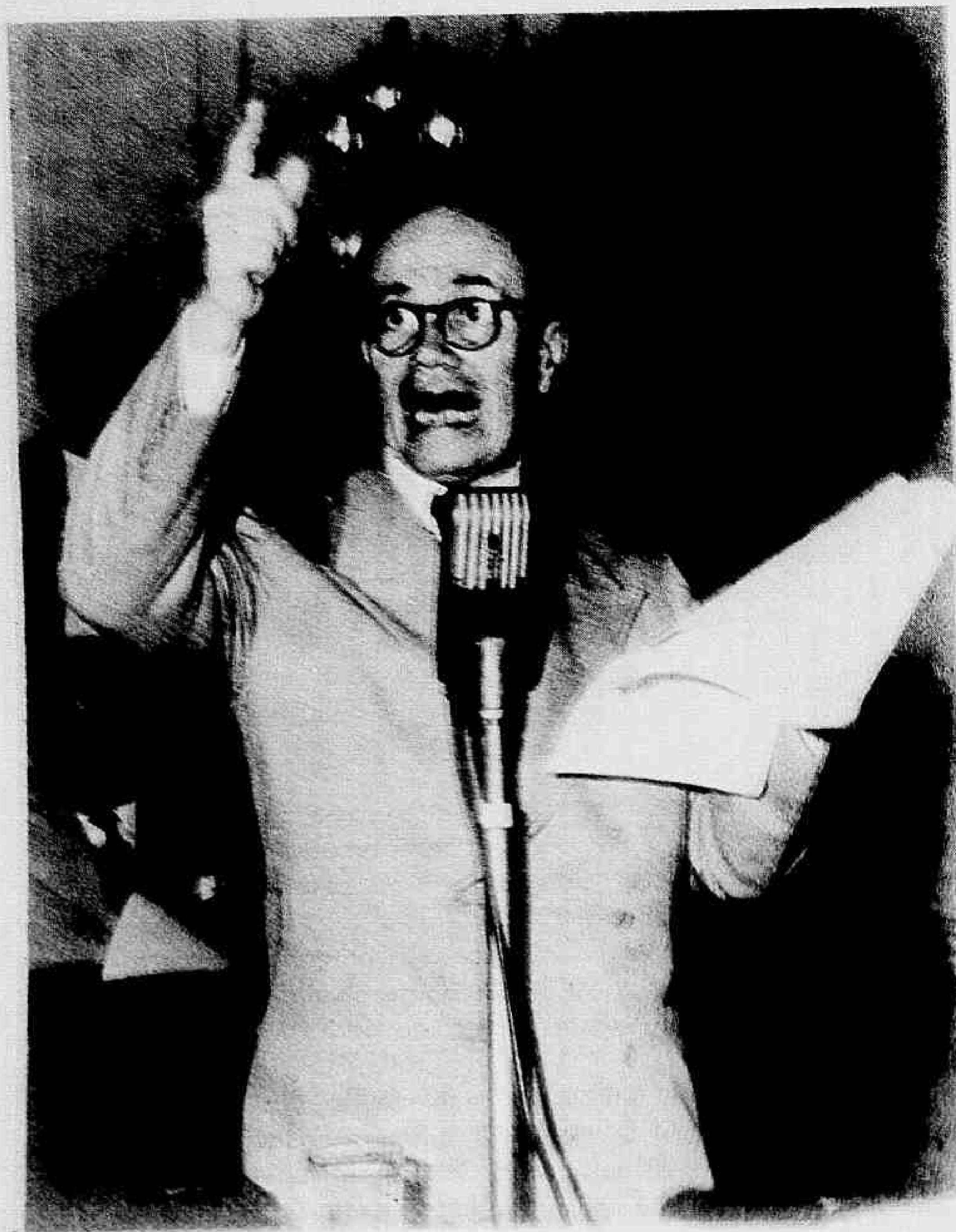
E que votos são êsses? 600 mil no Ceará; 550 mil em Pernambuco; 200 mil no Maranhão; 180 mil no Piauí; 170 mil em Alagoas; 150 mil em Sergipe; 650 mil na Bahia; 200 mil no Rio Grande do Norte; 220 mil no Pará; 260 mil na Paraíba. Aí está por que o norte deixou de ser uma ficção política para tornar-se uma realidade positiva, à qual os candidatos terão de dar a maior atenção, se quiserem, na verdade, alimentar esperanças de chegar ao Catete. Até porque, em 1955, os nortistas querem lançar os seus próprios candidatos à presidência da República.

Eis alguns dêles:



Café Filho

Vice, candidato natural, à espera de que a morte lhe dê uma chance.



José Américo

Se renovar o seu estoque de gritos e modificar o seu patético messianismo, poderá ser um grande candidato

Poderá vir do...

CAFÉ FILHO

Candidato natural. Pelo próprio pôsto que ocupa, é um homem à espera que a morte lhe dê uma chance. Como aconteceu com Truman nos Estados Unidos; e com Delfim Moreira no Brasil. Menino humilde (êle só tem o curso primário), começou a vida agitando os trabalhadores do pôrto de Natal. Organizou, à sua moda, pequenos sindicatos para defender os interêsses daquela. Sofreu muito nos primeiros tempos. Espancado, perseguido, reuniu em tôrno de si um grupo de amigos que até hoje, com algumas deserções, o acompanham. Levou algumas surras, foi eleito deputado, resistiu ao golpe de 37, exilou-se na Argentina. Elegeu-se à Constituinte de 46, trabalhou como um mouro e, espetacularmente, chegou à vice-presidência da República. Foi um Deus nos acuda.

Então o «João moquinha» chegava ao segundo pôsto nos altos conselhos do país? Era o fim do mundo. E Café pensou que, como vice, era possível fazer a mesma onda de deputado. Pensou mal, aliás. Pois as filas que instituiu à porta do Senado — filas enormes, de pedintes de tôda natureza — ràpidamente se desmoralizaram.

O vice não tinha poderes para arranjar empregos. Nem para solucionar a crise das centenas de criaturas humildes que se postavam à sua porta. O vice era o vice. Nada mais. Como vice, porém, bem pode chegar a titular. De olhos postos em Ademar e Getúlio, êle tem fundadas esperanças de ser o fiel de uma reaproximação entre ambos.

JUAREZ

Tenentinho. Também vice... rei do norte. Ídolo, durante algum tempo, de sua gente. Família tradicional e prestigiosa do Ceará. Hoje, general do Exército e autoridade em assuntos de petróleo. Quem mais fala nêle são os chamados «municipalistas», meia-dúzia de autênticos sonhadores que pensam ser possível dar aos municípios brasileiros o verdadeiro lugar que lhes cabe no seio da Federação. Tem bordados no ombro e só isto, nos dias conturbados do momento, constitui uma garantia para que se realize, normalmente, o processo da sucessão.

Traria quase a unanimidade dos votos nortistas, apesar dos seus modos pouco delicados. Teria a «vantagem desvantajosa» de ser um militar e, como tal, um homem que as classes populares desejam ver sempre na caserna. E em nada mais fora daí.

Mas teria, também, grandes trunfos: honradez, honestidade, coerência, franqueza, etc.

ETELVINO

Não tem muita cancha para entrar no selecionado nortista que pretende disputar o Campeonato Brasileiro da Sucessão Profissional. Possui um nome que até há pouco mais de um ano era legenda apenas de violências, atrabiliaridades, injustiças, espancamentos, etc. Legenda dos tempos inesquecíveis do Estado Novo, quando Etelvino, Chefe de Polícia em Pernambuco, mandava espancar e matar estudantes. Eleito senador da República, começou a adaptar-se ao regime democrático. Viu-se perfeitamente o seu esfôrço neste sentido quando escolhido para secretário do Senado. E, sobretudo, quando, logo depois, foi indicado para substituir Agamenon.

Modificou-se o homem. Ei-lo afável no tratar. Transigente e conciliador. Ditando esquemas e sugerindo fórmulas. E' a pacificação em pessoa. Governa com os adversários. Ouve-lhes as críticas e sugestões. Dá a si a melhor demonstração de como a Democracia pode recuperar criaturas que eram um misto de homem e de fera. Impôsto como candidato de conciliação entre o PSD e a UDN, muitas chances teria de chegar ao Catete.

JOSÉ AMÉRICO

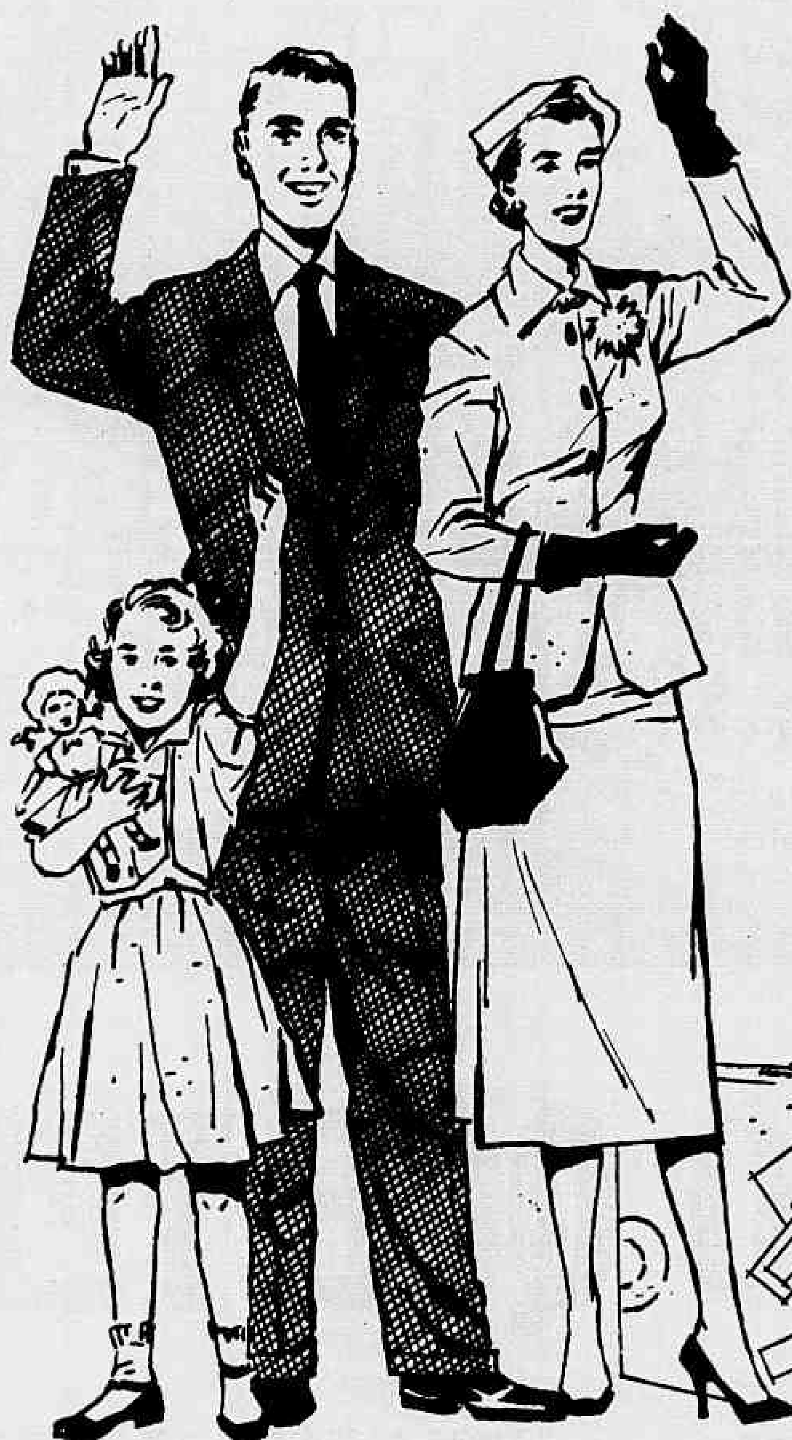
Não carregaria consigo, unida, a sua própria Paraíba. Mas seria capaz de empolgar novamente o país todo. Sobretudo se conseguisse renovar o seu estoque de gritos, modificar o seu messianismo, reviver em outro estilo o seu patético misticismo.

Quando veio para o Ministério, fazendo das tripas coração para aliar-se ao seu inimigo (Getúlio) de tantos anos, tinha a esperança de ser o candidato do govêrno à presidência da República. Mas já há poucos dias, dizia êle que encerrará no próximo ano sua carreira política, já longa e penosa. Não pensa ser Presidente da República, nem senador, nem coisa alguma, «como já sabem os meus amigos da Paraíba». Sabe, contudo, melhor que ninguém, que Getúlio conhece o seu prestígio popular, a sua auréola de predestinado, a sua tradição de probidade, a sua fama de incorrupto. Se, na hora do «tasca balão», fôr necessário ao sr. Vargas uma figura com todos êsses predicados, aí estará às ordens o sr. José Américo de Almeida, o homem da «Bagaceira», dos desastres de avião, do cheque sem fundo da Light, da entrevista de fevereiro de 45, dos gritos no Senado.

O Zé Américo das ficadais inimizades. Mas também o Zé Américo das grandes idolatrias.

às suas ordens...

bôas viagens pelo habitual "conforto aéreo" da "Nacional" !



Sim; o senhor, a sua familia, os seus amigos, a qualquer momento e em muitas cidades brasileiras poderão desfrutar da confortável e fácil maneira de viajar pelos aviões da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.

Aos que viajam em férias, o vôo agradavel sôbre panoramas encantadores é o excelente início de uma temporada às repousantes estâncias balneárias do Estado de Minas Gerais ou às pitorescas cidade do Norte do País. Se a viagem tiver carater comercial, o passageiro pode então dispôr de horas de sobra para os seus negócios, tal a pontualidade dos aviões e a assiduidade das viagens da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.

ESTADO DE MINAS GERAIS:
Alfenas
Almenara
Araçuaí
Araguarí
Araxá
Belo Horizonte
Bocaiúva
Cambuquira
Campanha
Caratinga
Caxambú
Diamantina
Governador Valadares
Guaxupé
Ituiutaba
Januária
Jequitinhonha
Lavras
Machado
Monte Carmelo
Montes Claros
Passos
Patos
Patrocínio
Pedra Azul
Pirapora
Piumhi
Poços de Caldas
Salinas
São Lourenço
Teofilo Otoni
Três Corações
Uberaba
Uberlândia
Varginha.

ESTADO DE MATO GROSSO:
Bela Vista
Cáceres
Campo Grande
Corumbá
Herculânea
Nortinópolis
Cuiabá
Dourados
Guiratinga
Ponta Porã
Poxoréu
Tres Lagôas

ESTADO DE GOIÁS:
Anapolis
Aragarças
Balisa
Burití Alegre
Caiaponia
Goiania
Itumbiára
Ipamerí
Iporá
Jataí
Mineiros
Morrinhos
Pires do Rio
Rio Verde

ESTADO DA BAHIA:
Barra
Barreiras
Conquista
Ilhéus
Itabuna
Lapa
Remanso
Salvador
Xique Xique

ESTADO DE SÃO PAULO:
Barretos
Campinas
São Paulo

ESTADO DE PERNAMBUCO
Recife
Petrolina

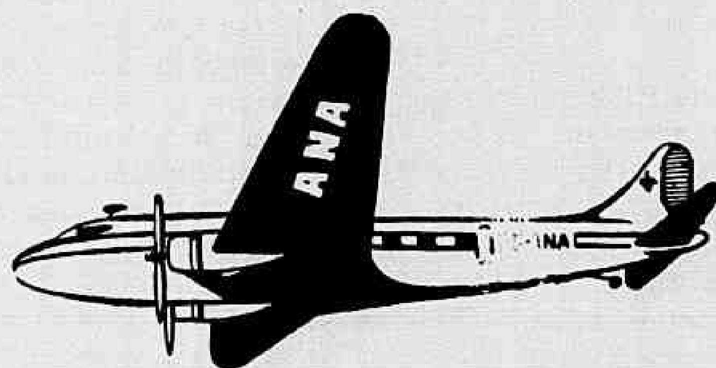
ESTADO DE ALAGÔAS:
Maceió

ESTADO DE SERGIPE:
Aracajú

ESTADO DO ESPIRITO SANTO
Vitória

LINHA INTERNACIONAL
PARAGUAY
Assunção

NACIONAL



TRANSPORTES AÉREOS

RIO DE JANEIRO
Rua Santa Luzia, 685-B - Tel. 32-7399

COM A CORDA NO PESCOÇO

DUNQUERQUES

Vende-se riquíssimos dunquerques de Bull, peças muito antigas, à rua Riachuelo n.º 152. (167)

LUSTRES DE CRISTAL BACARAT

Vende-se, antiguíssimos, lustres de cristal Bacarat, de velas, com mangas, com 6, 8 e 10 braços, tipos tijolinhos, bico de jaca e torcido. À Rua Riachuelo n.º 152.

CARREGADOR DE CAÇAMBAS

Vende-se um marca "Barber Greene" montado sob esteiras, equipado com motor Diesel "International" UD 6. Telefone 42-7997, com o sr. Simões.

O CARIOCA VENDE O QUE TEM

A «Cidade Maravilhosa» está dividida em três categorias de mortais: os que vendem tudo quanto têm, os que não têm com que comprar nada, e os que nada têm para vender ★ Desde avião a casacos de pele, tudo se passa nos cobres quando a corda está no pescoço ★ E nem a «História dos Papas» escapa.

Texto de ROGACIANO LEITE

A vida no Rio não é brincadeira, não, meu irmão. Para manter a carcassa em pé o sujeito tem que dar mais volta no corpo do que cobra na terra quente. E não é só na barriga dos pobres que a fivela do cinto atinge o orifício mais recuado. Muita gente rica, também, torce a orelha e não vê o sangue brotar. A corda no pescoço chega ao extremo de sua impiedade, as artérias inflam, o sujeito é sufocado, estrebucha, berra, bota o «quengo» em funcionamento e não dispõe de outro recurso senão vender quase de graça muita coisa comprada a prestação e por preço de carrasco.

Nessa aflição cotidiana que espouca miolos e confrange semblantes, o Rio está dividido em três categorias de sacrificados: os que vendem tudo quanto têm, os que não têm com que comprar nada, e os que nada têm para vender. Os jornais estão cheios de anúncios oferecendo «oportunidades únicas» para quantos quiserem comprar os mais variados objetos.

QUEM PASSA BEM SEM PODER...

O caso é que muita gente ainda não aprendeu êste sábio rifão: «quem passa bem sem poder, passa mal sem querer». O sujeito vem para o Rio e, ao invés de escolher um bairro mais modesto, de acôrdo com a CÓFAP e outras calamidades, quer passar logo de pato a ganso. Aluga um «big» apartamento em Copacabana (essa doença chama-se «Copacabanam pallidus»), entope-o de televisão e de geladeira, decora-o com cristais da Baviera, forra-o de tapêtes persas e inaugura-o com uísque. A essa altura já tem contraído uma série de dívidas mais numerosas que os cabelos de tôda a família. A máquina registradora de sua vaidade, trabalhando com a precisão e a impiedade de uma cadeira elétrica, vai preparando silenciosamente — com a maior indiferença e frieza dêste mundo — o «veredictum» para cada fim de mês. O chefe da família começa a meter as unhas na calva, a dormir pouco, acordar cedo e falar sòzinho. Os negócios escasseiam, os lucros emurchecem e os compromissos proliferam como grama na areia úmida

VAMOS PASSÁ-LOS NO COBRE?

A primeira coisa de que o infeliz se lembra, é de vender o seu automòvelzinho Austin ou trocar o Chevrolet por um «pulga» italiano. Só assim vai dando baixa no crediário de diversas casas, e já pensando em «torrar» outro objeto no próximo mês. Vez por outra ajuda a engrossar a fila de anunciantes no «Jornal do Brasil» e no «Correio da Manhã». Volta para casa, desfia um rosário de queixas ao ouvido (quase sempre surdo) da mulher e, tôda vez que o telefone chama, o miserável pula da cadeira, arregala os olhos, cola o fone às orelhas e só pensa em duas espécies de mortais: o candidato à compra do objeto anunciado e o encarregado da Secção de Cobranças das firmas a que êle deve.

COMEÇA O MAU-HUMOR

O mau-humor vai crescendo à medida que as finanças pioram. As festas em casa começam a rarear de acôrdo com os móveis que vão sendo passados no cobre. Em geral a segunda «vítima» (depois do automóvel) é a geladeira. Depois vêm o aparelho de televisão, o piano da filha, um lustre antigo e objetos de arte. Quando chega a vez de «torrar» as jóias da mulher — aí, valha-me Deus! — começa a desarmonia do casal. Só falta mesmo vender a máquina de costura. A êsse ponto, as coisas já estão pra lá de pretas. O sujeito pensa em enforcar-se, mas já lhe falta até o dinheiro com que comprar uma corda. Na última hipótese, o camarada anuncia um conjunto de sala de jantar, ou um

TELEVISÃO 17 Polegadas
Vendo Zenith movel console estado de novo. Preço 17.000,00 Rua General Severiano 209 fundos, ap. 201, Botafogo.

TELEVISÃO
Lindo movel 21" da afamada marca Admiral, conjugada. Ver á Av. Mem de Sá 216. Telefone 22-6345, com Celeste.

TELEVISÃO
Vende-se, G. E., movel claro, fabricação americana, nova, ainda engradada, pela melhor oferta — Ver á rua Barata Ribeiro 582, ap. n.º 801.

TELEVISÃO EMERSON
Vende-se um de 21', para cima de mesa, modelo 1954 caixa lindíssima. Ver e tratar à rua Figueiredo Magalhães 32, Copacabana, com o porteiro...

BAR no CENTRO
Vende-se um, com instalações modernas e luxuosas, horário comercial, contrato de 5 anos, aluguel 2.000 cruzeiros, grande movimento. Preço com grande facilidade de pagamento: 600 mil cruzeiros. Tratar pessoalmente na ORGANIZAÇÃO MARP — Avenida Rio Branco n. 108 — 13.º andar, salas 1.304/6 — ao lado do "Jornal do Brasil".

MESAS DE JÔGO FRANCESAS
Vende-se lindíssimas mesas de jôgo, de fabricação francesa. Ver à Rua Riachuelo n.º 152. (6111)

MASSAGEM FINLANDESA
Alma Bendix, enfermeira, massagista, diplomada na Europa e regist. atende à rua Barata Ribeiro. Pôsto 3 1/2 ou a domicílio — Massagens médicas e estéticas — Aparelhagem moderna e portátil — Tel.: 37-6722. (20329)

RELÓGIOS DE SEVRES
Vendo rico e antigo relógio com candelabro de bronze e porcelana de Sevres. Ver à rua Riachuelo 152. (6113)

AMPLIFICADOR
Ótima oportunidade para propaganda política, parques ou clubes. Vende-se de 35 watts da afamada marca Cardwwell, fabricação americana em caixa de aço com mostrador luminoso e 2 alto-falantes toca-discos e microfone. Detalhes à rua Porto Alegre 60. Eng. Novo.

BARCO DE ALUMINIO (Insubmersível)
Vende-se 1 barco de alumínio "especial", único no gênero, c/ 2,40 x 102 cms. pêso 35 quilos, 2 remos, capacidade de 4 pessoas. Preço Cr$ 16.500,00 — Rua Haddock-Lôbo; 336 — Apt.º 302, das 8 às 10 e das 18 às 20 horas. (22586)

MÁQUINA DF
G.E.
Sem uso. Vende-se ... n. 112 — Grajaú.

LANCHA
Vende-se Chris Craft, com motor de ... H. P., para cinco passageiros. Ver e tratar no Iate Carioca. ... Brasil (Ramos), ... o sr. Florindo.

CINEMA
Vende-se cinema em bairro novo e de grande futuro, na rua principal, cinema localizado em pleno funcionamento, com poltronas e contrato longo do predio, unico cinema no lugar, cabina de 16 mm completa, vende-se também sem projetores, município de Nova Iguaçu. Preço sem projetores 90.000 cruzeiros, com projetores 150.000 cruzeiros. Mais informações na Citerá, rua Arau... Porto Alegre 56, sobreloja. —

TOCHEIRAS DE MADEIRA D. JOÃO V
Vende-se um par de tocheiras D. João V, muito antigos e muito rico. Ver à rua Riachuelo n.º 152. (6015)

CÔMODAS FRANCESAS
Lindas cômodas com embutidos peças de fino gôsto. Vendem-se à rua Riachuelo nº 152.

CANDELABROS DE CRISTAL 25.000,00
Vendo riquíssimo par de candelabros de cristal Bacarat, com ... gas Renascença. Rua Riach... (61...)

LUSTRES DE BRONZE
Ricos lustres de bronze ... francesa, maravilhas ... velas, sendo muito ant... Rua Riachuelo n.º 152

SALA DE JANTAR ESTILO COLONIAL Cr$ 9.000,00
Particular vende com urgência com grande prejuizo, uma riquíssima e legítima sala de jantar completa, estilo Colonial, trabalhada em jacarandá, todo em legítimo cristal lavrado, cadeiras e poltronas em ... Preço 9.000 cruzeiros, pouquíssimo uso. Ver ... à rua General ... Tel. 28-6425, ... 414, em frente ao Cole...

PROJETOR NEGATIVO E POSITIVO
Vende-se um marca Bausch & Lomb em Estado novo. Ver e tratar à Rua Buenos Aires, 100 — 7.º andar — Sala 71, com o sr. Wilson. (3704)

TAXIMETRO CAPELINHA
Vende-se um com pouco uso, completo, por 2.000 cruzeiros, à rua do Bonfim 397 São Cristovão.

TAXIMETRO CAPELINHA
Vende-se em perfeito estado. Rua do Rosario 170 1º andar, com Armando Silveira.

CASACO DE PELE
Vende-se um belo "Mouton Doré", sem uso, chegado de Paris. Oportunidade única. Rua Lacerda Coutinho, 54 — Copacabana. (00511)

APERTADÍSSIMO, O CARIOCA LIQUIDA O QUE PODE DAR DINHEIRO ★ A CARESTIA DA VIDA E A DESVALORIZAÇÃO DO CRUZEIRO CONSTITUEM A MAIOR DISPNÉIA DA POPULAÇÃO SUFOCADA ★ E NA HORA EXTREMA, SÓ UM REMÉDIO APARECE: ANUNCIAR O QUE TÊM PARA VENDER.

dormitório de pau-marfim, alegando: «por motivo de viagem...» Aí o caboclo está mesmo «frito». Entrega o apartamento e muda-se para o Engenho de Dentro!

VENDE-SE TUDO

Mas não são apenas os pais de família que se encontram diàriamente nessas «forcas» implacáveis. Às vêzes é o sonhador que cismou de possuir um avião sem se lembrar que o lugar mais seguro é mesmo na terra.

Há também o estudioso do Catolicismo, que um dia entendeu de pôr-se em dia com a História dos Papas (vide anúncio) desde São Pedro a Pio XII. Arquiriu uma coleção de luxo, a última palavra em matéria de bibliografia litúrgica e, talvez antes de ler o primeiro tomo, caiu na dolorosa realidade que só as aperturas e as dívidas sabem expor com precisão matemática aos olhos mortais. Coitado! Mais um anunciante do «Jornal do Brasil».

Agora vem a mocinha, que um dia, saindo do Nordeste para ser funcionária pública na Metrópole, conheceu as suas colegas embuçadas em casacos de lontra. Seus olhos não viam outra coisa e seu pensamento não se afastava das peleterias. Sacrificou o «lunch» diário, deixou de andar de ônibus, reduziu até a correspondência para a família, mas acabou comprando o seu casaquinho e usando-o mesmo em dias de calor. Aconteceu que a dona da Pensão aumentou a mensalidade justamente no dia em que a pobre jovem perdeu o seu emprêgo como contratada. Vai lá, vem cá, procura um pistolão que nunca encontra — e: «Onde é que fica mesmo o «Jornal do Brasil»?



Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

NOVO PRESIDENTE DA GENERAL ELETRIC



● Fotografia colhida após a eleição do novo presidente da General Electric S.A., vendo-se, da esquerda para a direita, o antigo presidente, sr. Ralph Harrison Greenwood, o novo presidente da G.E.S.A., dr. José de Assis Ribeiro, e o presidente da International General Electric Co., sr. W.R. Herod. O dr. José de Assis Ribeiro, ligado à General Electric há vinte e oito anos, e diretor da mesma desde 1936, é engenheiro, formado pelo Union College, de Schenectady, Estados Unidos, e como gerente da filial de São Paulo, desde 1932, sua atuação ficou assinalada por importantes realizações.

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTE

1—Uma construção ambígua é:
- **Confusa?**
- **Escrita por duas pessoas?**
- **Escrita dos dois lados do papel?**

2—Exegeta é pessoa que:
- **Interpreta textos difíceis?**
- **Vive afastado da civilização?**
- **Muda sempre de lugar?**

3—Esconso é sinônimo de:
- **Profundo?**
- **Rachado?**
- **Inclinado?**

4—Manucodiata é:
- **Tocador de gaita de bôca?**
- **Uma constelação do hemisfério austral?**
- **Juiz singular?**

5—Que nome tiveram os alimentos que Deus mandou aos israelitas no deserto:
- **Maná?**
- **Psalmos?**
- **Pentatunco?**

6—Litolatria é:
- **Adoração ao fogo?**
- **Culto das pedras?**
- **Culto de imagens?**

7—Leixões é palavra que significa:
- **Náufragos?**
- **Peixes miúdos?**
- **Penedos na costa marítima?**

8—Um animal **híspido** significa:
- **Eriçado de pêlos?**
- **Exposto nos museus?**
- **Amansado para circos?**

9—Um sinônimo de **azeitona:**
- **Onfalite?**
- **Oliva?**
- **Olimpo?**

10—Uma pessoa que tem apetite contínuo, sofre de:
- **Orexia?**
- **Laponismo?**
- **Litóclase?**

11—O pium amazônico é:
- **Grande peixe?**
- **Enchente dos rios?**
- **Mosquito?**

12—Rebenque é sinônimo de:
- **Cachoeira?**
- **Muro de convento?**
- **Pequeno chicote?**

13—Chambaril é:
- **Nome de um rio do Pará**
- **Uma iguaria do Nordeste?**
- **Terra estéril?**

14—A colcheia é:
- **Figura musical?**
- **Pequena mangedoura?**
- **Queda dágua?**

15—A doutrina do ensino e do método se chama:
- **Eucrasia?**
- **Gnetácea?**
- **Didática?**

(Respostas na página 46)

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco: de 1 a 3: cultura inferior — selvagem: de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial: de 7 a 11: cultura superior: — universitário: de 12 a 14: um sábio: tôdas as 15: um gênio em pessoa.

REI DO RÁDIO

MARIA HELENA DE AGUIAR

● A ABR acaba de eleger o «rei do rádio» de 1954. Todos os anos essa agremiação de radialistas promove eleições dessa natureza, a fim de vender votos e angariar fundos para as obras do seu hospital. É uma tradicional iniciativa da ABR, que o senhor Manoel Barcelos vem mantendo com êxito financeiro crescente, graças à sua dedicação à classe dos homens do microfone. O pleito dêste ano deu a coroa ao senhor João Dias. Muito bem. É mais um rei brasileiro, numa terra cheia de reinados. Agora, pergunto: por que fizeram de João Dias rei do rádio? O que é que êle tem para isso? Nada. Absolutamente nada. Canta com uma voz que não é sua, desafina com uma garganta que é sua e seu repertório é o que há de pior. Não é justo que se dê uma coroa a um cantor sem méritos vocais que, amanhã, representando-nos fora daqui, reflita mal o nome do Brasil, do rádio brasileiro e de nossa música popular. Estou informada de que a eleição de João Dias foi um capricho de anunciante, que comprou para o seu favorito os votos necessários à sua vitória e mais compraria se outro artista surgisse com pretensões ao cetro. Mas, nessas coisas de arte, o poder do dinheiro deve ser limitado, para que nunca esmague o bom gôsto. Nesses casos, o certo é nomear uma comissão idônea que, entre os mais votados, escolha alguém de qualidades acima de um João Dias. Digamos que, amanhã, de Buenos Aires, mandem contratar o «rei do rádio» brasileiro. Então, irá João Dias, irá um mau cantor, um imitador de Chico Alves (cantando um repertório de segunda ordem) e dirão, de nós, as coisas piores. Vamos fazer «reis», mas coroemos uns reis direitos, que não nos façam passar vergonha.

CONVERSA COM ALMIRANTE

Durante um chope da Brahma, conversei com êsse fabuloso homem de rádio, um dos meus melhores conhecimentos recentes. É um grande contador de casos engraçados, rindo muito com uma bôca enorme. Através de longos anos de trabalho tem marcado sua obra radiofônica pelo primor da informação, pela pesquisa honesta e pelo interêsse de dar aos ouvintes (sempre) alguma informação útil ou curiosa. É dono de um grande arquivo musical, que contém a vida e a obra dos nossos autores. Sua dedicação ao folclore é diária, fazendo com que receba, do norte e do sul, informações preciosas sôbre música, poesia e hábitos de nossa gente. Da nossa conversa, lembro-me destas declarações: Está na Record e nunca se sentiu tão bem compreendido no rádio. — Fará um programa semanal no Rio («História do Rio pela Música»), na Rádio Roquete Pinto. — Quer fazer programas cada vez mais sérios. — Acha que a TV, no Rio, vai mal. — Adora Pixinguinha, como gente e como música (apoiado). — No Brasil, há seis produtores que, realmente, podem fazer o rádio brasileiro. — Pela primeira vez, está colaborando com o departamento de rádio de uma Agência de Publicidade: a Lintas. — Gosta de cerveja bem gelada. — Adora um certo bife que um português faz, em São Paulo, numa esquina da avenida São João. — Gosta de cuidar do seu automóvel, enxertando-lhe sempre um melhoramento novo e útil. — Odeia comprar a prestação. — Prefere não andar de avião. — Sua mania: consertar as coisas, com alicate, chaves de fenda, etc. Grande e respeitável nome do rádio: Almirante — «Na Pavuna . . . pum, pum, pum» . . .



A maior patente quer fazer um rádio cada vez mais sério — rádio sem molecagens.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Luís Jatobá foi visto, na têrça-feira (6 de julho) nos estúdios da Rádio Excelsior. Em São Paulo, imediatamente, correu a notícia de que o grande narrador ficaria na emissora de Luís Ramos. No mesmo dia, às 5 horas da tarde, o boate foi encerrado, com a viagem de volta do Jatobá, num avião Vasp. ★ Paraguassu está cantando no programa «Terra Sempre Terra», mantido pelo veterano Capitão Furtado, na Rádio Bandeirantes. Canta suas velhas canções, com o seu velho estilo. Antes de cada número, relata a última excursão que fêz, citando nomes de pessoas que conheceu em cada cidade. Na sexta-feira (2 de julho) passou meia hora falando sôbre Jundiaí. Vamos falar menos, Paraguassu. ★ Marisa Prado, antes de seguir para a Europa, mandou fazer, em «long-playing» de acetato, uma coleção de canções de Antônio Maria, para não se esquecer do Brasil. Depois disso, foi-se embora para a Espanha. ★ O senhor Dermival Costalima (maior diretor artístico do rádio brasileiro) está disposto a descansar pelo Norte, ficando quinze dias em sua Bahia. ★ Edmundo Monteiro (pinta não muito simpática e homem de estatura moderada) dizia numa roda de donos de emissoras: «O Teófilo de Barros Filho não ficará conosco por muito tempo. O homem para o seu lugar é o Rui Aranha». ★ De tarde, em casa de Nieta (a ceramista) Araci de Almeida foi vista fazendo cinzeiros de barro. ★ Três pianistas de São Paulo iriam para o Rio definitivamente: Bcehr de Viena (do 550), Freddy (do Comcdoro) e Simonete, atualmente com uma orquestra num «dancing». ★ Vitor Costa e Paulinho de Carvalho teriam feito um acôrdo para a cessão (não muito freqüente) de artistas da Nacional à Record. O primeiro a cantar na B9 seria Lúcio Alves ★ Hebe Camargo, em grande estilo, no samba «Aconteceu em São Paulo». ★ José Roy já tem prontos 26 sambas de carnaval. ★ Nacional, absoluta em primeiro lugar, crescendo ainda, depois do novo auditório. ★ E o resto é o frio de São Paulo, com Jânio, Ademar, Piza e Prestes Maia aguardando ordens do «starter» . . .

(Informações de **Elizinha Thomaz**)

UMA GRANDE VOZ

A intérprete Carmem Costa gravou um samba que se chama «Quase Que Eu Disse». Deu surra em muita gente, mostrando que cantar é uma certa maneira inteligente e sentida de dizer as coisas. Está cantando como há muito tempo não se ouvia ninguém cantar. Deve ser ajudada, estimulada e orientada (bem), para tirar partido de sua grande sensibilidade. Parece que Deus ajudou a nossa Carmem Costa. Há meses, deu à luz, num hospital de caridade e seu estado financeiro era o pior possível. Deram-lhe a mão (Vitale e Manoel Barcelos) e Carmem saiu para cantar melhor do que nunca. Pode a letra não ser linda, mas a música é boa de ouvir e a cantora dá uma lição de bons modos artísticos.



Gravou um samba-canção, com uma interpretação fabulosa. Pena que a letra não seja grande coisa.

ESTA LETRA É RUIM

Recebi a fotografia de uma menina e, no verso, impressas estavam essas coisas, que transcrevemos, sem tirar nem pôr uma vírgula, respeitando as concordâncias e o palavrório de quem as mandou imprimir:

«CLITON RIBEIRO E ALVARO XAVIER

A consagrada dupla de compositores «homenageiam» o glorioso Exercito Nacional Brasileiro, na encantadora interpretação de Zaira Cruz, a prioneira em gravações infantis:

SALVE O EXERCITO BRASILEIRO
samba

Erguendo espadas
Lançando granadas
Empunhando fuzil
Bravos seldados valente
Do meu Brasil

Salve o Exercito Brasileiro
E o nosso auri-verde pendão
Salve os heróis que morreram
Por esta grande nação
Salve todos que lutaram
Por êste pavilhão amado
Salve, salve o meu Brasil
Salve o teu nome sagrado

És o orgulho da Pátria
Garantia na Paz e na Guerra
A tua hloria é a história
De ouro da nossa terra
Salve o teu passado
Glorioso de guerreiro
Salve o grande Caxias
Patrono do Exrcito Brasileiro

Gravação RCA Victor por Zaira Cruz — Edições Euterpe.»

A gente não sabe o que dizer, depois de transcrever tanta coisa ruim, tanta coisa vazia, tanta frase feita. Nessa música praticam-se os seguintes crimes: 1º contra uma menininha, a quem impingiram uma bobagem musical; 2º contra a língua portuguêsa; 3º contra o gôsto popular; 4º contra o Exército brasileiro, que merece ser sempre cantado em melhores versos. Mas, ninguém diz nada, ninguém toma providências. Fico falando sòzinha, em nome de uma coisa que ninguém (nas emprêsas de gravações) leva em conta: poesia.

COCHILO DA GLOBO

Na tarde de uma segunda-feira (5 de julho) aconteceu o seguinte: o locutor, com um ar muito grave, anunciou uma nota de falecimento. E leu com o maior carinho, usando das inflexões mais respeitosas. Acontece, porém que, enquanto lia, o operador tocava, em fundo musical, «I'm Gettin Sentimental Over You». Se o morto estava ouvindo, talvez tenha gostado, porque é bonito morrer ao som de uma melodia predileta. Eu, por exemplo, no meu dia, gostaria que a minha nota fúnebre fôsse irradiada com «Limeligth» (sem letra) ao fundo. Mas, acontece que a família de quem morre nunca se sente bem, ouvindo o registro fúnebre do seu querido ente com «Blue Gardenia» em fundo, por exemplo.

Toca saxofone e dança «boogie-woogie»

O REI DO CAM BO

Reportagem de SÉRVULO DE MELLO



Adolescentes, entre 14 e 18 anos, estão hoje incorporados às fôrças armadas do Cambodge e constituem as tropas de elite de S.M. Norodom Sihanouk. Note-se o garbo do desfile e a excelência das armas.

UM MANDARIM DE GUARDA-SOL NOVO ★ ENQUANTO ARDE O VIET-NAN, NORODOM SIHANOUK NEGACEIA COM A FRANÇA E FAZ MANHAS COM OS VERMELHOS ★ TEM VINTE E CINCO ANOS E A MESMA LÁBIA DO REI DO SIÃO

CONTA Eça de Queiroz, nas «Notas Contemporâneas», o curioso episódio do estabelecimento do protetorado francês no Sião. E' preciso recordar que naquele tempo, o Sião era também o Cambodge. Não porque o fôsse realmente. Mas a França ignorava as diferenças tribais, as dinastias e até a geografia da vasta região, que mais tarde se transformaria na Indochina Francesa. Tudo era lá pelos lados da Conchinchina. E a idéia de distância e confusão se transplantou até ao Brasil, com o nome de Conchinchina. Hoje, qualquer coveiro do cemitério São João Batista, ouvindo rádio num sujo botequim de Botafogo, sabe onde fica e o que é a Indochina. E a França o sabe hoje mais do que ninguém.

Com efeito, uma imensa tragédia se desenrola nas terras no Viet-Nan. Suas raízes verdadeiras mergulham num confuso nacionalismo mongol e numa deliberada provocação comunista, que consiste em abrir focos guerreiros aqui e ali, com o fito de enfraquecer ou testar as fôrças militares do Ocidente. Foi assim na Coréia. Assinada a concordata, verificou-se um trágico balanço de vidas e de recursos econômicos dissipados. Quem lucrou foi a China Vermelha, em experiência e com debilitação dos ocidentais. Agora está sendo no Viet-Min e Viet-Nan. A campanha da Indochina tem custado à França os olhos da cara, sem contar a perda da fina flor de sua juventude militar e dos seus exércitos coloniais. Até hoje, não se sabe porque, a Onu não encarou a agressão na Indochina como o fêz na Coréia e há cêrca de sete anos essa guerra, realmente estúpida, continua a inquietar o mundo e a exaurir as reservas da nação francesa.

AS MANHAS DO REI DO SIÃO

Mas, voltemos a Eça. Relata êle, com hilariante sabor, as fabulosas peripécias da primeira missão francesa enviada à Indochina. O Rei do Sião demorou vários dias para recebê-la. A missão, por sua vez, manteve-se, indiferente, ou melhor, fingiu-se indiferente. Entrementes, os diplomatas gauleses formulavam conjeturas a respeito da personalidade do rei. Imaginavam-no um refinadíssimo mandarim, belo e vaidoso, cheio de truques para negociar e sobretudo capaz de levá-los ao fracasso, por meio de algum golpe oriental de fina traição. Havia expectativa em Paris e a França imperial não podia ser humilhada. Alojados, aguardavam a audiência do Rei, até que um dia, veio um emissário do cerimonial comunicar-lhes que o Rei os receberia. A resposta, é claro, não foi dada imediatamente. Não era boa política. A missão enviou, por sua vez, outro emissário, para comunicar ao rei que em tal dia (o mesmo marcado pelo soberano) iria incorporada visitá-lo. Verificou, porém, êsse enviado que os aparatos para a recepção eram magnificentes, mas que o soberano não ia receber os franceses em igualdade de condições. Apresentar-se-ia, do alto, numa espécie de balcão e de lá falaria aos representantes do Rei de França. Essa informação agitou os plenipotenciários franceses. Não poderiam humilhar a França, a ponto de subir uma enorme escadaria para entregar ao senhor do Sião a mensagem que lhes traziam do Rei Sol. Depois de várias confabulações, deliberaram fazer a entrega da mensagem por meio de uma comprida vara de madeira. E mandaram confeccioná-la com duas finas tenazes de ouro na extremidade, a fim de prender a carta. O fabuloso mandarim estenderia só um pouco os seus régios dedos e retiraria o pergaminho contendo o documento. E assim se fêz.

Mas, no dia da audiência, um velhinho de oitenta anos, muito esperto, com um pagode na cabeça e vestindo um quimono roxo, apareceu no balcão. Não tinha um só dente e um ralo penacho de cabelo côr de terra cobria a sua testa enrugada e côr de azeitona. Apanhou a carta, deu algumas voltas espertas, como se girasse em cima de um disco, fêz uma breve curvatura e retirou-se. Foi nesse dia estabelecido o protetorado francês no Sião.

A TÁTICA DO REI DO CAMBODGE

Os tempos mudaram. Já escrevi certa vez que a história não se repete. Os homens é que se repetem a si mesmos no curso da história. E' o que está acontecendo atualmente com o engraçadíssimo Rei do Cambodge, em relação à França e à guerra na Indochina. A técnica de negaças e manhas adotada pelo soberano surrealista tem dado dores de cabeça ao govêrno da França e nos faz recordar o velho Rei do Sião. Os residentes franceses no Cambodge, principalmente o chefe em Pnom Phem, estão cheios de cuidados com S.M. Norodom Sihanouk, que resolveu aproveitar a oportunidade para fazer valer o seu cetro real naquele país de cavernas, templos e mistérios. E' apenas um jovem de



Norodom dirige a palavra às «fôrças vivas da Nação». Vemo-lo debaixo do seu parassol em sêda dourada em estilo bramânico e cercado do seu Estado Maior, que usa quepi no feitio de um pequeno pagode.

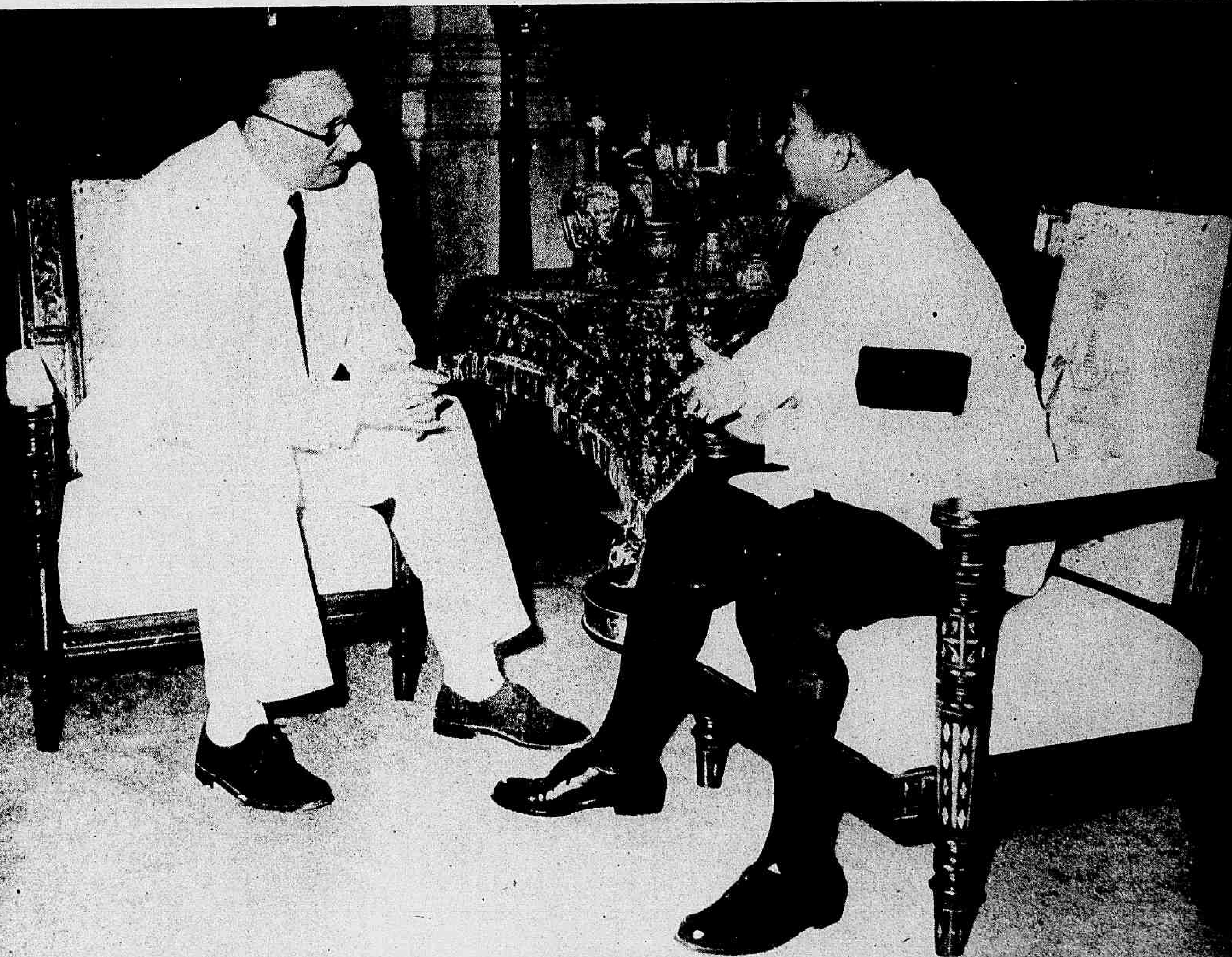
BODGE É SURREALISTA



vinte e poucos anos, que se apresenta hoje no cumprimento da missão histórica de recuperar e emancipar o Cambodge. O momento, evidentemente, não é oportuno para a França, mas o é para êle. Então êle organiza o seu exército e mobiliza a juventude do país. Mas se preocupa muito mais com detalhes de fardamento e com a banda de música do que com as táticas guerreiras e o equipamento militar. Inventou um modêlo especial para os seus soldados e está aprendendo, êle próprio, a tocar saxofone. Para chatear os franceses, toma a iniciativa de introduzir costumes americanos no Cambodge e dança boogie-wooggie, mascando chicles. De vez em quando, organiza paradas militares e dirige pitorescos discursos aos seus súditos e às classes armadas do Reino. Recentemente, mandou fazer um guarda-sol novo, todo em sêda dourada, gomado por fora e com babados de renda. Sob êsse pálio, passeia pelas ruas de Pnom Phem fiscalizando obras públicas. E além de ressuscitar velhos costumes de mandarins, mistura-os com invenções próprias, adotando, igualmente, as mais extravagantes modernidades. Tem, às vêzes, tiradas messiânicas e se entrega não raro a propositados destemperos. Tudo isso para mostrar independência e ignorar os residentes franceses no Cambodge.

JÔGO COM A FRANÇA

Em que consiste, porém, a sua manha política? Sabe perfeitamente Norodom que, precisamente agora, os interêsses estratégicos da França no Cambodge são enormes. E não se cansa de advertir Paris sôbre o perigo de invasão comunista no seu país. Os agressores comunistas estão de fato em Saigon. O Cambodge está na fronteira, inclusive a capital de Pnom Phem. Norodom não quer nada com os comunistas. O que êle quer, realmente, é conseguir o máximo da França. Talvez não deseje mesmo a independência do país, pois essa sua liberdade seria apenas transitória. Viria, depois um patrão mais duro. A obra civilizadora da França no Cambodge é grande e o auxílio econômico já o foi também. E o Cambodge não pode viver, sem isso, ainda agora. Mas, no momento, a França precisa do Cambodge. Uma campanha nacionalista traria embaraços e perturbaria a política de resistência na Indochina, ponde em perigo todo o protetorado. O Cambodge tem carvão e muito arroz. Saigon é um pôrto vital para a França. Norodom sabe de tudo isso e procura tirar partido. Diplomatas voam de Paris para conversar com êle. O próprio presidente do Conselho René Pleven o foi ver recentemente. Os jornais de Paris o colocam nas primeiras páginas debaixo do seu guarda-sol e, enquanto corre sangue na Indochina e o choque de dois mundos se torna cada vez mais inevitável, S.M. Norodom Sihanouk ganha terreno, diverte-se e faz a França esperar como o velho Rei de Sião.



Na sala do Trono, Sua Majestade Norodom Sihanouk recebe o presidente René Pleven e trata com êle do reequipamento das fôrças armadas do Cambodge. Observe-se o curioso fardamento do rei em culotes de sêda preta, dolman branco e sapatos de verniz.

O «Macbeth» de Orson Welles (que êle fêz em [illegible] dias) foi definido pela crítica como uma loucura de gênio. Mas Shakespeare provàvelmente não o reconheceria.

ORSON WELLES num artigo exclusivo:

"NÃO FUI

OS fugitivos da outra cortina, preocupados com os parentes e amigos que deixaram atrás, recusam sempre divulgar sua trágica experiência, temendo represálias. Assim qualquer um poderá imaginar que eu, constantemente qualificado de «o fugitivo de Hollywood», tema arrancar o véu misterioso que encobre a capital do cinema, e a todos mostrar a sua verdadeira face — porque estivesse preocupado com o que poderia acontecer a pessoas que deixei lá longe, na Califórnia do sul. Mas não se trata disso. Além disso, o referido véu já foi tantas vêzes arrancado que resta bem pouco de misterioso debaixo dêle. Tudo já foi dito e continua a sê-lo. Se Elizabeth Taylor vai ao pedicure, a notícia é imediatamente transmitida ao mundo inteiro; se Betty Gable deixa cair o guardanapo num «night club» da moda, tôda Johannesburgo o sabe imediatamente, e mesmo a longínqua Bombaim é informada uma hora depois se Marlene Dietrich deixa queimar a galinha no forno.

Isso acontece porque Hollywood, sendo uma cidadezinha provinciana, é, igualmente, a residência de jornalistas estrangeiros mais numerosos do que aquêles que estão em Londres e Washington juntas. Diàriamente um milhar de senhoras e senhores da imprensa sentam-se à sua máquina de escrever e produzem seus artigos de mil palavras cada, a respeito de uns cinqüenta senhores e senhoras do celulóide.

Que faz, porém, essa gente do cinema? Bem, na maior parte do tempo todos fazem cinema. Uma «estrêla» ou um diretor saltam ambos da cama às quatro e meia da manhã (os outros autores masculinos são uns poltrões, e nem o Padre Eterno consegue despertá-los antes das cinco e quinze), e após guiarem durante uma meia hora através a neblina californiana, chegar ao estúdio.

Bela palavra — «studio» — que não reflete de maneira alguma a desolação, a nua realidade de um daqueles barracões industriais semi-desertos que, madrugada ainda, se povoam de autores ainda meio adormecidos. Eis um segrêdo de Hollywood que ainda não foi revelado; nem rios de palavras nem filmes neo-realistas poderiam dignamen-

O REALIZADOR DE «CIDADÃO KANE», QUE ALÉM DE GRANDE ATOR É IGUALMENTE UM ÓTIMO JORNALISTA, DESCREVE, COM IRONIA E CONTUNDÊNCIA, A SUA ESTADA NA «CAPITAL DO CINEMA».



EXPULSO DE HOLLYWOOD

te retratar essa cena matutina; ademais, Dostoievsky morreu e Rosselini casou-se.

Às 12,30, intervalo para o almôço, também conhecido como a «Hora do Avanço», já que, às centenas, articulistas, repórteres e fotógrafos se precipitam sôbre atrizes e atores, sôfregos por qualquer notícia «exclusiva». Como se fôsse possível a alguém que acordou antes do sol e passou a metade do dia, diante das câmaras, vestindo-se e desvestindo-se, ou decorando «scripts», ter tempo de fabricar vagões de notícia sensacionais.

Eis porque há tanta miséria de romantismo em Hollywood e uma tão alta percentagem de matrimônios; a gente do cinema só tem tempo mesmo para se casar; e se os jornalistas exigem outra «história», e o artista não tem imaginação suficiente para inventar alguma, divorcia-se — e tudo fica resolvido.

Mas certamente vocês gostariam de saber porque desgostei Hollywood. Talvez a coisa ficasse melhor explicada se eu dissessé porque me fui embora. Não é que eu tenha ficado rico ou porque me tornasse suficientemente famoso. Em Nova York eu já me havia bronzeado marcadamente com a minha lâmina solar, e, nunca encontrando má fortuna no rádio e no teatro, já havia conseguido construir — acreditem ou não — uma bela casa com piscina anexa. Mas o que eu queria era fazer cinema. Entrara-me na cabeça que a coisa era interessante. E na verdade o é. Interessantíssima, tanto que continuo a preocupar-me com ela. Mas compreendam: eu não queria apenas «recitar» nos filmes: é do outro lado da câmara que me agrada trabalhar.

O engraçado, porém, é que Hollywood não me queria do outro lado e sôbre uma oferta de trabalho por detrás da câmara, eu recebia centenas de outras, para trabalhar como ator. De maneira que, se fugi, a culpa é de Hollywood, não minha. Não é que eu já tivesse realizado muitos filmes, nem ao menos cinqüenta, nem ao menos dez, talvez; fiz apenas o que me foi possível, em suma, e logo que pude cortar a corda, vim aqui para esta parte do Atlântico, esperando que as coisas andassem melhor. Não acreditem, portanto, que me tenham batido com a porta na cara, lá em Hollywood. E' verdade que nenhum produtor tem acesa no seu gabinete uma lâmpada votiva diante do meu retrato, nem eu, de minha parte, durmo com o retrato dêles debaixo do travesseiro. E, tudo considerado, não guardo qualquer amargura do que passou; nem êles guardam de mim. Trocamos votos de felicidade, no Natal, e quando Samuel Goldwyn e eu nos encontramos, no aeroporto de Londres ou num restaurante de Paris, poderia parecer, pela jovial alegria com que nos tratamos, que êle estivesse me convidando para participar de um filme seu e que eu estivesse louco para aceitar o convite. Mas aqui tenho a impressão de estar sendo injusto para com Sam; jamais esquecerei as suas palavras, ditas naquela sua curiosa linguagem: «E sempre que você tiver vontade de trabalhar comigo, encontrará sempre um contrato em branco!» Pobre Sam! Penso que êle dizia aquilo para ser gentil; pois êle é um individualista suficientemente calejado para permitir a um escritor-diretor tôda a liberdade que peço eu.

Mas talvez eu os esteja decepcionando. Tirei Sam Goldwyn para dançar e talvez esperem que eu me ponha a sacudi-lo ou jogar longe do seu pedestal alguma divindade do celulóide. Mas somos homem de coração, e não inconoclastas! E aquêles desgraçados pedestais já estão borrados de tinta de imprensa! E não é nada divertido viver lá em baixo, entre os imortais do cinema: é como bancar o fantoche numa barraca onde o povaréu, por alguns níqueis, experimenta a pontaria.

Vejam Sam Goldwyn, por exemplo. E' sacrossantamente verdadeiro que, vez por outra, êle enxerta na linguagem comum floridas e novíssimas expressões. Gerações de agente de publicidade (que nascem e morrem com a rapidez de môscas) já fizeram o possível para convencer ao mundo que Goldwyn não fala em «Goldwynismo». Não o conseguiram. As histórias de Goldwyn são como a areia do mar, e refletem um caráter originalíssimo e uma fecundia tôda especial. Recordo, por exemplo, quando Sir Laurence Olivier, enquanto interpretava para êle «Uma voz na tempestade», fraturou uma clavícula e continuou a trabalhar bravamente. Sam não abriu a bôca, mas finalmente um dia, na hora do almôço, pôs a mão no ombro de Larry. E Larry pensou: «Até que enfim», e inflou o peito para receber os agradecimentos mais vivos e os cumprimentos de um produtor cheio de gratidão. «Sabe, mr. Olivier» — disse Sam — «o senhor é o artista mais feio que já trabalhou para mim».

Uma outra vez, tendo terminado de conversar com o já célebre autor da «Saga dos Forsythe», John Galsworthy, gentilmente Sam o acompanhou até a sala de trabalho que havia reservado para o grande escritor. E disse:

— «Aqui tem o senhor tudo o que precisa. Ventilador, água gelada, papel e máquina. Agora são dez horas. Espero que às cinco da tarde a sua história esteja pronta...»

Um dia, numa assembléia da «United Artists», explodiu uma disputa entre Sam e Douglas Fairbanks Jr. que quase acaba em desfôrço pessoal. Algumas cabeças frias tentaram persuadir o produtor a pedir desculpas. «Está bem, pedirei desculpas», disse Goldwyn. E começou: «Peço desculpar-me, Doug, cometi um êrro. Chamei-te de ladrão, e isso me entristece, pois não posso prová-lo».

Mas se é verdade que Sam é assim, é também verdade que costuma produzir ótimos filmes. E o que digo dêle, vale para Hollywood inteira. Em muitas coisas essa é a verdadeira face de um fantástico mundo que vive nas nuvens, mas de onde, convenhamos, têm saído alguns dos mais belos filmes do mundo. Porque é muito mais fácil pilheriar a respeito da originalida de Sam Goldwyn do que fazer «Os melhores anos de nossa vida».

Pelo VERA CRUZ a viagem é uma delícia!

Assim se expressam todos aquêles que usaram os confortáveis comboios do Vera Cruz, dotados do que há de mais moderno em segurança, higiene e comodidade para os que viajam entre Belo Horizonte e Rio.



HORÁRIOS:

RIO
Chegada às 11 horas
Partida às 20,10 horas

BELO HORIZONTE
Chegada às 11 horas
Partida às 19,50 horas



ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL

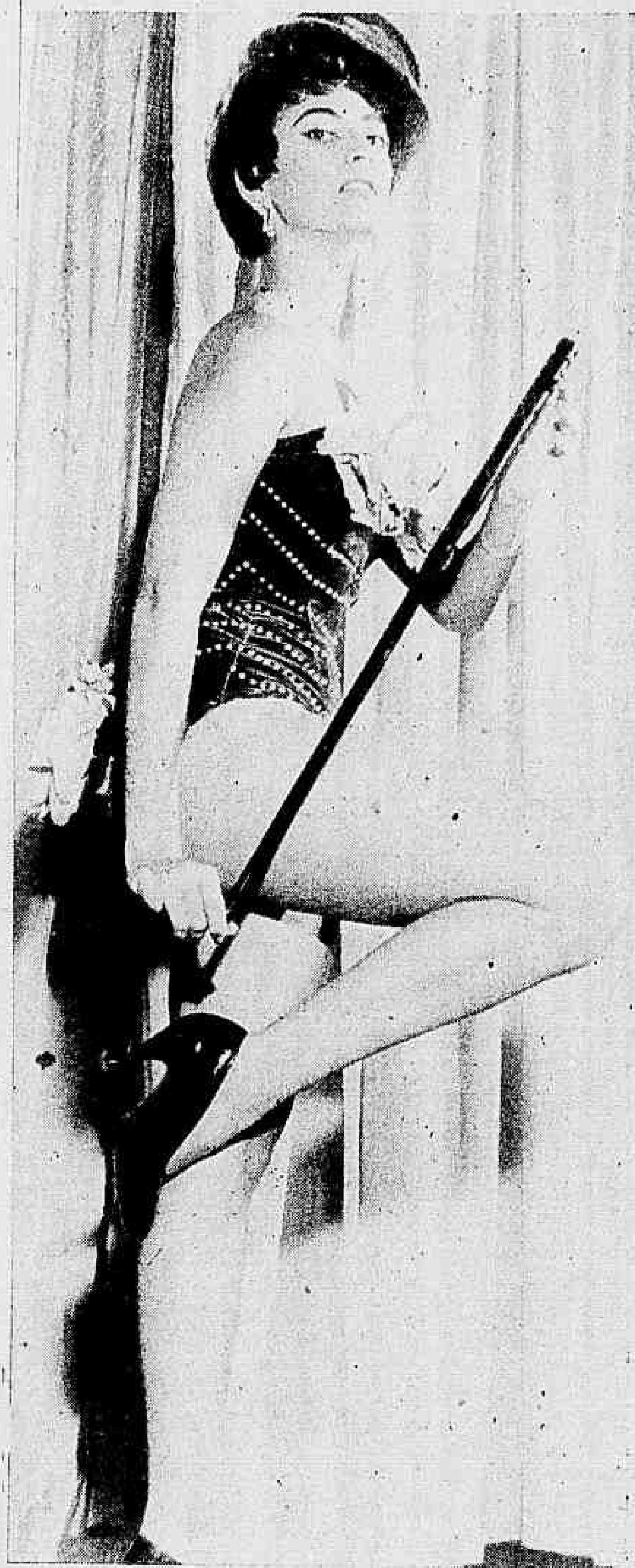
É SOPA NO MEL

PAULO SOLEDADE

● No «República» estreou, sob a direção de Osvaldo (Vadeco) Éboli, a revista de Freire Jr. e Luís Peixoto. Grande elenco, montagem razoável, a revista tem em Juliana Yanakieva o seu ponto alto. Realmente a coreografia e a concepção dos quadros de baile são o que de melhor existe, juntamente com as músicas de José Maria de Abreu e Luís Peixoto. A parte pior é a falada. O texto deixa a desejar quanto à qualidade literária, humor e até certo ponto, moral. Não sei porque os revistógrafos dos teatros da cidade acreditam que para fazer sucesso seja necessário descer tanto. Ainda é um grande êrro subestimar o gôsto do público, e, por isso mesmo, a platéia das grandes revistas assiste sobressaltada aos «sketchs» dos comediantes da cidade, dignos improvisadores de um pretenso humor sem classificação. Há na peça do «República» um grande desequilíbrio entre a parte dançada e cantada, de bom gôsto e alguma qualidade, e a malfadada parte cômica.

Os cenários não contribuem para a melhor apresentação da peça. São de mau gôsto e não atendem às necessidades do gênero, não chegando contudo a sacrificar o trabalho de Juliana, dos cantores e especialmente dos bailarinos. A direção poderia tirar maior partido dos efeitos de luz, o que se nota exclusivamente no quadro de Luz del Fuego, assim mesmo em pequenas proporções. Mais dois refletores laterais (de 1.000 «watts» ou mais) não fariam mal a ninguém. Marion, Anilza Leony e Siwa Tzen comportam-se muito bem, havendo uma pequena observação quanto ao texto improvisado pela última no quadro «Mme. Pif-paf», excessivamente mal intencionado. Judy Clair, Edmundo Carijó e Marga Vernon muito bem como primeiros bailarinos, e a dupla cômica Reis e Rossi, prejudicada no corte de após-estréia, não pode mostrar tudo de que é capaz. O final estraga o espetáculo, que pode ser considerado como bom se terminasse com a apoteose do primeiro ato apresentando «Miss Centenário», cena que tem mais características para tal.

O quadro «Copacabana» poderia voltar com alguma modificação em substituição a alguns dos «sketchs», o da «Kitty», por exemplo, que é uma piada muito antiga; e as pastoras da escola de samba (bonitas de rosto, por sinal), não deveriam estar expostas daquele jeito, metidas num figurino que, além de mau gôsto, sacrifica o movimento bonito das saias, tão característico das nossas cabrochas, mostrando ao público o que êle não está interssado em ver, uma vez que as pastoras não são modelos de «pin-ups». Acredito que com a modificação do final, que está derrubando o espetáculo, possa «É Sopa no Mel» fazer uma boa temporada no «República».



CARMEN VERÔNICA desistiu de buates.



MARY GONÇALVES «Luz del Fuego mirim»



CARMÉLIA ALVES seguiu para Montevidéu.



LINDA BATISTA no «Plaza Copacabana».

O RIO CAMINHA

Não há pequeno bar de Copacabana que não tenha a sua atração além da música, às vêzes apresentada em discos ou por pianistas especializados. Assim o «Bacarat», que continua com a sua temporada de sucesso (dizem que devido também à publicidade que o «crime do castiçal» proporcionou), mas Dóris Monteiro é mesmo a responsável por êsse êxito. Ao lado, o «Chez Colbert» está apresentando uma cantora francesa de antes da guerra, naturalmente enquanto busca coisa melhor. O «Club 36» está com Verônica Beck, pianista e cantora. Inaugurou sem maior divulgação em frente o «La Ronde», com Alzirinha Camargo. No «Tudo Azul», o pianista Aster satisfaz a um grupo de artistas que lá se encontra constantemente. No «Club de Cinema» (em cima do «Vogue») há «shows» improvisados por elementos do Rádio e Cinema, uma noite sim, outra também. Em frente, Djalma Ferreira e seu conjunto, excelente por sinal, prolonga no «Drink» a noite até ao amanhecer. Tudo por preço muito inferior ao das buates. É lógico que o carioca começa a aprender a se divertir pagando menos, pelo que as casas de espetáculos maiores terão de se precaver se não quiserem sossobrar diante da inovação. Afinal os turistas no Rio não são em número suficiente quando não há «Grande Prêmio Brasil».

DONOS DA NOITE

Já está sendo anunciado o novo «show» do «Casablânca» para princípios de outubro. Um mês, portanto, de antecipação no programa anteriormente estabelecido. Teremos carnaval em outubro, isso para forçar a ida de um espetáculo que, como tivemos ocasião de prever, não poderá ir sequer até fim de agôsto. Fala-se em trazer novamente «Esta vida é um carnaval» para a buate da Praia Vermelha. Assim os «habitués», que já viram quinze ou vinte vêzes, porque êsse espetáculo é realmente bom, verão mais quinze. Êste «show» entrará a 0,30 horas. será preparada uma tapeação qualquer para encher tempo o freguês no «Jardel», tirada provàvelmente de um dos «Cherchez la femme» (foram seis) lá no «Monte Carlo». Terá o reforço do pessoal de Paris que se encontra em «Satã dirige o espetáculo», o que pode dar resultado comercial.

O «Sacha's Bar» será inaugurado para o «sweepstake» talvez com o Costa, «maitre» do «Vogue», e um cozinheiro da mesma casa, o que mostra ou falta de imaginação, ou preocupação de prejudicar quem está, sossegado no seu canto, procurando manter uma casa que, além de ser da simpatia geral do público freqüentador das casas do gênero, é a sede da crônica carioca. Senão vejamos: Rubem Braga, Antônio Maria, Thiago de Melo, Sérgio Pôrto, Joel Silveira, Lúcio Rangel, Fernando Sabino, Jacinto de Tormes, Ibraim Sued e muitos outros, fazem do «Vogue» «a casa da mãe da gente», e não levam nada para isso como foi propalado por determinado concorrente.

DIVERSAS

● Linda Batista, depois de trabalhar em diversas buates, resolveu entrar para o ramo. Está a sete meses dirigindo o «grill» do «Hotel Plaza Copacabana». Juntamente com Dircinha, sua irmã, anima as noites daquela casa e, não satisfeita com a participação da dupla, ainda contrata os maiores cartazes do Rádio. Nelson Gonçalves, Elizete Cardoso, Jorge Goulart, Nora Ney, Angela Maria, Jorge Veiga e muitos outros sucessos vêm sendo apresentados pelas queridas irmãs Batista.

● Elizete Cardoso se apresentou no «Vogue» cantando nunca menos de 15 canções por noite. Foi um grande êxito da cantora e do Barão que não queria mais deixá-la ir embora. Elizete prometeu voltar na temporada do «sweepstake».

● Carmélia Alves foi para Buenos Aires com Chiquinho da sanfona, Jimmy Lester (seu marido), José Meneses guitarrista, Pernambuco ritimista. Apresentou-se com sucesso na buate «Gong» e já seguiu para Montevidéu, onde deverá cantar em rádio e buates. É sem dúvida uma grande embaixada brasileira, capaz de fazer sucesso também nas buates daqui.

● Luís Delfino está com Renata Fronzi em São Paulo, no «Teatro de Alumínio», representando «Brasil no ano 3.000». Ótima idéia dos empresários, garantindo assim mais um elemento de muita possibilidade para o «music-hall», e que São Paulo vai ver antes do Rio.

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL
OUÇA

José Mauro

"O COMENDADOR E A MÚSICA"

segundas, às 21,30

★

"COMÍCIO DE ESTRÊLAS"

Araci de Almeida, Isaura Garcia, Inezita Barroso, Neyde Fraga, Elsa Laranjeira, Ester de Sousa

têrças, às 21 horas

★

Almirante

"VIVA O SAMBA"

às 21 horas

★

Gilberto Martins

"EM BUSCA DO TESOURO"

com Elizete Cardoso

domingos, às 20 horas

novos programas da

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 24 E 30 DE JULHO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não haverá modificação sensível na sua ambiência, na semana em causa. As favorabilidades da semana anterior continuarão, principalmente, nos dias 25, 27, 28 e 29. Os dois últimos lhe darão muita chance.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não haverá acontecimentos de relêvo, na vida do leitor, nos próximos sete dias. O clima dos astros, não obstante, não lhe será desfavorável. Poderá tentar alguma coisa, com êxito, moderado, embora.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Sua vida sentimental estará mal astralizada, nos dias 26 e 28. Haverá perigo de rompimento formal e até de destôrço. O leitor estará muito sujeito a intrigas.

★ CANCER (22/12 — 20/1) — No curso da próxima semana o leitor tomará atitudes contraditórias, em virtude da dualidade dos influxos a que será submetido. Os dias piores, no caso, serão 26 e 28. Não resolva negócios importantes em tais dias.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Uma modificação interessante poderá ocorrer nos rumos do seu destino. Poderá haver mudança de emprêgo, nas ocupações ou na orientação doutrinária ora seguida. O que vier será para melhor. Pode ficar certo disto.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os negócios serão realizados com rapidez e terão uma feição inteiramente favorável ao leitor. Os melhores dias para especular serão 25, 26, 28 e 30. Os dias restantes, também favoráveis, serão fracos para as iniciativas.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Fuja das novidades, das inovações, no próximo período. Fique nas suas ocupações habituais, conservando o mesmo ritmo do seu trabalho de todos os dias. As mudanças constituirão, no caso do leitor, um prejuízo certo.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Suas possibilidades financeiras serão bem maiores, no curso da próxima semana. O leitor terá facilidades na obtenção de favores e de recursos. Suas solicitações serão prontamente atendidas, melhor ainda, nos dias 29 e 30.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O leitor vai viver uma semana muito propícia às recuperações. Tudo o que tiver perdido será encontrado. As posições, igualmente, poderão ser reconquistadas. O influxo astral o favorecerá em tôdas as direções.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O «Grande Maléfico» estará em boa forma para ajudá-lo. Saturno nem sempre é mau. Os dias 25, 27, 29 e 30 serão muito propícios aos seus empreendimentos e aos seus desejos.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Não haverá êxito nas suas tentativas de reconciliação, notadamente no terreno sentimental. O novo período não lhe favorecerá, igualmente os negócios. Não especule nem jogue.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Nuvens pesadas estão se acumulando nos horizontes numa ameaça potencial à posição atualmente ocupada pelo leitor. O melhor é não tomar atitudes, na próxima semana, especialmente no terreno escorregadio da política.

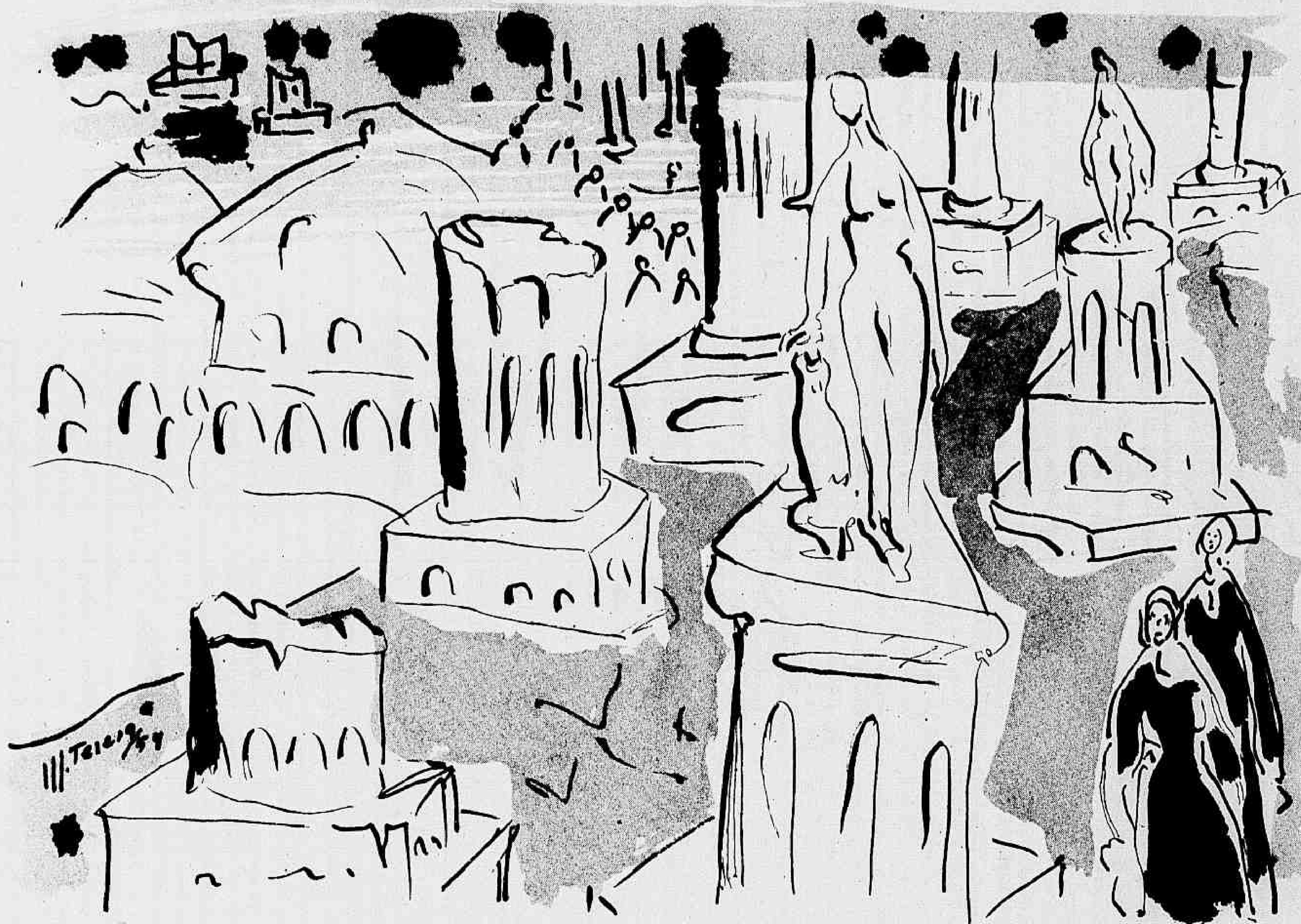
OS NOMES DA SEMANA

Julho,	24	—	Sálvio	—	Sueli
,,	25	—	Crisóstomo	—	Elídia
,,	26	—	Antero	—	Flávia
,,	27	—	Pedro	—	Fédora
,,	28	—	Máximo	—	Erávia
,,	29	—	Suetônio	—	Rosalva
,,	30	—	Roberto	—	Zilda

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Julho,	24	—	121° - 2' - 40''	(Signo do Leão)
,,	25	—	2° - 0' - 00''	(,, ,, ,,)
,,	26	—	2° - 57' - 20''	(,, ,, ,,)
,,	27	—	3° - 54' - 41''	(,, ,, ,,)
,,	28	—	4° - 52' - 4''	(,, ,, ,,)
,,	29	—	5° - 49' - 27''	(,, ,, ,,)
,,	30	—	6° - 46' - 51''	(,, ,, ,,)



POMPÉIA

DULCE DE MELO MONTEMOR

Desenho de MARIA TEREZA

AQUÊLE ano de 70 da Era-Cristã estava fadado a deixar marca indelével no corpo do tempo. Depois de uma trégua de muitos anos o Vesúvio arremessara-se com impetuosidade inesperada colhendo de surprêsa duas cidades romanas.

Sentimo-nos comovidos em poder ver de perto o resultado das escavações efetuadas. O ônibus moderno e confortável leva-nos a Pompéia. No trajeto passamos pela célebre Fábrica de Camafeus e de outros objetos de arte que, como um, «abre-te Sésamo», màgicamente abrem a bôlsa de qualquer um. Verdadeiros artistas anônimos trabalham em pedaços de caramujos onde esculpem, a mão livre, delicados perfis individuais ou em grupos, que são o encanto de quantos sabem apreciar as belas artes.

Paramos em pequena praça cheia de barraquinhas de «souvenirs» e depois de nos decidirmos por uns e por outros, penetramos, acompanhados pelo guia, nas ruínas da histórica cidade. Diga-se de passagem, os guias são verdadeiros professôres em História, em Arqueologia, e poliglotas, pois atendem na língua que se deseja. À direita, logo deparamos com o Museu. Primeiro abalo: — um corpo humano, um corpo que viveu naquele tempo, revestido das lavas do Vesúvio, transformado em pedra! E assim outros, em alguns dos quais, percebem-se as unhas nas extremidades e os dentes à mostra! Um arrepio corre-nos pela espinha! As contorsões dos membros demonstram a agonia sofrida. Um cão todo contorsido é também a amostra triste do que foi aquêle flagelo!

Nas prateleiras do Museu, vasos de louça e de vidro atestam o desenvolvimento artístico daquela época remota; objetos dentários, fios, bordados, revelam o grau de adiantamento a que haviam chegado. A cidade é tôda uma ruína triste... Ruas ainda calçadas de pedras, sendo as principais a «Strada dell'Abbondanza», a «Strada Stabiana», a «Via della Fortuna», o «Templo de Apollo», com a estátua do deus mitológico ainda perfeita.

Colunas inúmeras, decepadas, testemunho mudo da bela arquitetura reinante; templos ainda de pé; mercado, casas de comércio, tinturarias, casas de negócio na parte da frente, enquanto o final do prédio demonstra habitação da família; interessante padaria com seu forno e suas mós. Destaca-se o «Arco de Nero» na praça do «Forum», larga e cheia de colunas decepadas. Chama a atenção do visitante a bela «Casa dei Vetii» com seu jardim interno onde se vêem ainda artísticas estátuas de mármore, e cuja sala de refeição é tôda pintada com gravuras antigas no estilo que marcou época — o pompeiano. Essa casa tem a particularidade incrível de já possuir um verdadeiro APARTAMENTO para hóspedes! Outras residências ainda com boa parte de pé, de modo a nos permitir avaliar seu luxo e bom gôsto; a «Casa del Torello», e «Del Sacerdote», a «Del poeta Trágico», a «Del fauno», tôdas com pintura, estátuas, repuxos, colunas, etc. Apanhamos mosaicos pelo chão a título de recordação... Uma fonte interna, coberta de arabescos azuis, chama-nos também a atenção.

As Termas são de surpreender os povos adiantados de hoje: Sala de banhos frios e «Sala de bagno caldo», com encanamento de água quente pelas paredes, banheiras de granito egípcio, bancos em forma de «divans», acomodações para tipo de banho turco. Restos de alto relêvo pelas paredes, amostras de pinturas caprichadas. Agora o «Anfiteatro»! Monumental! 150 metros de comprimento por 120 de largura! Com acomodações para 12.800 pessoas! Isso no ano 70 da Era-Cristã!

O Ginásio, igualmente enorme, com duas alas de colunas de pé ainda, em forma de ele (L) abrange uma extensão imensa! Sentamo-nos na grama, no bordo do anfiteatro, ao pé dessas colunas. Quantas almas viveram por aqui! Quanto sofrimento nesta cidade soterrada num repente do vulcão! E enquanto o tempo passa indiferente a tudo, grupos e grupos de turistas fazem o que fazemos hoje: olham tudo isso com respeito e comoção e nunca mais se esquecerão do espetáculo que feriu seus olhos!...

Do microfone para a paleta



[illegible] muito concorrida a exposição de pintores (radialistas) realizada no 9º andar da A.B.I.



Cauhé Filho: o autor e a obra.

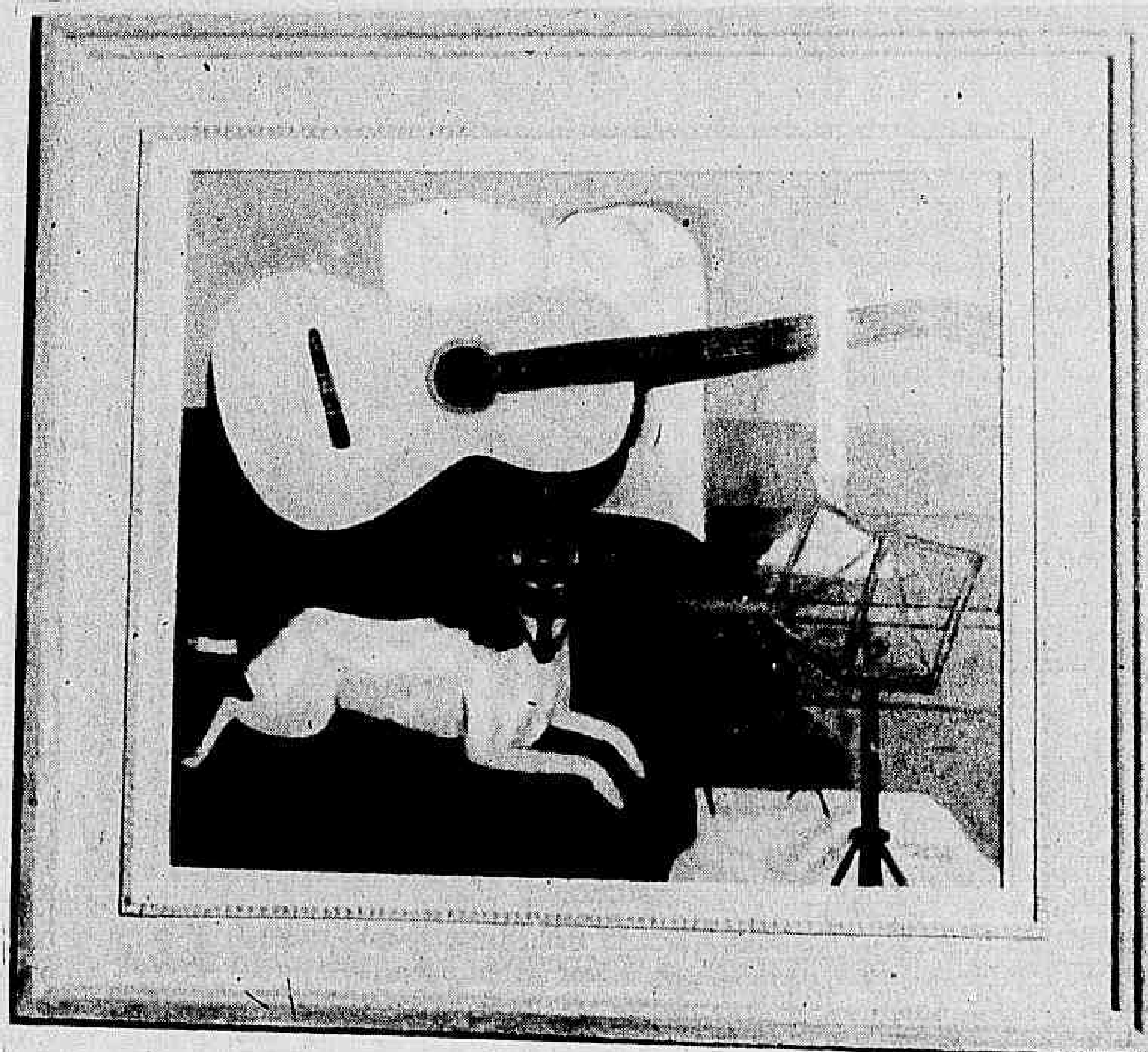
FORA DO RÁDIO ÊLES



[illegible] elogia Heitor dos Prazeres.



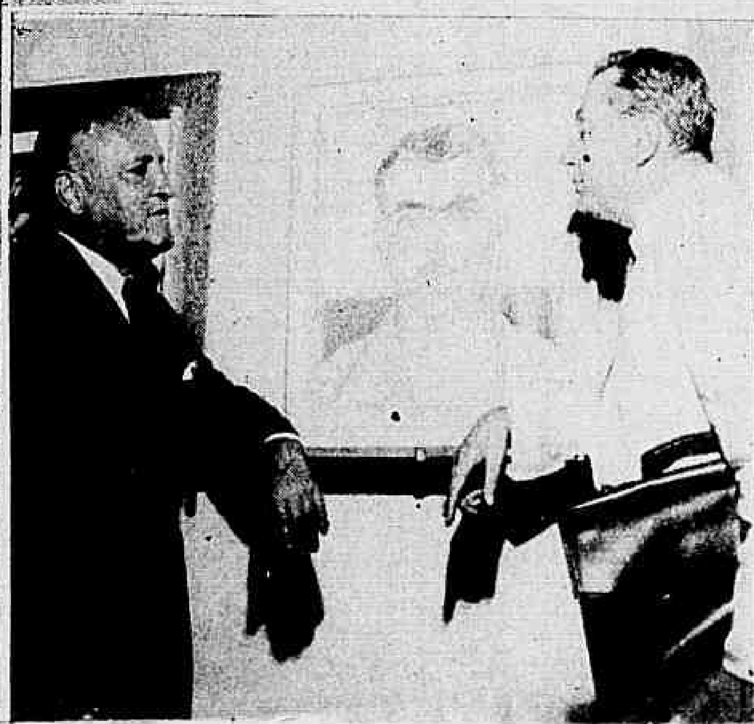
[illegible] aprecia Ligia Sarmento.



«Composição», de Lídia Bastiani



[illegible], Moisés e René Cavé.



Pongeti e Roberto apreciam Caymmi.

Fotos de A. VIEIRA

Texto de LUÍS SODRÉ



«Chorinho Carioca», de Heitor dos Prazeres

PINTAM



«Mulher Sentada», de Dorival Caymmi.

Murad e Rochangela apreciam [illegible]



Lídia Bastiani [illegible]



● Na Associação Brasileira de Imprensa foi realizada a «1ª Exposição dos Pintores do Rádio», promovida pela revista «Radiolândia» sob o patrocínio da A.B.R. Com a presença de artistas (pintores e radialistas), jornalistas e grande número de admiradores, o publico ficou sabendo que muitos militantes do microfone se dedicam, nas horas vagas, ao prazer da pintura. Foram expostos quadros de Dandrea Neto, Iberê Gomes Grosso, Oscar Writh da Silva, João da Baiana, Lídia Bastiani, Maria Teresa Vieira, René Cavé, Manèzinho Araújo, Victor Binot, Eugênio de Figueiredo, Altivo Diniz, Yveta Ribeiro, Francisco Carlos, [illegible] Filho, Leônidas Autuori, Sílvia Autuori, Lígia Sarmento, Gastão Formenti, Dorival Caymmi, Heitor dos Prazeres e Jorge Fernandes, num total de 80 obras. Nas fotos, alguns flagrante da abertura da exposição.

Caymmi, Braga, Yara e seu filho Binot.



Gastão Formenti agradece [illegible]



[illegible]





BABY LOMANI, a campeoníssima. "Miss São Paulo" reinará até 1955.

BABY LOMANI GANHOU A COROA

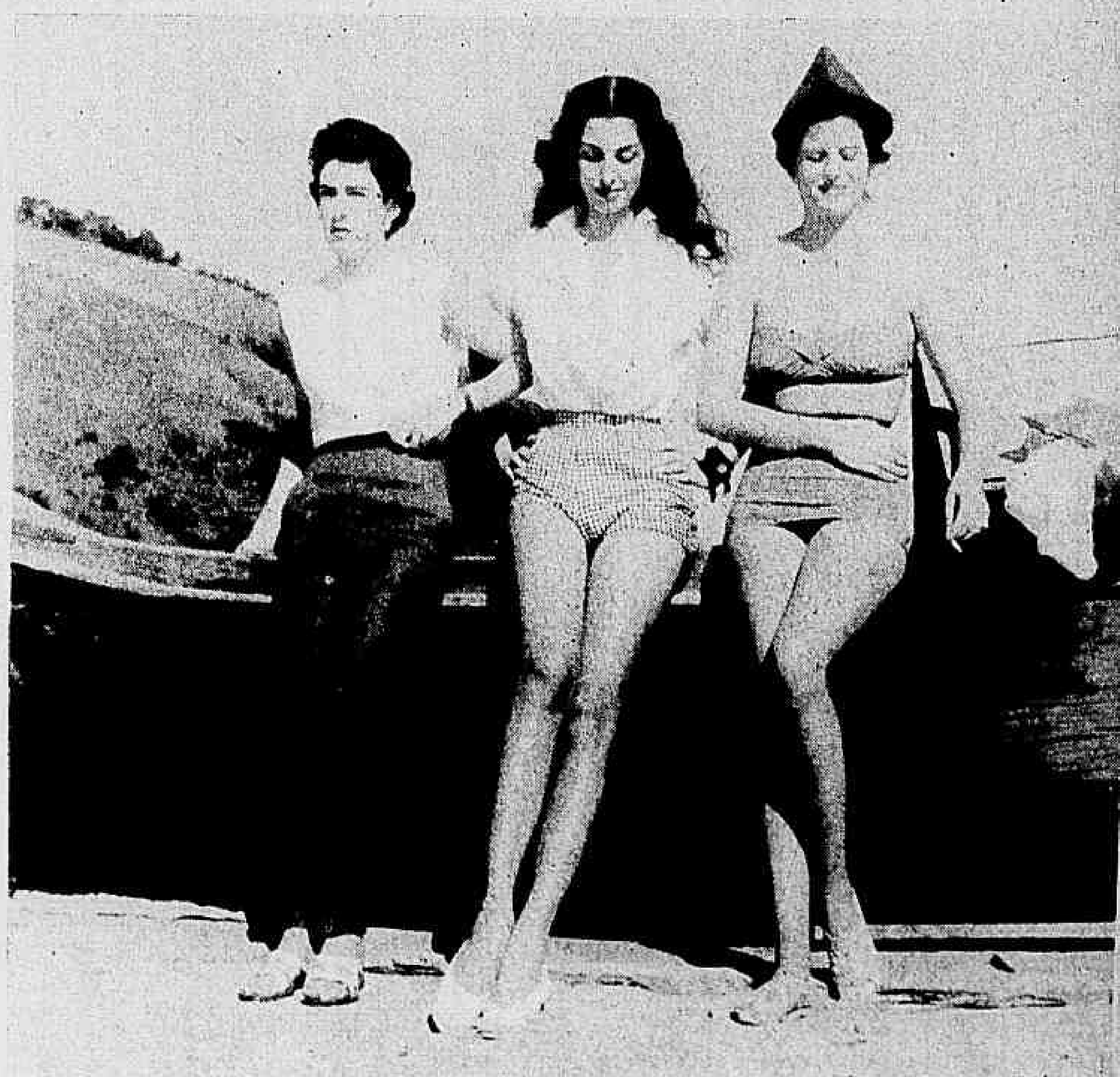


Fotos de JACK PIRES

APÓS a exibição da película "Desejo Atroz", cuja renda reverteu em benefício do Asilo Bom Pastor, realizou-se, no Cine Marabá, a escolha de "Miss São Paulo 1954". Confirmando tôdas as expectativas, Baby Lomani sagrou-se vencedora do certame. Serviram de juízes na eleição de Baby Lomani as sras. Marjorie Prado, Bia Coutinho, Lígia Fagundes Teles, o pintor Clóvis Gracindo e o sr. Paulo de Sá Pinto. Após a eleição e coroação, "Miss São Paulo" recebeu a faixa de campeã das mãos da sra. Lígia Fagundes Teles; e mais um prêmio de 50 mil cruzeiros, oferta do vespertino bandeirante "Fôlha da Tarde". As fotos que ilustram esta reportagem foram tomadas na praia de Pernambuco, no litoral paulista, por ocasião da recepção da sra. Marjorie Prado às candidatas ao título.



Sras. Lígia Fagundes Teles, Marjorie Prado, Bia Coutinho e Helena Silveira.



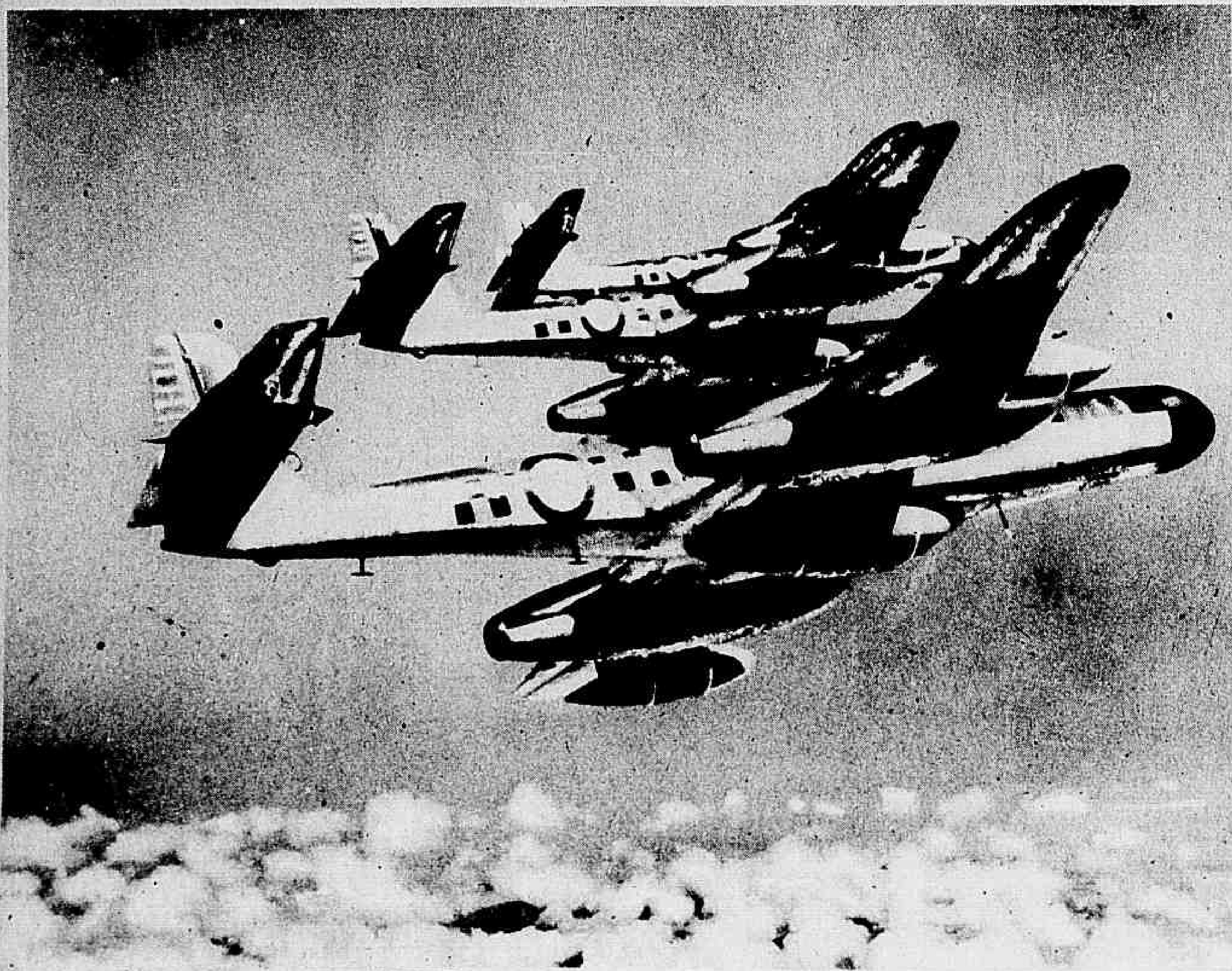
Sereias (na praia de Pernambuco) sob o sol de um domingo de junho.





AS DUAS MAIS BELAS

Françoise Arnoul (francesa) e Gina Lollobrigida (italiana) foram consideradas as duas mulheres mais belas do IV Festival Internacional Cinematográfico de Berlim. Nesse festival, o Senado de Berlim conferiu duas distinções ao filme italiano «A Grande Esperança» (1º prêmio do Departamento Católico Internacional do Cinema), uma distinção ao filme brasileiro «Sinhá Moça» e ao japonês «Viver Uma Vez Verdadeiramente».



Por êsse Mundo de Deus

OS MAIS EFICIENTES

Êstes são os novos «Meteor N. F. 14» (inglêses), considerados pelo Ministério do Ar como os caças a jato noturnos mais eficientes até hoje construídos, permitindo ao pilôto visão mais clara. A esquadrilha nº 85, formada em 1917, foi a primeira a receber êstes novos modelos.

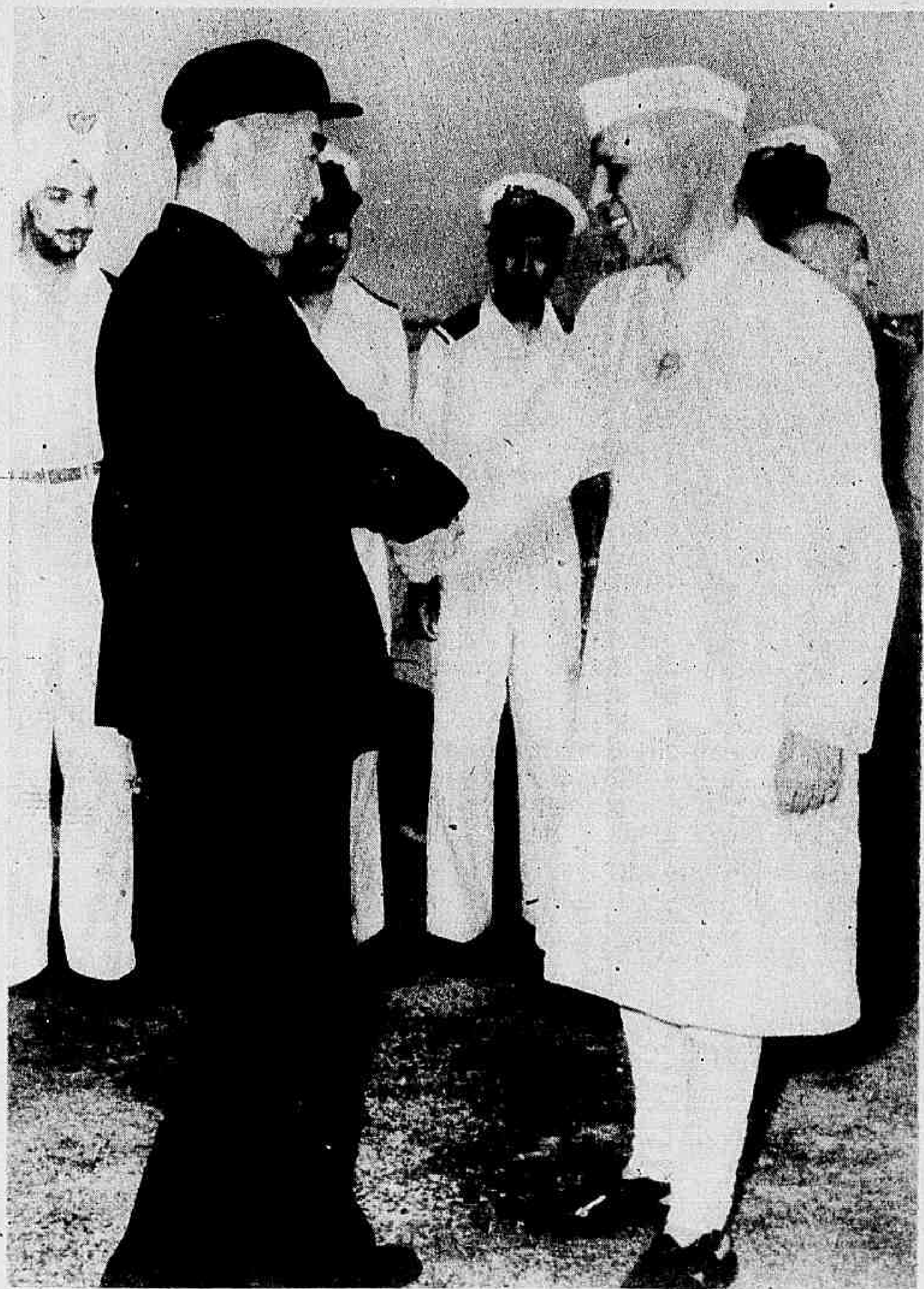
O ÚLTIMO «ROUND»

No jôgo Brasil x Hungria o último «round» foi disputado fora do gramado e sem uma bola para atrapalhar. Houve socos, pontapés, empurrões, e os jogadores brasileiros passaram a usar o braço ao invés da perna. O flagrante mostra policiais suíços quando corriam para os vestiários.



NEGÓCIO DA CHINA

O sr. Chou En Lai, o atualmente tão falado e comentado Primeiro Ministro chinês, ao ser cumprimentado pelo sr. Nehru depois de sua chegada ao aeroporto da Fôrça Aérea Indiana a oito de junho dêste ano, numa visita de cordialidade. Chou En Lai já está novamente em Genebra.





SEM SAL DE FRUTAS

Monsieur René Coty, presidente da República Francesa, aperta a mão do «Chef» Labrioche, que preparou uma deliciosa refeição para 1.100 anciães do Havre, cidade natal de Coty. Mestre Cuca ficou satisfeitíssimo com essa homenagem e prometeu caprichar mais nos próximos pratos.



RECEPÇÃO DE DESPEDIDA

Na mansão Korin (Tóquio) foi feita uma homenagem ao embaixador do Brasil, sr. J. A. Barbosa Carneiro, e sua espôsa, antes de partirem para o Brasil em gôzo de férias. Esta é a primeira vez que o diplomata brasileiro se ausenta do Japão desde que assumiu o pôsto, há dois anos.

O AMISTOSO

ANTONIO MARIA

Um cartaz amanhecera no Largo do Faria, nunciando:

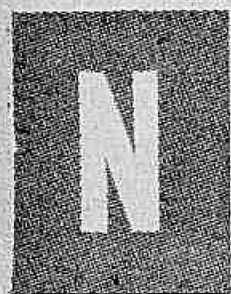
«Hoje — VIOLENTO AMISTOSO — Hoje

ORIENTE (daqui) x ESTRÊLA (de Ribeirão)

ÀS 16 HORAS — JUIZ: Cap. Guedes

11 riquíssimas medalhas

INGRESSOS: 1$100 — Militares e Crianças: $800



NÃO ERAM 10 horas da manhã e já havia um grande movimento em frente ao portão do campo da Liga. Vendedores de amendoins, de roletes, de laranjas, barraquinhas de «geladas», café, aguardente e os primeiros ingressos sendo vendidos àqueles que queriam ver o jôgo junto à cêrca, sem ninguém na frente para atrapalhar. O campo da Liga, se bem que muito bom de grama, era sòmente o muro, que o separava da rua, a cêrca de arame em volta do gramado e mais nada. Autoridades e suas famílias, o padre, o farmacêutico e as pessoas de dinheiro podiam, querendo, trazer de casa cadeiras de vime e colocar dentro do campo, entre a cêrca e a linha de out-side, para ver melhor e sair na fotografia. Êsse jôgo entre o Oriente e o Estrêla do Ribeirão estava sendo esperado com grande ansiedade. Seria o primeiro de uma série de três e a torcida local estava certa de que Apolinário (Poli), meia do Oriente resolveria o caso nos primeiros 10 minutos. Diziam: «Poli está jogando uma enormidade». E inventavam: «Recebeu um convite do Botafogo do Rio e outro do Ateniense do Recife, e não aceitou». Apolinário, de fato, jogava muito bem. Chutava forte com os dois pés, driblava, corria muito e bola alta na área — já sabe: dava uma cabeçada que era mesmo que um chute. Sua vida, também, era só o futebol. Tinha um emprêgo na Coletoria, mas só para constar — podia faltar quantas vêzes quisesse. Sua noiva (Maria Marcela), uma beleza de moça, adorava vê-lo entrar em campo, com todos os enfeites de um jogador que se preza: joelheira, tornozeleira, caneleira e, meio virada na cabeça, uma boina. Nessa tarde, no vestiário, quando Poli acabou de se vestir, « «seu» Spinelli, o presidente do clube, o chamou a um canto. Devia ser para as recomendações de sempre: correr, fazer goal e não prender muito a bola. Mas, não. A conversa era completamente nova:

— Olhe aqui, rapaz, você, hoje, não me faça goal. Mandei gente apostar que você não passava nos beques do Estrêla e entrei nisso em quase 50 contos. Feito?

Apolinário não disse que sim, nem que não. Faltou-lhe coragem para falar, mas a vontade foi tirar a camisa e pedir que botassem Laurinho em seu lugar. Diante da autoridade do «seu» Spinelli, entrou em campo assim mesmo. Palmas, foguetes e gritos. O Oriente estreando uma camisa nova: azul, com uma faixa encarnada no peito. Quem tinha Kodak tirou fotografias, não só dos dois times, como do juiz e da assistência. Depois das cerimônias, Poli veio dar uma espiada em Maria Marcela, que estava, com o irmão pequeno, em cadeiras de vime, ao lado do juiz e do vigário. Maria Marcela deu as ordens de sempre: — Quero que você faça ao menos dois.

E o jôgo começou. O Oriente atacou de saída mas, na área, cadê o chute de Poli. Escorregava, mandava por cima da trave ou deixava que o «goal-keeper» do Estrêla lhe caísse aos pés e tomasse a bola. Num contra-ataque dos visitantes, Nanico segurou o ponta esquerda pelo calção e o Capitão Guedes deu o pênalti. A torcida prendeu a respiração desde a hora em que a bola foi posta na marca. Quando o ponta dêles chutou, Zé do Júlia caiu no canto abraçado com a bola. Foi um delírio! Esquentada pelo feito do seu goleiro, a torcida começou a pedir que Poli abrisse a contagem. Mas, nada. Poli fazia o mais difícil: driblava, passava por todos e, na hora de fazer o goal, que era o mais fácil, saía um chutinho de nada. A torcida, embora decepcionada, não desconfiava. Houve uma hora em que a meta do Estrêla ficou vazia e era só empurrar no canto. Poli, atrasou a bola para o center-half. Nas cadeiras o tesoureiro do clube veio falar com o «seu» Spinelli para sugerir a entrada de Laurinho. Spinelli deu aquêle riso cheio de obturações a ouro, pediu que tivessem calma e sentenciou: «ruim com êle, pior sem êle». E o primeiro tempo acabou, com 0x0 no «placard». Grandes movimentos no vestiário. Spinelli foi na frente e ordenou que ninguém falasse com Poli, que era para «o rapaz não ficar nervoso». E, ao ouvido do pobre moço, consolava: «não se incomode; no segundo jôgo, você faz quantos goal quiser». Poli não dizia nada. Esfregava as mãos, tremia nos lábios e nas pernas. E Spinelli rindo, pedindo calma aos outros, prometendo que, no segundo tempo, a coisa ia virar. As equipes voltaram a campo. Ao atravessar a portinhola do campo, Poli ouviu um negro dizer:

— Vá, minha fé!... e a torcida, mais do que nunca, aplaudia o onze do Oriente. No primeiro minuto de jôgo, o ponta do Ribeirão escapou, entrou na área, Zé do Júlia saiu mal, foi driblado e tôda a linha adversária entrou de goal a dentro, com bola e tudo. Silêncio na torcida. Com a tabuleta marcando 1x0, os visitantes cresceram e começaram a atacar. A linha do Oriente nem parecia linha e Poli, como um tonto, com as mãos na cintura, parada no meio do campo. Foi aí que alguém gritou da torcida:

— Tá vendido!...

O segundo tempo ia com 20 minutos. Poli veio correndo de onde estava e parou em frente à cadeira de Maria Marcela. A moça estava branca. Dali, foi correndo ao lugar onde estava o presidente do clube e gritou: — «Seu» Spinelli o trato está desfeito.

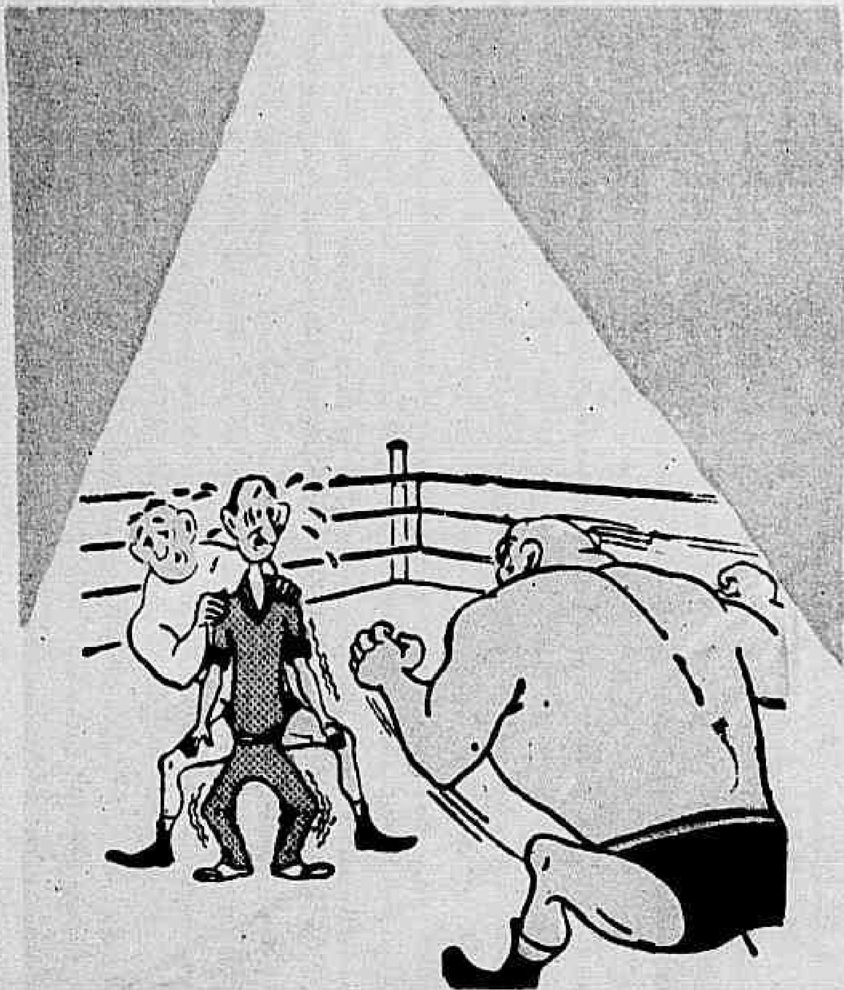
Voltou para o meio do campo e, na primeira bola que recebeu, passou por três e, de fora da área, fuzilou a meta adversária. A emoção foi demais porque a bola, antes de entrar, ainda bateu nos dois postes laterais. O jôgo estava empatado e a assistência tôda pedia: «mais um». Foi quando Poli largou uma bola na ponta com Siri e correu para dentro da área. O extrema correu até quase à bandeira de «corner» e, de lá, centrou em grande estilo. Quando se viu, Poli, que vinha na corrida, tirou a boina, jogou no canto esquerdo da meta e cabeceou no direito, certo, sêco, indefensável. Tinha feito o grande goal, o goal da vaia. Faltavam ainda 9 minutos para acabar, mas foi impossível evitar a invasão de campo. Poli era carregado e todo mundo gritava: Friedenreich, Friedenreich, Friedenreich!» Maria Marcela, coitadinha, chorava tanto e estava tão sem ar, que acharam melhor levá-la à farmácia para tomar injeção. Vendo que não era mais possível continuar o jôgo, a própria diretoria do Estrêla sugeriu que os 9 minutos restantes fôssem jogados no domingo seguinte.

Sentado ainda em sua cadeira de vime, «seu» Spinelli fumava um charuto.

Desenho de DAREL



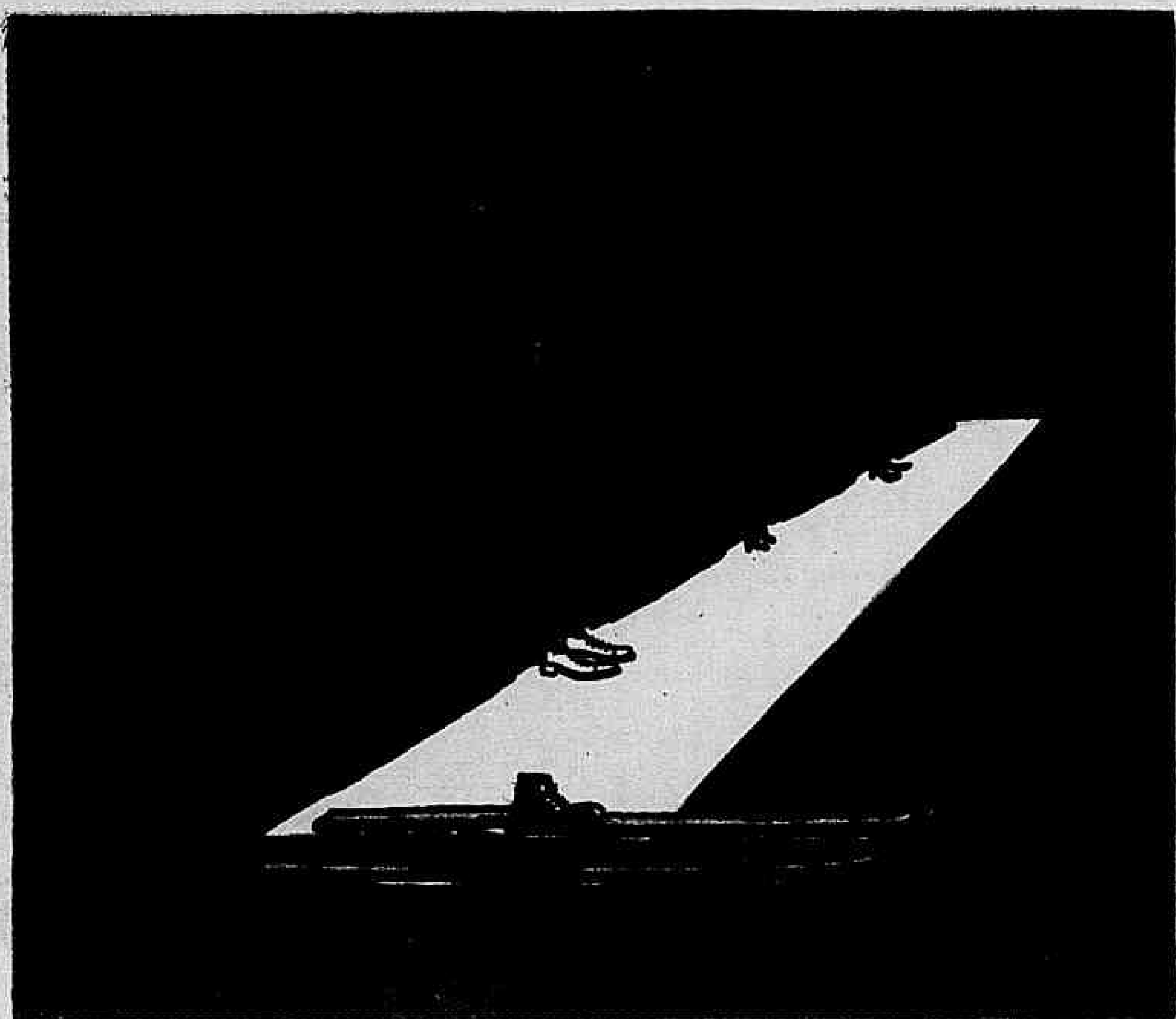
OS ESPORTES NO RISO DOS OUTROS



— Bôbo!



— SEM PALAVRAS





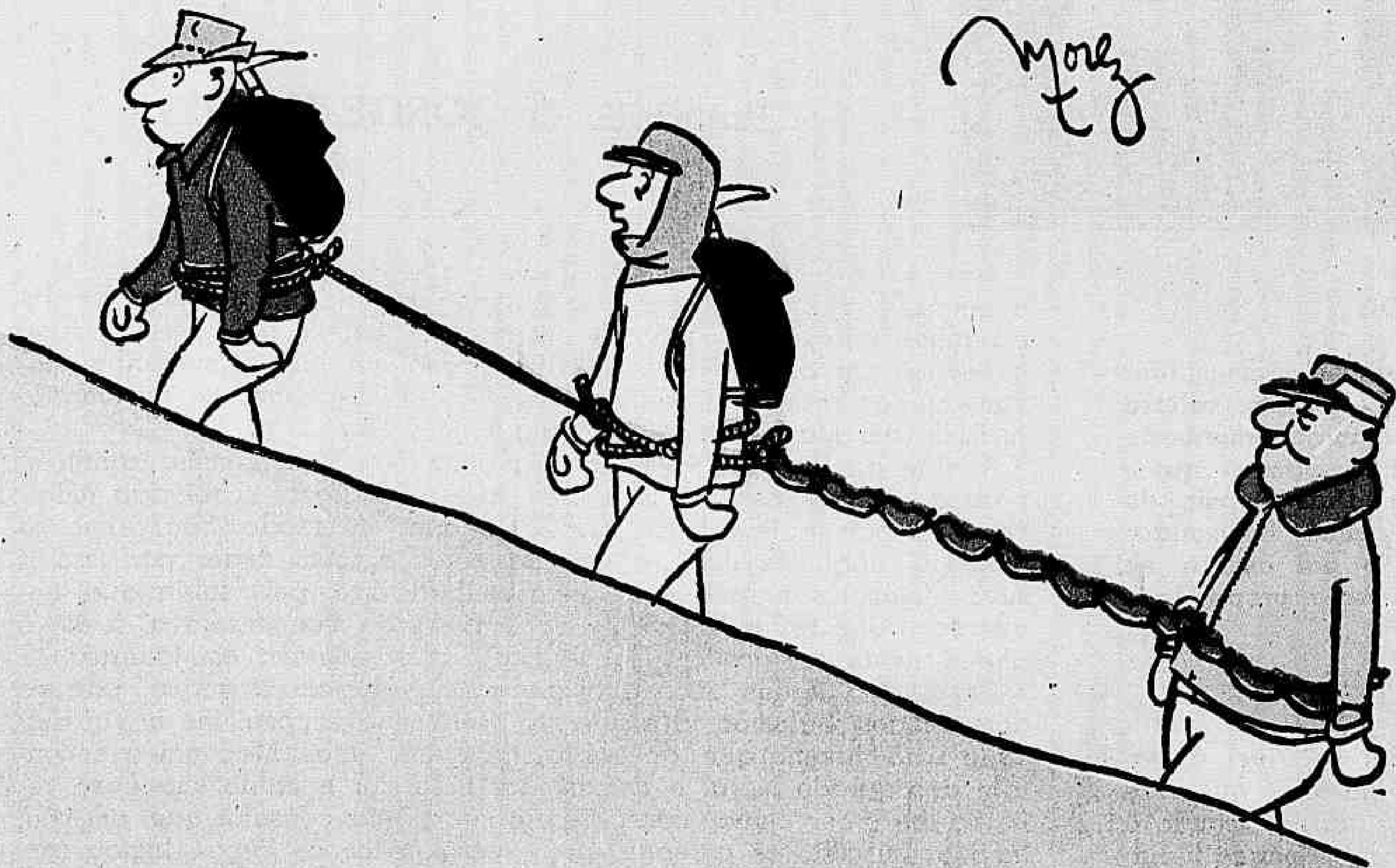
— Fogo, por favor!



— SEM PALAVRAS



— Que acrobacia qual nada! E' que ela tem um furúnculo mal situado...



— Êste Pedro não se emenda. Sempre com mêdo de morrer de fome...



— O senhor não teria algum remédio que me fizesse perder a mania do hockey?



— Quem é que me chamou de canastrão?



— E' clorofórmio. Basta um sôco para você fazê-lo dormir...



— E agora, antes de partirem, todo o dinheiro para cá!



— Um pouco de ar fresco faz sempre bem...

MARIA

Romance de JORGE ISAACS

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Efrain, filho de grande fazendeiro, fôra ainda muito jovem estudar a Bogotá. Ali passara anos, até que, concluido o seu curso, voltara ao lar. Seus pais e irmãs lhe fizeram festas; mas a maior impressão do rapaz foi para Maria, uma cria da família, linda moça a quem Efrain dedicava amizade inocente desde criança. Dias depois da chegada, seu pai o convidou a visitar a usina de açúcar e fazendas de sua propriedade. Numa delas Efrain foi com o pai assistir ao casamento de um escravo com uma negra da mesma propriedade paterna.

MEU pai ficou satisfeito com a atenção que dediquei às fazendas em nossa excursão; mas quando lhe disse que, dali em diante desejava ajudá-lo nos serviços rurais, ficando a seu lado, manifestou-se quase pesaroso com a minha idéia, pois era desejo seu que eu fôsse à Europa a fim de concluir meus estudos de medicina, devendo eu empreender a viagem, o mais tardar, dentro de quatro meses. Explicou que devia sacrificar-se em meu favor, não podendo aceitar minha dedicação. Ao falar-me assim sua fisionomia se revestiu de solene seriedade, mas sem afetação, e era o que se notava, quando êle decidia seus problemas de maneira irrevogável. Passava-se isto na tarde em que regressávamos à serra. Comenaçava a anoitecer e, não fôra isso, teria notado a emoção que sua negativa me causava. O resto do caminho se fêz em silêncio. Quão feliz teria sido eu ao voltar a ver Maria, se a notícia desta viagem não se houvesse interposto desde aquêle momento entre minhas esperanças a ela!

VI

Que se havia passado na alma de Maria naqueles quatro dias? Ia ela colocar um candeeiro em uma das mesas do salão quando me aproximei para saudá-la. Eu já estranhara não tê-la visto no patamar da casa em meio do grupo da família quando acabávamos de apear. Percebi o tremor de sua mão ao colocar a luz no móvel. Procurei ajudá-la, menos tranqüilo do que imaginei estar. Pareceu-me ligeiramente pálida, e ao redor de seus olhos havia leve sombra, inperceptível a quem a visse sem fitá-la. Voltou o rosto para minha mãe, que falava naquele momento, evitando que eu pudesse examiná-lo banhado pela luz que vinha de perto. Notei então que numa das tranças trazia um cravo já murcho. Era, sem dúvida, o que eu lhe havia dado na véspera de minha viagem para o Vale. A pequenina cruz de coral esmaltado que eu havia trazido para ela, o que também oferecera a minhas irmãs, estava em seu colo pendente de um cordão de pêlo negro. Estava silenciosa, sentada em meio das poltronas em que eu e minha mãe nos sentáramos. Como a resolução de meu pai sôbre minha viagem não me saía da memória, com certeza lhe parecia eu triste, pois me disse em voz de quem apenas murmura:

— A viagem lhe causou algum mal?

— Não, Maria — respondi. Mas estivemos muito expostos ao sol e andamos tanto...

Ia eu dizer-lhe algo mais; porém o acento confidencial de sua voz, a nova luz que surpreendi em seus olhos, só me permitiram olhá-la fixamente, até que, percebendo que ela se perturbava com a insistência de meu olhar, e vendo que meu pai também me fitava (com olhar mais terrível quando certo sorriso passageiro lhe vagava nos lábios), saí do salão dirigindo-me a meu quarto.

Fechei a porta. Ali estavam as flores colhidas por ela para mim. Acariciei-as com os meus beijos; quis aspirar de uma vez todos os aromas, amarrotando-lhes as pétalas, buscando nelas os perfumes dos vestidos de Maria. Banhei-as com as minhas lágrimas... Ah! Os que não choraram de felicidade assim, chorarão de desespêro, quando virem passar a sua adolescência sem jamais ter amado!

Primeiro amor! Nobre orgulho de nos sentirmos amados! Doce sacrifício de tudo o que antes nos era caro a favor da mulher amada! Felicidade que, comprada para um dia com as lágrimas de tôda uma existência, receberíamos como um dom de Deus! Perfume para tôdas as horas do porvir, luz inextinguível do passado! Flor guardada na alma e que não murcha com os desenganos! Único tesouro que não pode ser arrebatado pela inveja dos homens! Delírio delicioso... Inspiração do céu! Maria! Maria! Quanto te amei! Quanto te amara!

VII

Quando meu pai fêz a ultima viagem às Antilhas, Salomão, um seu primo a quem muito havia querido desde menino, acabava de perder a espôsa. Muito jovens haviam vindo juntos para a América do Sul, e em uma de suas viagens se enamorou meu pai da filha de um espanhol, intrépido capitão de navio, que, depois de haver deixado o serviço por alguns anos, se viu forçado em 1819 a empunhar novamente as armas em defesa dos reis da Espanha, tendo morrido fuzilado em Majagual a 20 de maio de 1820.

A mãe da jovem a quem meu pai amava, exigiu como condição para o seu casamento com a filha, que renunciasse a religião judaica. Meu pai se fêz cristão aos vinte anos de idade. Seu primo se afeiçoou, naqueles dias, à religião católica, sem ceder por isso a suas instâncias para que também se batizasse, pois sabia que, enquanto o que fêz meu pai lhe dera a espôsa que desejava, a êle o impediria de ser aceito pela mulher a quem amava em Jamaica.

Depois de alguns anos de separação, voltaram a ver-se, pois os dois amigos. Salomão já era viúvo. Sara, sua espôsa, lhe havia deixado uma menina que, ao tempo, tinha três anos. Meu pai o encontrou desfigurado moral e fisicamente pela dor e então sua nova religião lhe proporcionou consôlo para seu primo, consolos que, em vão, haviam buscado os parentes, para reerguer-lhe as fôrças. Instou com Salomão para que lhe desse sua filha a fim de ser educada ao nosso lado, e se atreveu a propor-lhe que a faria cristã. Salomão aceitou, dizendo-lhe: «E' verdade que sòmente minha filha me impediu de empreender uma viagem à Índia, que melhoraria meu espírito e remediaria minha pobreza. Também tem sido ela meu único consôlo desde a morte de Sara. Mas, se você a quer, que seja sua filha. As cristãs são doces e boas e sua espôsa, deve ser uma santa mãe. Se o cristianismo dá nas desgraças supremas o alívio que você me deu, talvez que eu tornasse infeliz a minha filha, fazendo-a judia. Não diga nada aos nossos parentes; mas, quando chegar ao primeiro pôrto onde haja um sacerdote católico, leve-a à pia batismal e mude o seu nome de Ester, para o de Maria». Isto dizia o infeliz a derramar muitas lágrimas.

Poucos dias depois abria as velas da baía de Montea a escuna que devia conduzir meu pai às costas da Nova Granada. A ligeira nave estendia suas brancas velas como uma garça de nossos bosques as suas asas antes de empreender o grande vôo. Salomão entrou na cabine de meu pai, que acabava de trocar de roupa vestindo-se à moda de bordo, levando Ester em um dos seus braços, enquanto no outro segurava um pequeno volume contendo as roupinhas da filha. A garotinha estendeu os bracinhos para o tio, e Salomão, entregando-lhe a filha, caiu em soluços sôbre o baùzinho da menina. Aquela criatura, cuja cabeça preciosa acabava de banhar com uma chuva de lágrimas, o batismo da dor antes do da religião de Jesus, era um tesouro sagrado. Meu pai o sabia muito bem e jamais o esqueceu. A Salomão foi recordada por seu amigo, ao saltar êste à lancha que os ia separar, uma promessa, e êle respondeu com voz afogada: «As orações de minha filha por mim, e as minhas por ela e por sua mãe, subirão juntas aos pés do Crucificado».

Tinha eu sete anos quando meu pai regressou. Desprezei os presentes preciosos que me trouxera dessa viagem, para admirar aquela menina tão bela, tão doce e sorridente. Minha mãe a cobriu de carícias, e minhas irmãs a agasalharam com ternura, desde o momento em que meu pai, pondo-a no regaço de sua espôsa, lhe disse: «Esta é a filha de Salomão, que êle te envia».

Durante nossos folguedos infantis seus lábios começaram a modular acentos castelhanos tão harmoniosos e sedutores em uma linda bôca de mulher e risonha de uma criança.

Haviam passado uns seis anos. Ao entrar eu uma tarde no quarto de meu pai, ouvi-o a soluçar; tinha os braços cruzados sôbre a mesa e nêles apoiava a fronte. Perto dêle minha mãe chorava, e em seus joelhos reclinava Maria a cabeça, sem compreender essa dor e quase indiferente aos lamentos de seu tio: era que uma carta de Kingston, recebida naquele dia, dava a nova da morte de Salomão. Lembro-me apenas de uma expressão de meu pai naquela tarde: «Se todos me vão deixando sem que possa receber seus últimos adeuses, para que retornar eu a meu país?» Ah! Suas cinzas deviam descansar em terra estranha, sem que os ventos do oceano, em cujas praias brincou quando menino, cuja imensidade cruzou jovem e ardente, venham varrer sôbre a lousa de seu sepulcro as flores sêcas dos aromas e o pó dos anos!

Poucos eram então os que, conhecendo nossa família, podiam suspeitar que Maria não era filha de meus pais. Falava bem nosso idioma, era amável, viva e inteligente. Quando minha mãe lhe acariciava a cabeça, ao mesmo tempo que a minhas irmãs e a mim, ninguém poderia adivinhar, qual era, ali, a órfã.

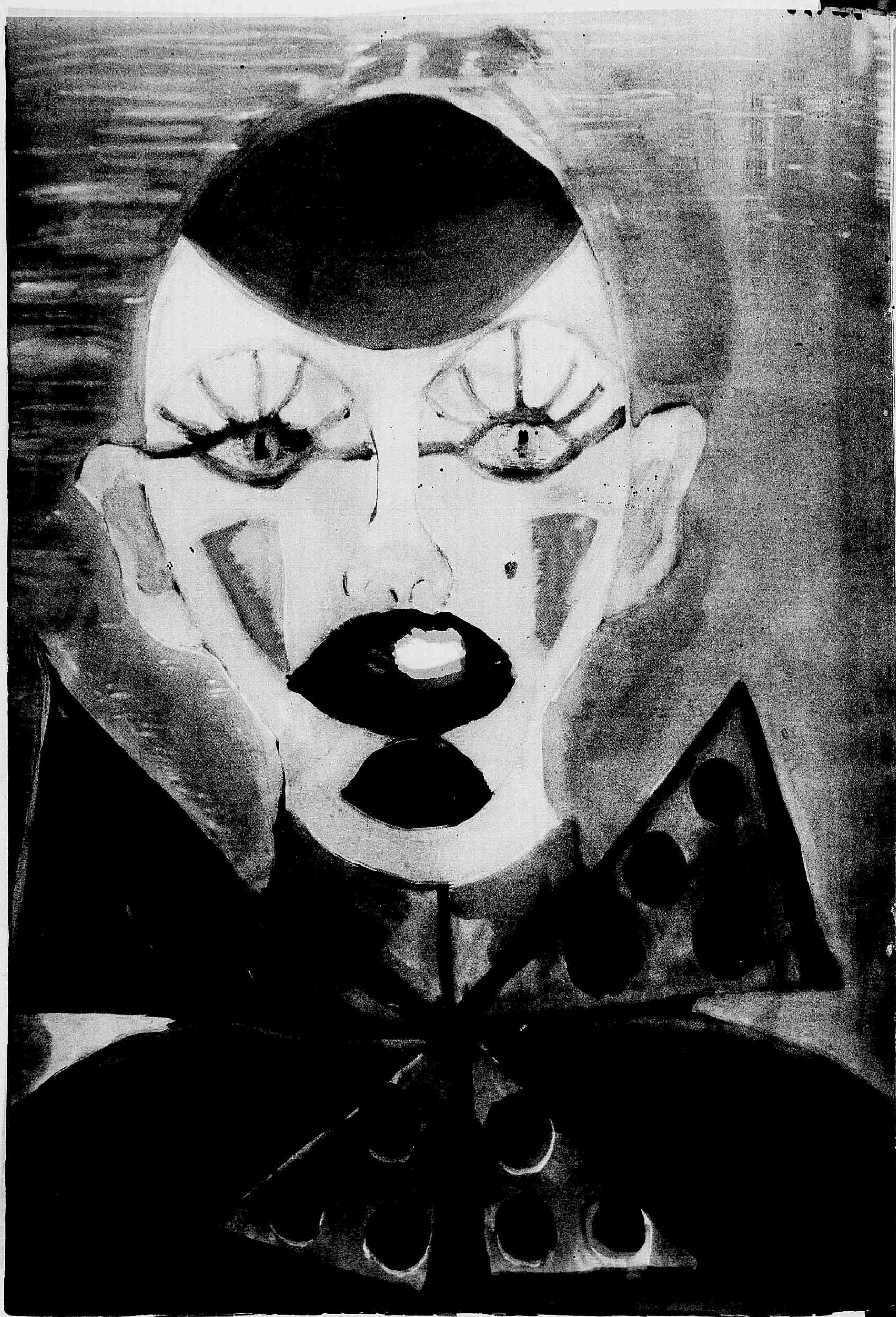
Tinha nove anos. A cabeleira abundante, ainda de côr castanho claro, sôlta a brincar sôbre sua cintura fina e móvel. Olhos expressivos. Sua voz tinha expressão de certa melancolia, que não possuíam nossas vozes. Tal era a imagem que dela levei quando parti da casa paterna. Assim estava na manhã daquele triste dia, sob as trepadeiras da janela de minha mãe.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Desenho de RAMÓN







PERSONALIDADE E COLORIDO

● Êstes desenhos de Vera Bocaiúva, que reproduzimos aqui, não foram feitos especialmente para servir de ilustração à crônica de Álvaro Moreira. Mas a ela se ajustam perfeitamente — e do conjunto nasceu essa harmonia de texto e de côres que aí está. Vera Bocaiúva é uma dos mais vigorosos elementos da nova pintura brasileira. Tendo começado a pintar muito cedo (em 1941), sob a influência direta de Correia de Araújo, Guignard e Santa Rosa, Vera logo se impôs pela sua personalidade muito forte e, principalmente, pelo seu colorido. Na França, dois autênticos mestres, Fernand Leger e André Lhote, puseram-na em contato com a técnica e as tendências da arte mais moderna. Vera Bocaiúva já expôs duas vêzes: a primeira, há dois anos, no Instituto Brasil - Estados Unidos; a última, há dias atrás (e juntamente com Darel), no 9º andar da Associação Brasileira de Imprensa.



ARLEQUIM

Álvaro Moreyra

ARLEQUIM nasceu em Atenas, quando o sol andava na adolescência e ainda não se publicavam jornais. Naquele tempo, havia uma graça na vida. A Liga pela Moralidade era um gérmen perdido na grande natureza... Afrodite saiu sem roupa do mar e ninguém protestou. Ao contrário, foi até muito aplaudida.

À sombra das oliveiras, acompanhando pelo céu sem nuvens o vôo alegre das cegonhas, Arlequim, meio nu, meio vestido, sorria... O sorriso de Arlequim fêz o primeiro comentário, verdadeiramente filosófico, sôbre o mundo e seus habitantes. O velho Sócrates aproveitou-o para inventar a ironia. O tempo caminhou. A terra envelheceu. Mas Arlequim continuou igual. Só mudou de figurino.

★

Êle assistiu aos vários espetáculos, mais ou menos interessantes, da chamada evolução humana... Cada época (com seus peixes e coisas, mares e terras, homens e borboletas), supera a anterior; e a última, se acontecer que alguma dê em última, realizará a perfeição...

★

Como será a perfeição? Quem sabe se ela já não existe junto de nós, sendo hoje, no nosso julgamento, imperfeitíssima?... Arlequim gosta de viver, embora tenha que ir, todos os anos, ao Baile dos Artistas... Êsse baile reproduz o destino das pessoas infelizes: está sempre para melhorar... Arlequim, de casaca preta, percorreu, nas quatro noites contentes, os salões de dança. As cigarras seguiram o conselho daquela remota formiga; puseram-se tôdas a dançar...

— Então, eu sou cigarra?

— Você tem sido tanta coisa, minha filha... Que lhe custa mais esta?...



UM POUCO DE BELEZA

OS SEUS PÉS

● Procure fazer com que seus pés sejam saudáveis e atraentes. Lembre-se que de seu estado depende em grande parte o seu bom humor e portanto a sua beleza. Adquira o hábito de aplicar-lhes freqüentemente uma boa massagem de manteiga de cacau. Estimula a circulação, e proporciona extraordinário bem-estar. Os especialistas recomendam também banhos frios e quentes, alternados, com a mesma finalidade.

Como exercício, a melhor ginástica é rolar uma garrafa com a planta dos pés, durante cinco minutos pelo menos. Depois, para que êles se sintam livres, e à vontade, preste atenção para que suas meias sejam bastante folgadas, e os seus sapatos confortáveis. Rugas e mau humor indicam pés doloridos, ou inconfortáveis.

SAIBA USAR A BRILHANTINA

● **Os cabelos ressecados podem adquirir um belo brilho com aplicação conveniente de uma brilhantina. Use-a líquida, mas não a esfregue nos cabelos. Aplique-a com um vaporizador, colocado a, pelo menos, vinte centímetros dos cabelos. Depois, então, passe a escôva. Verá como o resultado é estupendo!**

PESCOÇO CURTO, PESCOÇO LONGO

● Com os modernos estilos de penteado é fácil fazer com que um pescoço curto pareça mais alongado. Penteie os cabelos para cima. Arranje-o em cachos, no alto da cabeça. Se fôr preciso, passe um pouco de laca, para que nenhum fio caia sôbre o pescoço. Para os pescoços longos, recomendamos, ao contrário, um penteado para baixo.

OSCAR WILDE

O AMOR, E AS MULHERES



★ *Oscar Wilde — o grande e controvertido romancista inglês, espalhou pela sua obra curiosos aforismas a respeito do amor e das mulheres. Alguns encerram muita verdade, outros são frutos de sua filosofia tôda pessoal. Eis alguns dos mais interessantes:*

★ *As mulheres inspiram-nos o desejo de executar obras primas, porém sempre impedem-nos de executá-las.*

★ *A única maneira de uma mulher reformar um homem é aborrecê-lo tanto a ponto dêle perder qualquer interêsse pela vida.*

★ *A felicidade de um homem casado depende das pessoas com as quais não se casou...*

★ *É tão fatal para um artista casar-se com seu modêlo como para o comilão casar-se com sua cozinheira: o primeiro perde as poses do modêlo, e o segundo perde os seus jantares.*

★ *As mulheres se defendem atacando, exatamente como atacam por meio de súbitas e inesperadas rendições.*

★ *O verdadeiro Don Juan não é o homem vulgar que procura conquistar tôdas as mulheres que encontra... O verdadeiro Don Juan é aquêle que diz à mulher: — Vai-te! Não te quero. Atrapalhas minha vida. Posso passar perfeitamente sem ti.*

★ *Hoje em dia é perigoso para um marido dar muita atenção a sua própria espôsa em público. Sempre faz os outros pensarem que a bate quando estão sòzinhos.*

★ *Se nós, os homens, nos casássemos com as mulheres que merecemos teríamos uma vida miserável.*

★ *As mulheres foram feitas para serem amadas e não para serem compreendidas.*

★ *O chôro é o refúgio das mulheres comuns, porém é a ruína das mulheres bonitas.*

★ *Os maridos das mulheres muito lindas pertencem à classe dos criminosos.*

WEEK-END NA COZINHA



● Eis um prato que se poderia denominar de «precioso», pois prepara-se ràpidamente e tem a aparência e o sabor de uma iguaria rara. Pode ser o prato principal de qualquer almôço ou jantar de cerimônia, e há de merecer grandes elogios. Experimente-o uma vez, e tenha a receita sempre à mão para quando a ocasião se apresentar. Os bolinhos são de atum (em lata) e o creme que os recobre de queijo e creme de cogumelos (em lata).

Vejamos, porém, a receita, que dividi em parágrafos numerados para facilitar a preparação:

1 — A primeira etapa é a preparação do arroz: ponha para cozinhar uma xícara e meia, em 3 xícaras dágua, com uma e meia colher das de chá de sal. Cozinhe-o em fogo forte, inicialmente, de forma que a água ferva vigorosamente. Depois abaixe o fogo o mais possível, cubra a panela e não tire a tampa nem mexa o arroz enquanto estiver cozinhando, o que deve demorar uns quinze minutos. Tire do fogo, e o arroz está pronto para ser usado, mantenha-o, porém, tampado, até o momento de usar.



2 — Abra uma lata de atum de 200 gramas. Ponha o peixe num prato e esmigalhe-o com um garfo. Tempere com 2 colheres das de sopa de cebola picadinha, e a mesma quantidade de pimentões verdes, também picadinhos. Misture com o arroz quente.

3 — Use para enformar seis forminhas individuais. Enxague cada uma em água fria. Ponha dentro a mistura, apertando bem. Desenforme em seguida, numa travessa grande, como na fotografia, ou em pratinhos individuais, (que possam ir ao forno) dois para cada pessoa.

4 — Prepare, então, o môlho delicioso: misture uma lata de creme de cogumelos concentrado (de 300 gramas) com meia xícara d'água Ponha sôbre as forminhas de arroz com atum. Espalhe por cima uma xícara de queijo parmezão ralado.

Asse em forno moderado, perto de meia hora, ou até o queijo ficar ligeiramente tostado. Sirva bem quente.

★★★★★★★★★★★★★ *Sugestão para o lar* ★★★★★★★★★★★★★





● Um apartamento de rapaz solteiro, composto de uma grande sala, banheiro e «kitchenette». Aí está, para o leitor que se assina «Anacoreta», a sugestão que nos pareceu mais indicada: o sofá do primeiro plano é um sofá-cama, amplo e confortável. Ao fundo uma mesinha redonda que tanto serve para refeições como para se escrever, ou para uma partida de canastra com os amigos. Os dois armários, bem divididos podem conter tôda a roupa pessoal e do apartamento. Mais duas poltronas para o bate papo; mesinhas para abajurs e cinzeiros; um tapête felpudo forrando todo o chão; cortinas alegres nas portas e janelas, completam esta sugestão do decorador Bloomingdale, que veio mesmo a calhar para o leitor «Anacoreta».

AINDA SÔBRE OS ESTRANGEIROS

TEDDY

● Com a chegada do «astro» dos cinemas mexicano e argentino, Arturo de Gordova, e a notícia da próxima vinda de Gina Lollobrigida às plagas brasileiras, renasce o «espírito do contra» que tantas vêzes já se manifestou em prejuízo total para o cinema brasileiro. São os caçadores de fantasmas que permanecem fiéis à sua política destruidora, porque derrotista, verdadeiros diabos da opinião, que usam a imprensa e o rádio, muitas vêzes através de inocentes úteis, para dizer tolices sem conta num protesto importuno contra os artistas estrangeiros que aportam aqui para dar sua arte em favor da sétima arte brasileira.

Foi assim com Glenn Ford e foi o que se viu. O artista americano partiu levando mágoas de nossa gente e a razão estava de seu lado, pois seria pouco humano negar-lhe o direito de achar incorreto o procedimento dos muitos que viram na sua presença uma ameaça aos artistas nacionais, e a ruína para o nosso cinema, ao qual êle se propôs compensar com o seu talento e sua fama. Que ganhamos com tudo isso? Nada. Apenas outra amarga experiência e uma oportunidade valiosa de começar alguma coisa de sério num cinema que, infelizmente, não é levado a sério... Muita culpa, por êsse estado de coisas que se faz permanentemente incômodo, cabe aos falsos nacionalistas que aparecem nos congressos de cinema vociferando sandices e querendo o estabelecimento de leis absurdas, cujos resultados trarão apenas conseqüências políticas desastrosas para nós.

Se Arturo aqui desembarca exibindo um contrato para filmar sob o céu brasileiro, pede-se nas rodas venenosas e nos jornais que êle seja tratado como um indesejável que veio tirar o pão da bôca dos artistas nacionais. Se Gina Lollobrigida vier nos encantar com sua beleza e participar de filmes brasileiros, se pedirá para ela uma indiferença pelo mal que estará fazendo às «estrêlas» nacionais. Felizmente a gente que assim age está muito conhecida para poder esconder seus verdadeiros propósitos. Sua côr é por demais berrante e fere a vista de um cego, com perdão da comparação...

O CINEMA PITORESCO

● Aconteceu nos estúdios da Warner. No «set» de «So Big» — a nova versão do livro de Edna Ferber, com Jane Wyman — algumas dezenas de extras aguardavam o momento da filmagem. Era hora do almôço e os apetites estavam afiados, mas o diretor queria ainda rodar uma cena de rua com Jane Wyman e o grupo. «Que desafôro dessa tal Miss Wyman nos fazer esperar todo êsse tempo pela sua pessoa!» — comentou uma jovem extra para uma senhora de cabelos brancos que se achava fazendo tricô numa cadeira ao lado. «Pode vir, Jane: está tudo pronto!» — chamou o diretor Robert Wise. A senhora de cabelos brancos levantou-se, colocou o tricô na cadeira e encaminhou-se para as câmaras. Era Jane Wyman!

● A encantadora Jean Simmons apareceu um dia dêsses no «Bar of Music» para assistir ao «show» do famoso imitador Arthur Blake e num dado momento, tirou da bôlsa uma dessas cigarrilhas escuras, colocou-a na piteira e começou a fumar. Dois minutos depois, via-se cercada de uma dúzia de repórteres que estouravam no seu rosto tôdas as lâmpadas de «flash» que podiam encontrar. A razão? Julgaram que Jean estivesse seguindo a escola de Anne Baxter e aderido a charutos!



SEREIAS DO CINEMA — Marla English surge no cinema comparada a Elizabeth Taylor, pois sua semelhança com aquela artista é evidente. Dizem que além de ser uma encantadora sereia de boníta plástica, a pequena tem talento dramático...



UM GRANDE FILME — Damos nesta página de cinema uma cena do discutido e famoso filme de Orson Welles, «O Homem, a Bêsta e a Virtude», no qual tomam parte Totó e Vivianne Romance. Welles mostrou ser verdadeiramente um grande ator caracteristico, além de gênio do cinema.



O GULOSO MAC RAE — Nos estúdios de Burbank, Gordon MacRae, sua linda espôsa Sheyla e a «estrêla» Jane Powell apressam-se em apagar as velas do bôlo comemorativo ao filme «Three Saylors and a Girl», no qual contracenam Gordon e Jane. Êles comeram um bom pedaço...

«FLASH» EUROPEU

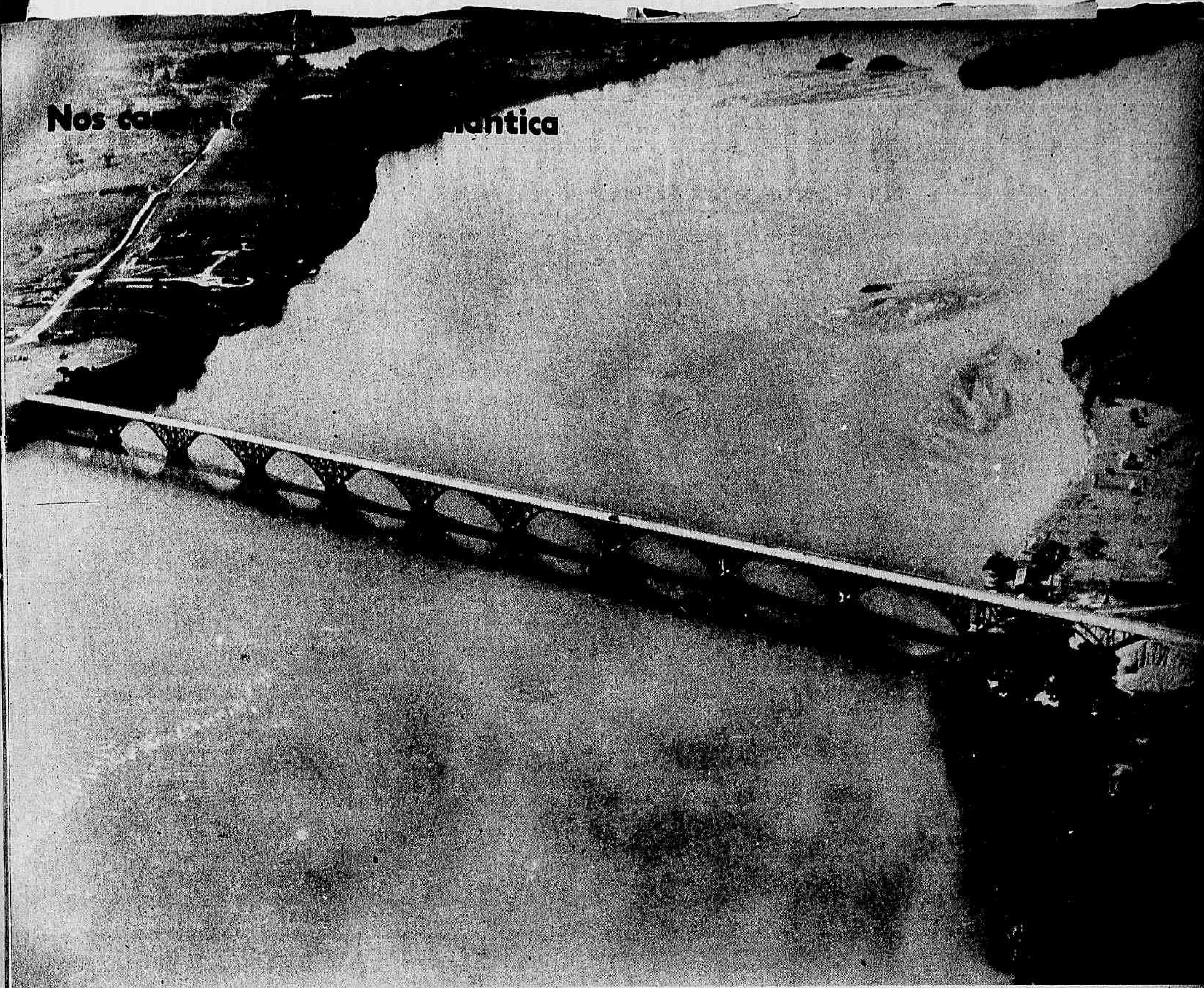
DON CAMILLO BATE RECORDES — Enquanto seu autor Guareschi permanece na prisão escrevendo suas novas aventuras, «Don Camillo» continua batendo recordes de bilheteria. Só na Itália produziu setecentos milhões de liras e um bilhão quatrocentos milhões de francos na França. Leve-se em conta para tanto sucesso a interpretação do cômico Fernandel que em D. Camillo encontrou seu verdadeiro tipo...

A CRÍTICA NÃO GOSTA DE UM FILME... — O título é banalíssimo e será ainda repetido por séculos. Os críticos não perdoaram o diretor italiano Antonioni por haver realizado um filme puramente comercial. Falamos de «A Dama sem Camélias», que lançado na Europa faz sucesso entre o público. Antonioni ainda não deu explicações...

UM DIVÓRCIO A LAMENTAR — Os temperamentos de Daniel Gelin e sua jovem espôsa, a atriz Danielle Delorme, concorreram em parte para que se consumasse o divórcio entre ambos. Continuarão amigos, declararam aos jornais, pois o filho do casal, Xavier, é razão muito forte para que sigam guardando tolos ressentimentos...

CINEMA BRASILEIRO

★ Adianta-se que prosseguem animadas as filmagens do filme experimental «Rio, a 40 graus», feito com artistas novos do cinema brasileiro. ★ Alberto Ruschell foi o principal intérprete de «Os Três Garimpeiros», dirigido por Gianni Pons que vem de ser concluído em São Paulo. Alberto deve embarcar muito breve para a Europa, contratado para várias películas. ★ Anselmo Duarte continua anunciando que recebeu proposta do cinema mexicano, mas que não irá sòzinho. Como Ilka tão cedo não poderá viajar, pois espera bebê, tão cedo também Anselmo não partirá. Poderá até desistir da viagem e ficar no cinema brasileiro onde se revelou e ganhou fama. ★ Arturo de Cordova disse aos jornalistas que o entrevistaram no aeroporto, que fará dois filmes na sua nova temporada no Brasil. O primeiro será «Mãos Sangrentas», cujas filmagens já foram iniciadas.



O Rio Doce foi transposto, mais uma vez, pela estrutura de ferro e cimento. Agora, em Linhares (antes em Colatina e em Baixo Guandu), está o novo ponto de união da terra capixaba, que o caudaloso curso corta ao meio. A foto aérea mostra a grandiosa obra recém-inaugurada, em tôda a extensão.

MAIS UM ELO DE LIGAÇÃO NORTE-SUL

Reportagem de ADALBERTO MENDES

O cimento armado transpõe, uma vez mais, o fabuloso Rio Doce ★ 22 de junho: inauguração da Ponte Presidente Vargas ★ Lançado em Linhares o marco decisivo para o progresso do norte capixaba.



O técnico responsável pela obra, eng. Luís Serafim Derenzi, fêz um histórico do notável empreendimento. Mal podia esconder sua emoção.



Para o gov. Jonas dos Santos Neves, êste foi um grande momento, dos maiores que pode viver um homem público. Havia cumprido o seu dever.

N... atlântica

Esta é a notável obra de engenharia que liga, em mais um ponto, o território espírito-santense, sôbre o Rio Doce. Foi construída pelo Estado com a colaboração financeira do govêrno da União. Mede 638 metros de comprimento por 11 de largura e seu custo subiu a mais de dezenove

A PONTE PRESIDENTE VARGAS: IDEAL CONQUISTADO EM QUATRO ANOS E MEIO DE LUTAS.

A construção da ponte, que o Govêrno capixaba houve por bem denominar «Presidente Vargas», sôbre o rio Doce, nesta histórica cidade de Linhares, completa uma etapa fundamental do Plano Rodoviário Nacional. A BR-5, prosseguimento da rodovia tronco que nasce nas coxilhas sulinas, encontrou o primeiro grande obstáculo: a transposição desta caudal, caminho bandeirante da costa atlântica ao «hinterland» brasileiro.

O espírito-santense já se habituou a vencê-lo com seus próprios recursos, quando da conquista para a civilização das terras feracíssimas da zona norte. Em 1928, o presidente Avidos construiu a ponte de Colatina; em 1945, o interventor Santos Neves lançava a ponte de Baixo Guandu, como que a demarcar nossa fronteira com o Estado de Minas Gerais. Em 1947, a zona litorânea adensando-se com a emigração patrícia reclamava, nesta cidade, meios de comunicação que não fôsse o obsoleto sistema de balsa, que lhe facilitasse o livre trânsito para sua produção sempre crescente. Os municípios de Conceição da Barra, de São Mateus, e de Linhares ficaram isolados da civilização nacional, com seu progresso estancado, se providências consentâneas não fôssem tomadas. Foi quando o governador de então, o dr. Carlos Monteiro Lindenberg, enfrentando a descrença dos técnicos estatísticos, esposou a idéia de construir, a qualquer preço, a ponte que hoje podemos contemplar. Não lhe faltou a coadjuvação do senador Jones dos Santos Neves, que, com o prestígio de sua inteligência, obteve a primeira verba no orçamento da República. Delegada pelo Departamento Nacional ao Departamento de Estradas de Rodagem do Espírito Santo, após quatro anos e meio de trabalho árduo, vencendo dificuldades que pareciam insolúveis, entregamos hoje, ao tráfego público, esta obra que é uma das mais belas pontes de concreto armado até a presente data construída no Brasil. Ela tem 638 metros de extensão, onze metros de largura, doze metros de altura sôbre as águas mínimas, vencendo com seus onze arcos, dez entrevãos e dois viadutos de acesso, a maior caixa de rio já transposto. Seu custo de Cr$ 19.124.247,20 até o presente, corresponde a Cr$ 29.900,00 por metro linear. Noventa por cento da obra feita nesta administração.

O Govêrno de V. Excia, senhor presidente da República, concorreu com doze milhões de cruzeiros, auxílio sem o qual, por certo, nossa tarefa não teria chegado a bom têrmo.

Permita-me senhor Presidente, que nesta hora festiva, possa, em nome do meu Govêrno, agradecer a ajuda continuada do grande diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, o engenheiro Edmundo Regis Bittencourt. Para perpetuar nossa gratidão a êste brasileiro incansável, cuja inteligência e patriotismo se devotou a causa rodoviária nacional, o governador Jones dos Santos Neves houve por bem gravar-lhe o nome impoluto nessa praça de acesso à Ponte Presidente Vargas.

(Do discurso do engenheiro Luís Serafim Derenzi)

O acontecimento levou à tradicional cidade de Linhares gente de tôda parte. O presidente da República compareceu pessoalmente à solenidade, que marcava para o Espírito Santo uma nova era de seu desenvolvimento social e econômico: a inauguração da ponte «Presidente Vargas», ligando em mais um ponto as margens do majestoso Rio Doce, cujo vale imenso, em plena florescência, abriga incalculáveis riquezas. Homens da política, da indústria, do comércio, das finanças, das fileiras, da administração, pessoas de tôdas as classes sociais ali se encontravam, na manhã cheia de luz de 22 de junho último, para festejar o



O Presidente Vargas desceu no aeroporto de Linhares para a solene inauguração da ponte.



milhões de cruzeiros. A par do papel que representará nos caminhos da costa atlântica, será um fator decisivo para o desenvolvimento e para o progresso de uma extensa e feracíssima região do norte espírito-santense, a exemplo do que aconteceu antes em Colatina. A construção durou 4 anos.

advento da nova etapa de progresso que se iniciava para o norte capixaba, cujo ciclo de prosperidade começou há um quarto de século, quando, em Colatina, o rio famoso foi transposto, primeira vez, pela estrutura de ferro e concreto — a ponte que o inesquecível presidente Florentino Avidos fêz construir e que possibilitou o surgimento de uma das mais ricas regiões do exuberante vale. Vinte e cinco anos depois, dois administradores repetiram o feito — o ex-governador Carlos Lindenberg e o governador Jones Santos Neves — novamente voltando suas vistas para a caudal imensa, agora outra vez dominada pelo engenho

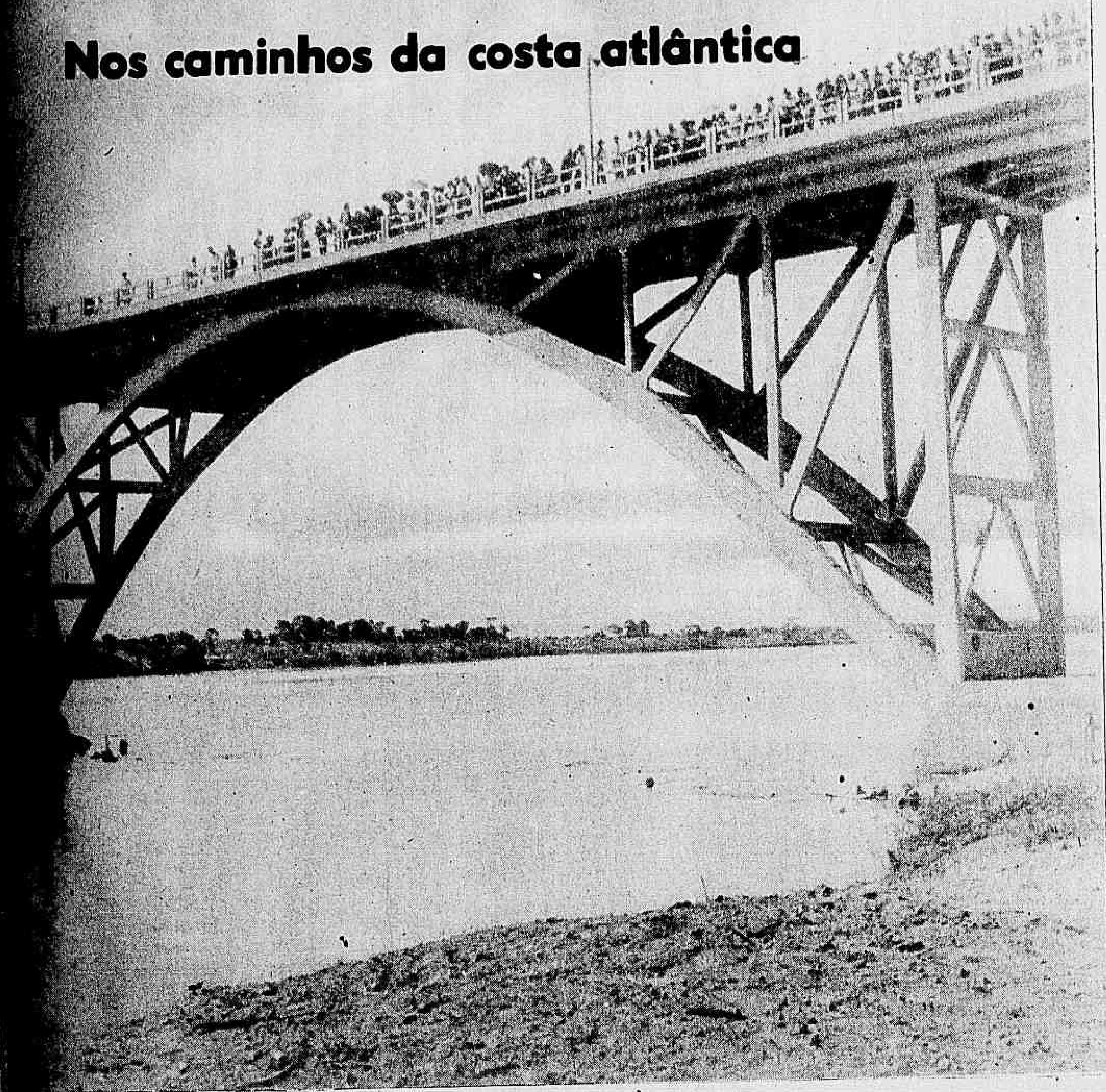


Ao descer do avião, o sr. Getúlio Vargas cumprimenta a senhora Jones dos Santos Neves.

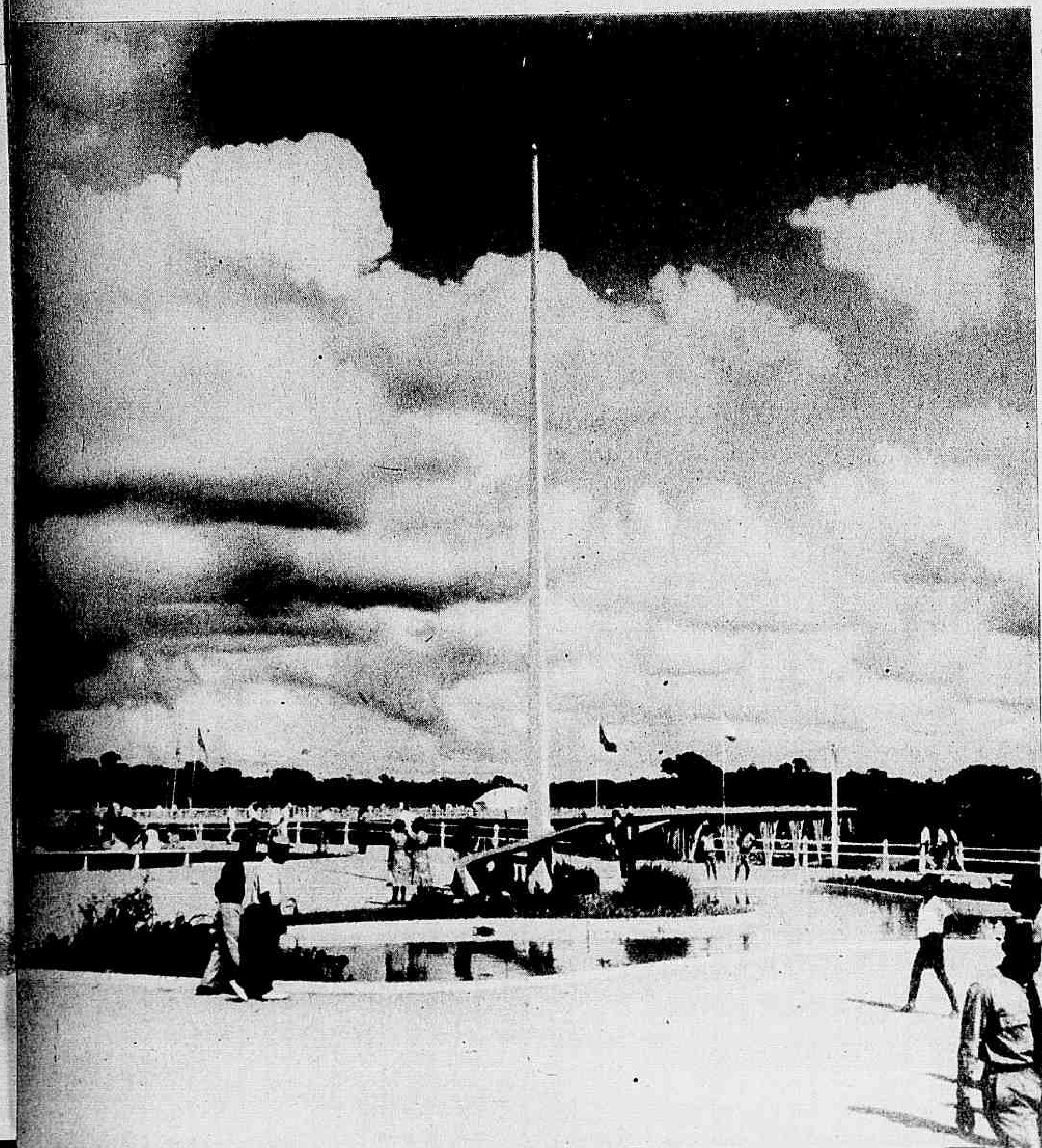


O momento culminante das festividades, quando ia ser atravessada pela primeira vez a ponte. Desataram a fita simbólica o Presidente Getúlio Vargas e o eng. Regis Bittencourt.

Nos caminhos da costa atlântica



Majestoso aspecto de um dos arcos de que é formada a Ponte Presidente Vargas. Em baixo: Praça Edmundo Regis Bitencourt, que dá acesso à ponte no lado da cidade de Linhares.





O Presidente Getúlio Vargas serve-se do delicioso churrasco durante o almôço campestre.

humano. Seus nomes, como o daquele ex-presidente, ficarão ligados à história do rio indomável, cujas terras adjacentes se ajardinam, dia a dia, de povoados, vilas e cidades, e de onde o ouro brota de manancial sòmente ainda levemente haurido pelo homem — o fabuloso norte do Rio Doce.

Naquela manhã festiva, estavam reunidos junto à monumental obra todos os seus artífices: o presidente Getúlio Vargas e o engenheiro Edmundo Régis Bittencourt, que não lhe regatearam apoio; os administradores que a idealizaram e construíram, Carlos Lindenberg e Jones Santos Neves; o técnico responsável, engenheiro Luís Serefim Derenzi; o mestre de obras Manoel Alves Palheiros, empreiteiros e construtores, que, ao lado do povo de Linhares e dos municípios vizinhos, deram à inauguração da ponte «Presidente Vargas» e da praça «Edmundo Régis Bittencourt», que lhe dá acesso a uma das extremidades, o calor dos aplausos e a vibração do civismo que só as grandes ocasiões podem inspirar. Linhares estava radiante de alegria. Na magnífica pista do seu incipiente aeroporto desceram numerosos aviões. Nas suas ruas bem traçadas era intenso o tráfego de viaturas provindas de tôda parte. Projetando-se imponente sôbre o Rio Doce, a majestosa ponte atraía a admiração geral. Lá embaixo, rolando tranqüilo, passava a enorme massa líquida na sua longa caminhada rumo do oceano. Depois dos discursos — falaram o presidente Vargas, o governador Santos Neves e o engenheiro Luís Derenzi — seguiram-se as inaugurações. Chegara enfim o grande momento, tão ansiosamente esperado. Estava aberta nova trilha aos modernos bandeirantes do «hinterland» brasileiro, fixava-se novo elo de ligação nos caminhos da costa atlântica. Um esplêndido almôço campestre e um passeio pela belíssima Lagoa Juparan completaram aquêle dia, que ficará na história espírito-santense como uma das mais vivas e imorredouras páginas do seu glorioso destino.



O dep. Jefferson Aguiar, conversa com o gal. Caiado de Castro. À direita, o sr. Arísio Viana.



Cena de «Uma Mulher e Três Palhaços», de Marcel Achard, pelo Teatro de Arena de São Paulo.

TEATRO DE ARENA

A uma pergunta sôbre o que era o teatro de arena, um empresário americano respondeu: «É um teatro que não tem capital, nem atores, nem público». Evidente é a má vontade do homenzinho para com o novo gênero, cuja aceitação não cessa de crescer. Creio que o capital não seja problema grave, para os teatros de arena, pela simplicidade dos meios que emprega, sua extrema mobilidade e capacidade de adaptação aos mais variados lugares. Quanto aos atores e ao público, o Teatro de Arena de São Paulo encarregou-se de desmentir a definição do americano: atores tem-nos, muito bons, e o público, apesar da falta de propaganda, por circunstâncias imprevistas, compareceu ao Salão de Exposições do Ministério da Educação e de lá saiu encantado e fã absoluto da turma paulista. Deu-nos o Teatro de Arena «Uma Mulher e Três Palhaços», de Marcel Achard, e «Esta Noite é Nossa», de Stafford Dikens, repetidas em vários clubes e associações culturais. Foi curta a temporada do T. A., no Rio. Contudo, a simpatia que conquistaram e o valor de suas realizações fazem com que desejemos tê-los de volta, novamente. E o mais breve possível.



PHIL MOORE, compositor americano e arranjador de músicas, a quem se deve a descoberta e a educação musical de vários cantores de talento, entre os quais Lena Horne.

NOTÍCIAS

● O «Maio Florentino» começou, êste ano, em 4 do dito e terminou em fim de junho. Para fazer água na bôca, aí vão alguns números do programa. Óperas: «Agnes de Hohenstaufen», de Spontini; «Euriante», de Weber; «Mazeppa», de Tchaikowski; «O Contrabaixo», de Valentino Bucchi, tirada dum conto de Tchehov, e «O Diabo no Campanário», de Adriano Lualdi. Orquestras: regentes, Furtwaengler, Guido Cantelli, Bruno Walter, Stokowski. Piano: Gieseking. Dança: Marta Graham. Chega?

● Em Paris, Madeleine Robinson está representando, com grande êxito, «Uma Rua Chamada Desejo», de Tennessee Williams. Maria Casarès e Silvia Monfort assinaram contrato com o Teatro Nacional Popular, de Jean Vilar, que acaba de ganhar mais um tento, com o «Ricardo II», de Shakespeare, e Gérard Philipe no protagonista. A crítica teatral parisiense desmancha-se em elogios à direção de Jean Vilar, que soube atingir a grandeza com os meios mais simples e austeros. Quanto ao trabalho de Gérard Philipe teve um «handicap» sensibilíssimo: a lembrança da interpretação do mesmo papel pelo próprio Jean Vilar, que, ao que dizem, não é coisa que se esqueça tão cedo. Por sua vez, Aimé Clariond, nosso conhecido, encarregou-se da arriscada emprêsa de reviver, no Atelier, o protagonista de «Volpone», de Ben Johnson — Jules Romains, um dos grandes triunfos de Charles Dullin. No Teatro Babylone, está em cena «Bellavita», peça em 1 ato, de Pirandello, tirada, por êle mesmo, de um de seus contos, e no Petit Thèâtre Marigny houve um festival Pirandello, no qual Jany Holt e Marion Delbo representaram «Vestir os Nus».

● Sérgio Cardoso encenará, em sua próxima temporada paulistana, três peças de autores brasileiros: «Lampião», de Raquel de Queiroz; «A Comédia do Coração», de Paulo Gonçalves e «Vestido de Noiva», de Nelson Rodrigues. As peças irão à cena no Teatro Leopoldo Fróis, pois a grande temporada anunciada para o Teatro Espéria só se realizará depois do carnaval vindouro, época em que as obras de remodelação do teatro estarão terminadas.

● Em 1º de setembro, o Teatro Brasileiro de Comédia de São Paulo estreará no Rio, no Ginástico, numa temporada de três meses, com seis peças, que servirá de ponto de referência para a realização de antigo plano do T.B.C.: a manutenção de dois elencos, um em São Paulo e outro no Rio, que se revesarão, no fim de cada estação teatral. Com o T.B.C. vêm, desta vez, Cacilda Becker e Sérgio Cardoso. Sérgio, porém, só tomará parte nos dois últimos espetáculos da temporada, «Seis Personagens em Busca de Autor», de Pirandello, e «Entre Quatro Paredes», de Jean-Paul Sartre, por estar prêso em São Paulo, antes disso, pelas representações de sua própria companhia.



A Cultura Artística pretende trazer ao Rio o violinista português Vasco Barbosa, discípulo de Kulenkampff, na Suíça, e de Enesco, em Paris. Apesar de seus 23 anos, Vasco Barbosa conseguiu, da crítica européia, em sua recente excursão, elogios e opiniões que o colocam entre os primeiros violinistas da presente geração. Dizem-no possuidor não só duma técnica assombrosa, que lhe permite o domínio das maiores dificuldades, mas também duma musicalidade excepcional. Acompanha-o sua irmã Grazi Barbosa, pianista de alto valor, a quem a crítica se refere em têrmos invulgares.



RUBENS AMARAL NUN

A «CONVERSA EM FAMÍLIA», PRIMEIRO PASSO PARA AS ENTREVISTAS RADIOFÔNICAS ★ ESTUDANDO ENTREVISTADOS E JULGANDO A COMPETÊNCIA DE CADA UM ★ O EXCLUSIVO DA RÁDIO GLOBO NÃO É CONTRÁRIO AO RÁDIO COMERCIAL ★ UMA GREVE QUE NÃO HOUVE E UMA ADESÃO DE ÚLTIMA HORA...

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

Nem o Marechal Eurico Gaspar Dutra escapou das reportagens radiofônicas que Rubens Amaral realiza para a Globo



Também os humildes figuram no «carnet» do exclusivo da PRE-3. Auscultando-lhes as necessidades e revelando os esforços no cumprimento do dever, Rubens está sempre em contacto com os operários.



No intuito de bem informar o grande público, o rádio-repórter da Globo desconhece barreiras. Aqui, vêmo-lo entrevistando o comandante da Polícia Militar do Rio, coronel Ururahy Magalhães.

NOS áureos tempos da ditadura Vargas, quando o todo poderoso coronel Costa Neto ditava ordens à Rádio Nacional, fomos encontrar nessa emissora, um tanto deslocado, o correto e vivo «announcer» Rubens Amaral. Cabia-lhe, nessa ocasião, a leitura de textos comerciais e a apresentação de alguns programas, serviço, aliás, que Rubens executava com o máximo corretismo, numa antevisão de que, em dias futuros, essa sobriedade de linguagem e essa perfeita noção de responsabilidade, serviriam de porta de acesso à reportagem radiofônica.

Espírito independente, não se deixando prender ao vazio dos programas de então, o antigo aluno do Ginásio Amazonense preferiu buscar na tranqüilidade de uma estação modesta aquilo que faltava à poderosa Nacional: «broadcasts» condizentes com seu próprio sentir. A estação a que nos referimos, era a Cruzeiro do Sul, onde Rubens Amaral aliou-se a consagradas figuras de nosso círculo literário, como Alvaro Moreira, Viana Moog, Ari Pavão, etc.

Nesse prefixo foi buscá-lo a direção da Rádio Globo, quando da marcha encetada para a conquista do grande público. E' que os dirigentes da novel emissora sabiam-no um elemento de primeira linha e capaz de valorizar o quadro de uma estação, cujo escôpo sempre foi escapar à ação daninha de determinados programas.

Transferindo-se para a PRE-3, Rubens Amaral ingressou, pràticamente, no terreno das reportagens radiofônicas. Porém, deixemo-lo explicar melhor o assunto:

— Dedico-me às reportagens radiofônicas desde quando atuava no programa «Conversa em Família», há cêrca de 10 anos. A «Conversa em Família» que começou sendo redigida para seus participantes, Urbano Lóes, Raul Brunini, Sérgio de Oliveira e eu, foi aos poucos abandonando a técnica monótona do «script» e confiando aos seus intérpretes o comentário improvisado sôbre assuntos de atualidade. Alguns meses depois passamos a convidar gente ilustre ou não, para ser por nós entrevistada. Foi essa a grande idéia que fêz frutificar na Rádio Globo o sistema de reportagens radiofônicas, hoje em pleno sucesso.

CAMINHO CERTO PARA ESTUDAR APTIDÕES

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, representante de famosos advogados inglêses, Rubens Amaral, através dêsse programa que o levou às reportagens, pôde estudar minuciosamente uma série de figurões que, à primeira vista, parece vender cultura. Muitos, porém, causaram-lhe tremenda decepção. Felizmente, o exclusivo da PRE-3, pôde chegar a conclusões, como estas que êle passa a revelar:

Gente ilustre, que vinha ao programa precedida de grande prestígio, revelava-se de uma incapacidade surpreendente, embora discutindo mesmo os assuntos tidos como de sua especialidade.

Outros convidados houve, como ainda os há muitos, que perseguiam constantemente uma oportunidade de participar do programa pelo simples e vaidoso desejo de aparecer em público. São os do tipo que suprem pelos recursos da propaganda o que lhes falta em valor pessoal e capacidade realizadora.

Mas, por outro lado, grandes noites foram vividas na «Conversa em Família». Eram raros, mas foram marcantes, êsses que deixaram ao ouvinte a impressão nítida de valor e talento, proporcionando, com suas palestras, verdadeiras aulas e numeroso acervo de informações e esclarecimentos de grande utilidade pública.

De uma ou de outra forma foi uma valiosa experiência que me permitiu conhecer de perto alguns de nossos homens públicos, guardando dêles uma lição muito expressiva para quem milita na imprensa falada.

QUANDO AS CIRCUNSTÂNCIAS LEVAM À ESPECIALIZAÇÃO

No momento, Rubens Amaral está voltado inteiramente para a reportagem, setor que o leva a travar conhecimento com as figuras mais destacadas dêste século. Nessa afirmativa não existe o menor exagêro, desde que se faça uma completa relação das pessoas ouvidas pelo conhecido rádio-repórter da PRE-3. O próprio Marechal Eurico Gaspar Dutra, cuja fama de silenciar ultrapassou fronteiras, não escapou ao interrogatório do antigo aluno do Pedro II.

Manifestando nossa estranheza pela restrição de suas atividades radiofônicas, Rubens Amaral esclareceu que...

— ... a especialização assim o exigiu. Não mais compreenderia que o rádio carioca, de progresso tão acentuado nos últimos anos, ainda obrigasse os seus elementos a um ecletismo profissional, que vem do passado, do tempo dos «factotum», que tanto concertavam o cabo do microfone como redigiam os textos, falavam ao microfone, faziam corretagem, eram rádio-atores, etc.

Estou satisfeito que tal tenha acontecido. De outra maneira acredito que não teria paciência para continuar aturando as sandices e as baboseiras a que, como locutor comercial, era obrigado a anunciar durante horas sem fim numa repetição irritante.

Como manifestássemos nossas dúvidas a respeito dessa opinião do conhecido rádio-repórter, no que se refere ao rádio comercial, êle apressou-se em declarar não ser contra o mesmo, assegurando:

— Acredito no rádio comercial como fôrça incentivadora da circulação e do consumo de riquezas. O papel do rádio na promoção de vendas tem sido animador e o recomenda como veículo publicitário de primeira. Mesmo no terreno cultural e educacional bons resultados têm sido obtidos. O que repito, por uma questão de temperamento e compostura, é a vulgaridade de numerosos textos e legendas comerciais. Não há sobriedade que resista à estupidez e à falta de imaginação. Ademais, mesmo locutor comercial, nunca admiti que se me transformassem em simples «camelô» de calçada. Entendo que nós, locutores, desempenhamos missão importante demais junto à opinião pública para que sejamos transformados em papagaios, repetindo, contra a vontade, as chulices que entopem os intervalos musicais e que, contra um saneamento já existente, ainda persistem. Só por isso faço restrições ao rádio comercial que, nessas circunstâncias, deforma

...CA SE PRESTOU A CAMELÔ DE CALÇADA



Ali Khan, por sua vez, tão logo pisou terras brasileiras, sofreu as perguntas indiscretas dêsse correto e inteligente rádio-repórter.

e atrofia a inteligência de quem atua e de quem ouve. Nada, pois, contra o rádio comercial como sistema. O principal é saber selecionar elementos e idéias capazes de atenderem às responsabilidades de informar, divertir e educar a opinião pública.

UMA GREVE QUE NÃO HOUVE

Com um acervo dos mais valiosos, em que figuram atuações marcantes ao microfone de emissoras nacionais e estrangeiras, entre as quais convém destacar, no Brasil: Cruzeiro do Sul, Guanabara, Nacional e Globo. No estrangeiro: B.B.C., de Londres, Rádio El Sol, de Lima; Voz da Liberdade, de New York, esta última, aliás, quando da Décima Conferência Inter-Americana, Rubens Amaral é um dos excelentes entrevistadores que o «broadcasting» nacional possui. Principalmente, quando realizando reportagens no setor político e cultural.

As vêzes, porém, cabe-lhe enfrentar as reportagens de «massas», gênero que não é muito do seu agrado. Tal foi o que aconteceu quando da propalada greve do pessoal da Carris, reportagem essa que, para Rubens Amaral, representa o momento mais difícil da sua carreira de repórter. Deixemo-lo contar a história:

— Certa vez recebi instruções da Rádio Globo e do vespertino O Globo para realizar uma reportagem junto aos associados do Sindicato de Carris Urbano do Rio de Janeiro, quando se preparava uma greve que paralizaria todos os bondes da cidade. O meu objetivo era também o de persuadi-los a não realizarem o movimento que teria as mais graves conseqüências para o carioca. O Sindicato estava superlotado e os ânimos em grande exaltação. De microfone em punho iniciei o apêlo. Foi um Deus nos acuda, cresceram os protestos de tal forma que fui obrigado a manifestar inteira solidariedode aos manifestantes.

Mas, felizmente, tudo não passou de uma grande vaia... e a greve que também não aconteceu...

Êsse acontecimento, como outros tantos a que está sujeito o repórter, jamais desanimaram Rubens Amaral. Basta descobrir que, às tantas horas, o Prícipe Ali Khan desembarca ali no aeroporto do Galeão, para que o exclusivo da PRE-3 se encontre a postos, a fim de arrancar do ilustre cidadão todo um mundo de fatos sensacionais.

Arriscando a própria vida no afã de uma grande reportagem, Rubens Amaral não recua diante do perigo. Assim ocorreu quando de um acidente marítimo, em que um navio estava na iminência de ir a pique, Rubens transportou-se para o local do desastre e forneceu aos ouvintes da Rádio Globo a narrativa exata do ocorrido.

Fatos marcantes, por sua vez, na vida de uma grande cidade como é o Rio de Janeiro, são trazidos ao conhecimento de todos através do microfone da emissora dos 1.180 quilociclos, graças a êsse operoso e dinâmico rádio-repórter.



João Portela Ribeira Dantas, filho daquele que foi, no jornalismo, um padrão de dignidade e bravura, continua a manter, na direção do «Diário de Notícias», a mesma linha que vem fazendo do matutino um dos mais respeitados do país.

PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG

MEIA HORA DE CONVERSA SÉRIA

JOÃO PORTELA RIBEIRO DANTAS (DIRETOR DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS») FALA SÔBRE A IMPRENSA BRASILEIRA, APONTA O MAIS COMPLETO JORNALISTA DO BRASIL E TRATA DE COISAS NOSSAS E DOS OUTROS.

Reportagem de SIQUEIRA CAVALCANTI — Fotos de ARNALDO VIEIRA

Ping — Que tal dirigir um grande jornal?

Pong — Extremamente difícil, mas profundamente apaixonante.

Ping — Dirigi-lo bem é resultado de vocação, aprendizado ou senso de responsabilidade?

Pong — É um complexo das três tendências.

Ping — Qual o maior defeito da imprensa brasileira?

Pong — É não cumprir em tôda sua amplitude com o papel que lhe corresponde de orientadora da opinião pública, de crítica honesta aos atos do govêrno, de propagadora da cultura e dos bons costumes.

Ping — E a sua maior virtude?

Pong — É o fato de que todos os grandes jornais brasileiros, com poucas excessões, se fizeram à base de pertinácia, de tirocínio e de perseverança de uns poucos homens desprovidos de capitais para a envergadura do empreendimento.

Ping — A sua condição de diretor jovem é uma vantagem ou uma desvantagem?

Pong — **Quando tive de assumir a direção do «Diário de Notícias» não cogitei se minha condição de jovem seria vantajosa ou não para o jornal. Era um imperativo prosseguir com a obra de meu pai que, mais do que um patrimônio material, era um acervo moral da nação que cumpria preservar.**

Ping — Acha que a imprensa moderna no Brasil corresponde aos anseios populares?

Pong — **A imprensa moderna no Brasil, não obstante ter alcançado alto nível técnico, foi forçada na sua maioria, para alcançar as grandes tiragens que não existem entre nós, a transigir muitas vêzes com o mau gôsto de alguns leitores, as tendências licenciosas de outros e a solicitações mórbidas de uns poucos. Não obstante, é possível e já se faz no Brasil um jornalismo sadio que procura se impor ao gôsto dos leitores através das notícias exatas, dos comentários bem orientados.**

Ping — Como atingir êsse objetivo?

Pong — **A única maneira de melhor atender aos anseios populares, através de uma imprensa honesta e construtiva, é a fiscalização permanente da direção dos jornais, no sentido de que os órgãos de publicidade não veiculem matérias perniciosas ou deletérias.**

Ping — É possível administrar um jornal em outras bases que não a industrial?

Pong — **O jornal moderno é um complexo de atividades de natureza comercial, industrial e intelectual. A coexistência delas é viável, sem que o interêsse do comércio, da indústria e do jornalismo se choquem entre si. Administrar um jornal honesto implica em que muitas vêzes se sacrifiquem os interêsses materiais da emprêsa, para que o espírito público do jornal não se comprometa.**

Ping — Sob sua direção, seu jornal tem sofrido injunções de qualquer espécie que o tenha obrigado a uma limitação de objetivos ou de linguagem?

Pong — **Absolutamente. O «Diário de Notícias» só se deixou submeter às limitações no seu pensamento, durante o período negregado da ditadura, quando a presença policial, as prisões, os fechamentos e as intimidações cercearam a manifestação ampla e desassombrada dos nossos pontos de vista, que foi sempre o apanágio dêste jornal em tôda sua trajetória.**

Ping — Que pensa dos homens políticos do país?

Pong — **Os homens políticos do país se ressentem ainda hoje do longo período em que perderam o acesso às tribunas populares. Vivemos num período de reajustamento de vocações políticas e até agora perturbados com a presença inquietadora do ex-ditador no Catete.**

Ping — O regime democrático tem progredido ou se atrofiou?

Pong — **Tem progredido. Não fôra isto, não fôra o exercício do voto livre, não se compreenderia a eleição do sr. Getúlio Vargas que recuperou o Catete graças ao equívoco de muitos e o atrofiamento político existente. Com êste govêrno, entretanto, julgamos encerrar-se definitivamente a fase vacilante da vida republicana, para iniciarmos, de fato, um regime de congraçamento entre povo e govêrno, para a solução dos problemas brasileiros.**

Ping — Por quê?

Pong — **A melhor parte da resposta já foi dada: no entanto, mau grado a insegurança que os ventos do Catete nos trazem permanentemente, gozamos de um clima de ampla liberdade e nos resta sempre o consôlo de em não se vendo solucionarem os nossos defeitos, podermos profligá-los e verberar até que um dia sejamos ouvidos.**

Ping — Mudando de assunto, que acha da vida?

Pong — **A vida não é um acaso e, como tal, o melhor meio de vivê-la é abstrairmos do nosso mundo interior e incorporarmos às nossas cogitações as alegrias, as tristezas e o viver da coletividade.**

Ping — Tem amigos?

Pong — **Tenho pouco tempo para cultivar amizades. Não obstante, julgo que os tenho, ainda que à distância.**

Ping — Tem inimigos?

Pong — **É possível.**

Ping — Acha que só o amor constrói para a eternidade?

Pong — **A necessidade de amar alguma coisa é uma solicitação de todos os espíritos. Portanto, sem amor, sem devoção, não se pode construir nada.**



● Numa partida com perguntas a queima-roupa e respostas severas, desenrola-se o nosso ping-pong da semana. Raquete principal: João Portela Ribeiro Dantas, diretor-proprietário do «Diário de Notícias». João Portela Ribeiro Dantas, que é o mais jovem diretor de jornal (importante) do país, estava, quando lá comparecemos, num dia especial: comemorava-se mais um aniversário do prestigioso matutino fundado por Orlando Dantas e (fato de particular emoção para o novo diretor do «Diário de Notícias») o aumento da tiragem do jornal, em relação a igual data do ano passado, em mais 30.000 exemplares. João Portela, raquete entre as mãos, foi respondendo aos «pingues» com os seguintes porquês:

Ping — Como vê o panorama literário nacional?

Pong — **A incipiênica da vida literária nacional é conseqüência de uma série de fatôres de ordem social, política, econômica, financeira que impedem o incremento que as vocações intelectuais em nosso país sugeriam.**

Ping — E o artístico?

Pong — **Há uma plêiade de valores novos no Brasil, no setor musical e plástico. No entanto, para que êsses valores se desenvolvam, era necessário e imperioso que o estímulo do público fôsse cada vez maior; que os governos se mobilizassem para uma grande obra de disseminação da cultura; que fôsse importada a técnica de que carecemos, sobretudo, que os artistas se aglutinassem em tôrno do ideal da implantação, em bases sólidas, de uma cultura nacional acessível às massas e que transcendesse das nossas fronteiras.**

Ping — E o internacional?

Pong — **Julgamos que a cessação das hostilidades na Coréia, seguindo-se um intercâmbio comercial mais intenso entre os dois mundos em choque, contribuíram para o desarmamento dos espíritos, indispensável à causa da compreensão universal.**

Ping — E o econômico?

Pong — **O panorama econômico atual no Brasil é sombrio. Carecemos de energia elétrica, de combustíveis líquidos, de transportes, de abastecimento e da colonização. Admito que, por fôrça das providências adotadas nos últimos anos, sob a inspiração do Congresso, teremos em pouco tempo criado novas perspectivas para o Brasil, mercê de uma economia homogênea, de norte a sul do país, supridos dos principais bens de consumo, intercomunicados, pacificados social e politicamente.**

Ping — Tem candidato pessoal à sucessão?

Pong — **Tenho candidato ideal, mas porque a nossa influência nos destinos políticos da nação seja extremamente restrita, nos veremos na contingência de apoiar um dos candidatos escolhidos pelas convenções partidárias e que será aquêle que melhor apresente as condições de administrador, homem público e honestidade.**

Ping — Você seria candidato a qualquer pôsto eletivo?

Pong — **Absolutamente. A direção do «Diário de Notícias» exige uma presença constante para atender aos trabalhos da emprêsa, sem que nos impeça uma dedicação cotidiana aos assuntos de interêsse do país e da coletividade a que servimos.**

Ping — Qual a seu ver o mais completo jornalista do país?

Pong — **Depende da concepção de jornalista. Se o repórter considera jornalista apenas o que escreve, teríamos a objetar que o cidadão pode ser bom jornalista porque redige bem e não o seria se mal inspirado. Nenhum dos grandes jornalistas do Brasil reuniu até aqui os indispensáveis requisitos de bom escritor, desambicionado, superior às paixões políticas e pessoais e nenhum tem consagrado sua vida única, exclusiva e integralmente aos interêsses do Brasil. De qualquer forma contamos com bons jornalistas e o mais próximo dos ideais que preconizo é Prudente de Morais Neto.**

UMA BARRACA EM CADA BAIRRO

O SAPS cumpre o seu plano de ação no setor do abastecimento ★ Será inaugurado o primeiro supermercado no Distrito Federal.

● Dentro de um mês o SAPS inaugurará, nesta capital, mais seis postos de venda e o primeiro supermercado do Distrito Federal. Dando cumprimento ao seu plano de ação no setor do abastecimento, que prevê a instalação de um pôsto ou barraca, pelo menos, em cada bairro, a direção daquela autarquia situou os novos postos em Bonsucesso, Jacarepaguá, São Januário, Quintino, Penha e na rua Barão de Iguatemi. O desta rua será instalado no Sindicato do Açúcar e o de Quintino, no Conjunto Residencial do IAPC. Todos êsses postos contarão com um sortimento completo de gêneros alimentícios, por preços inferiores ao da praça, de modo a proporcionar um equilíbrio de preços no comércio.

SUPERMERCADO

O supermercado, cuja inauguração está prevista para os primeiros dias de agôsto, fornecerá tôdas as mercadorias, também por preços reduzidos, e pode ser considerado como o primeiro estabelecimento comercial, no gênero, com capacidade para atender prontamente a centenas de compradores, dado o seu sistema de funcionamento, só conhecido em nosso país, até agora, no Rio Grande do Sul e São Paulo. No portão de entrada do supermercado, o freguês receberá um carrinho com o qual correrá todo o estabelecimento servindo-se a si mesmo, pois as mercadorias estarão dispostas em pacotes de pesos diversos com os preços marcados. No portão de saída o freguês pagará a um caixa as mercadorias recolhidas que serão conferidas na hora do pagamento. O supermercado contará com dois grandes frigoríficos: um para carnes de boi, de porco, carneiro, etc. e aves abatidas, e outro para legumes e demais mercadorias deteriCráveis com a ação do calor. O grande açougue de que dispõe o supermercado terá despachantes, dada a dificuldade do próprio freguês retirar a mercadoria.

Além dos gêneros alimentícios, em sortimento completo e distribuídos em compartimentos adequados, o supermercado fornecerá ainda, a preços abaixo do comum no comércio, artefatos de cozinha, material de higiene pessoal, inclusive escovas de dente, sabonetes, cremes, óleos, talcos, lâminas de barbear, etc.

Logo após a inauguração dêsse primeiro supermercado, próximo à Praça da Bandeira, terão início os trabalhos para a construção do segundo que deverá situar-se no Leblon.

PUXE PELO CÉREBRO (respostas)

1 — Confusa. ★ 2 — Interpreta textos difíceis. ★ 3 — Inclinado. ★ 4 — Constelação do hemisfério austral. ★ 5 — Maná. ★ 6 — Culto das pedras. ★ 7 — Penedos na costa marítima. ★ 8 — Eriçado de peles. ★ 9 — Oliva. ★ 10 — Orexia. ★ 11 — Mosquito ★ 12 — Pequeno chicote. ★ 13 — Uma iguaria do Nordeste. ★ 14 — Figura musical. ★ 15 — Didática.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 32 — Rio de Janeiro.

Soc. **Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.** — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..................................

RUA.......................... Nº.....

CIDADE................................

ESTADO................................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

A

CENA

MUDA

• **Nova**

• **Moderna**

• **Diferente**

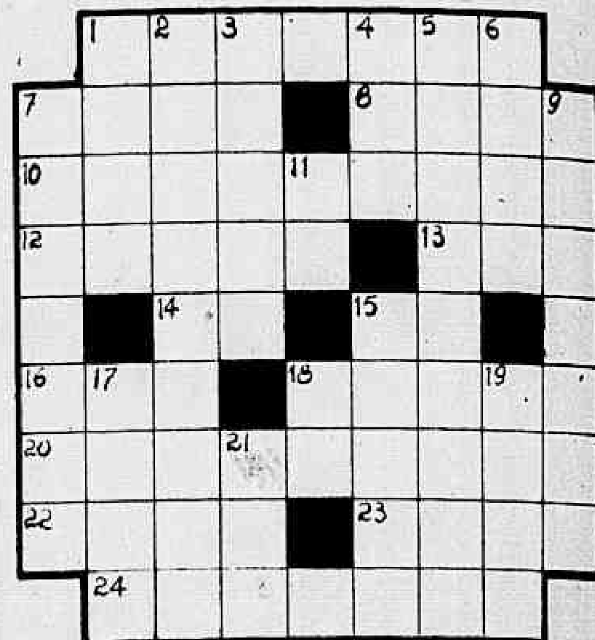
• **Colorida**

EM TÔDAS AS BANCAS

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 24

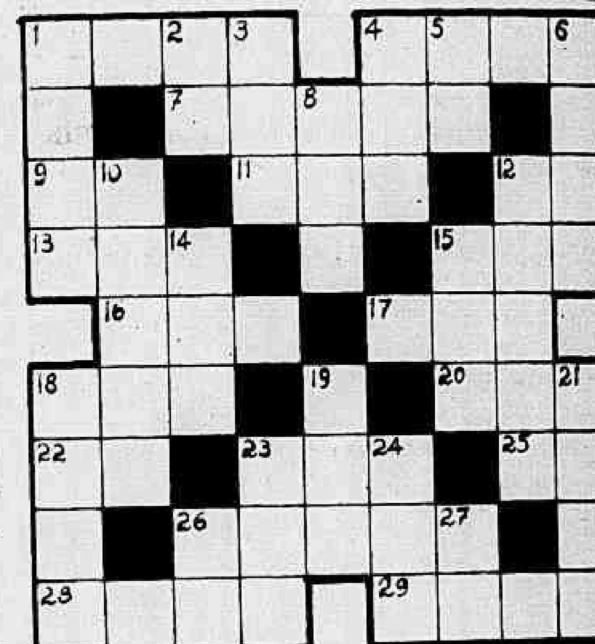
PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Árvore da família das Terebintáceas — 7. Designação dada no Norte às criadas em geral (pl.) — 8. 9ª lêtra do alfabeto grego — 10. Enigmas — 12. Traquinadas — 13. Cidade de Nova Caledônia — 14. Pai de Hupim e Supim — 15. Interjeição de espanto — 16. 10ª letra do alfabeto hebraico — 18. Preparar para o assalto — 20. Monopolizaras — 22. Inculto — 23. Vivente —. 24. Traidora, pérfida.

Verticais: — 1. Descendente de Maomé — 2. Virtude da pureza — 3. Ôlho de Cristo (planta) — 4. Oásis do Saara Central — 5. Soleiras — 6. Leva a reboque — 7. Serenar — 9. Borrifado — 11. Mi-bemol, na notação alemã — 15. Vaidoso — 17. Projétil ôco, para ser cheio com substância explosiva e dotado de um dispositivo próprio para facilitar o arrebentamento — 18. Prefixo que traz a idéia de tendência, direção — 19. Espécie de canoa — 21. Atormenta.

PARA NOVATOS



Horizontais: — 1. Morada — 4. Pouco profundo — 7. Relativo a osso — 9. Estudei — 11. Contração plural — 12. Ali —. 13. Quer bem — 15. Enxergar — 16. Cólera — 17. Concedei — 18. Liga — 20. Pedra — 22. Perversa — 23. Mau cheiro — 25. Sufixo designativo de autor — 26. Fio flexível de metal — 28. Pouco comum — 29. Afeição profunda.

Verticais: — 1. Emudece — 2. Isolado — 3. Membro empenado de aves — 4. Rente — 5. Contração —. 6. Rezar — 8. Pedido de socorro — 10. Copia, falsifica — 12. Cama — 14. Pedra do altar — 15. Segue — 18. Gostar de uma pessoa — 19. Vazia — 21. Lavrar — 23. Argola — 24. Governanta — 26. Brisa — 27. Preposição.

●

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 23

PARA VETERANOS

Horizontais: — **rom** — **mel** — **ocas** — **maro** — **rapinagem** — **maligno** — **má** — **ué** — **cubista** — **monástica** — **Eads** — **ocra** — **iri** — **Aar.**

Verticais: — **ror** — **ocam** — **mapamundi** — **magnética** — **éreo** — **Lom** — **sílabas** — **magusto** — **Ni** — **coar** — **Is** — **acra** — **Mei** — **Aar.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **editôra** — **erica** — **rara** — **angu** — **amar** — **raer** — **Tb** — **lê** — **aura** — **anal** — **Caim** — **tora** — **calor** — **caiaram.**

Verticais: — **dera** — **irar** — **ti** — **ocar** — **rana** — **arataca** — **ourelas** — **ambuá** — **gelar** — **rica** — **amai** — **ator** — **nora** — **lá.**

"ENSAIOS E PERFIS"

OTTO SCHNEIDER



● Em circunstâncias trágicas e complicadas, na madrugada de 17 de dezembro de 1916, ocorreu a morte do famoso «staretz» russo Gregori Raspútin, assassinado pelo príncipe Yussopof. Êste convidara o monge para uma festa íntima no palácio de Moika, onde lhe deu de comer doces e pastéis, envenenados com cianeto de potássio em dose suficientemente forte para matar várias pessoas. Tóxico idêntico havia sido adicionado ao vinho Madeira que Raspútin apreciava particularmente. Pois bem, para assombro do príncipe, o tremendo veneno pareceu não surtir efeito. Raspútin continuou comendo e bebendo, levando apenas de vez em quando a mão à garganta. Foi quando o príncipe, não dominando mais os nervos, resolveu abater o seu convidado a tiros de revólver. Em seguida, o cadáver de Raspútin foi atirado às águas gélidas do rio Neva.

A resistência do famigerado «mujik» causou sensação na época. O terrível veneno, que deveria tê-lo fulminado instantâneamente, mal afetara o rude camponês...

Só mais tarde se explicou o fato, quando um médico francês, o dr. Perrier, demonstrou que uma solução de cianeto de potássio, tratada por um excesso de glicose, perde ràpidamente sua toxidez, propondo a ministração de açúcar, como antidoto, no tratamento dos casos de envenenamento por essa substância. O teor de açúcar nos doces e no vinho, ingeridos pelo «staretz», havia neutralizado o efeito tóxico do cianeto. Ficou desfeita assim mais uma lenda em tôrno do audacioso «mujik» siberiano que, com o seu charlatanismo, conquistara alto renome e prestígio na côrte da Rússia.

«ENSAIOS E PERFIS»

É êste apenas, em rapidíssimo resumo, um dos perto de 70 estudos que o sr. Leonídio Ribeiro reuniu no seu mais recente livro: «Ensaios e Perfis» (466 páginas, Editorial Sul Americana, Rio).

Autor de cêrca de 30 obras, algumas delas traduzidas para o francês, inglês e italiano, o conhecido nacional e internacionalmente pelo seu saber e competência no terreno da Medicina Legal e da Criminologia, o sr. Leonídio Ribeiro nos apresenta com «Ensaios e Perfis» um livro de caráter mais jornalístico e de divulgação, do que científico. E nenhum outro livro seu nos dá uma idéia mais completa do seu extenso campo de interêsses, quer êstes se situem no terreno da Medicina e da Ciência, quer no da Literatura.

Nos primeiros capítulos voltamos a encontrar o autor de «Afrânio Peixoto — uma Amizade de 30 anos», com vários trabalhos sôbre o grande médico e escritor. Seguem-se outros perfis de Mestres de Ontem e de Hoje... Amigos da Mocidade... e Figuras Universais... Finalmente, um punhado de estudos sôbre problemas médico-sociais, impressões de viagem por vários países, e Reminiscências.

Em síntese: um livro de ampla cultura, em excelente linguagem que, mesmo no trato de assuntos científicos, se mantém sempre acessível. Na riqueza de sua temática, um mundo de sugestões.

Fichário

● Saiu em Londres uma nova edição das Obras Completas de William Shakespeare. Editada pelo prof. Charles Jasper Sisson, uma das maiores autoridades mundiais de teatro shakespeareano e elizabeteano, esta obra é o fruto de oito anos de pesquisas, e, segundo opinião geral, é a primeira tentativa autêntica na restauração do texto original do grande poeta inglês.

● Acaba de ser lançada em Portugal a 4ª edição de «Retalhos da Vida de um Médico», do escritor lusitano Fernando Namora. A edição, que se encontra a caminho do Rio, inclui um prefácio do escritor e filósofo Gregorio Marañon, que ainda há pouco estêve entre nós. Êsse prefácio foi escrito originalmente para a tradução espanhola da obra. Estão em preparo edições em francês, italiano, alemão e inglês de «Retalhos da Vida de um Médico».

● Foi publicada recentemente, em inglês, a última obra da escritora nórdica Sigrid Undset: «Catarina de Siena». Sigrid Undset (prêmio Nobel) é relativamente desconhecida ao público de fala portuguêsa.

● Vai aparecer em francês o romance «A Seara de Caim», de Rosalina Coelho Lisboa de Larragoiti. A tradução, que será revista por Marcel Déon, deverá ser lançada pela Livraria Plon, em princípios de 1955. «Le Moisson de Cain» servirá, em seguida, de modêlo para as versões alemã, inglêsa e espanhola.

UM BUSTO PARA ESCRAGNOLLE DÓRIA

Vem obtendo significativas adesões a lista que, na Livraria Francisco Alves, se encontra em mãos do sr. Batalha, para o pagamento do busto de Escragnolle Dória, executado pelo escultor Zani. Êsse busto deverá ser inaugurado numa das ruas de nossa capital.



Acontece, porém, que, apesar das contribuições já feitas, o numerário ainda se mostra arredio, e o artista Zani tem que ser pago. Ora, está aí uma excelente ocasião para que os ex-discípulos de Escragnolle Dória lhe honrem o nome, e de modo simples: assinando uma contribuição na referida lista.

Professor magnífico, historiador dos mais lúcitos que temos tido no panorama de nossas letras e de nossa pedagogia, Escragnolle Dória merece o culto dos brasileiros.

Vamos, pois, tirar o busto do mestre da quarentena, para vê-lo finalmente inaugurado!

«TERRITÓRIO DE BRAVOS»

Francisco Marins já tem no prelo um novo livro: «Território de Bravos» em que narra à juventude brasileira a conquista épica do Acre, e a participação de Plácido de Castro na luta pelos seringais que, em princípios do século, haviam despertado a cobiça do Bolivian Syndicate. O novo livro de Francisco Marins será publicado, a exemplo dos anteriores, pelas Edições Melhoramentos.

Ainda recentemente, o jovem escritor paulista, em outra novela juvenil, narrou o drama de Canudos, sob o título de «A Aldeia Sagrada».

Também, no concurso de prêmios da Academia Brasileira de Letras, Francisco Marins acaba de ser contemplado com o Prêmio Carlos de Laet pelo livro juvenil «Expedição aos Martírios».

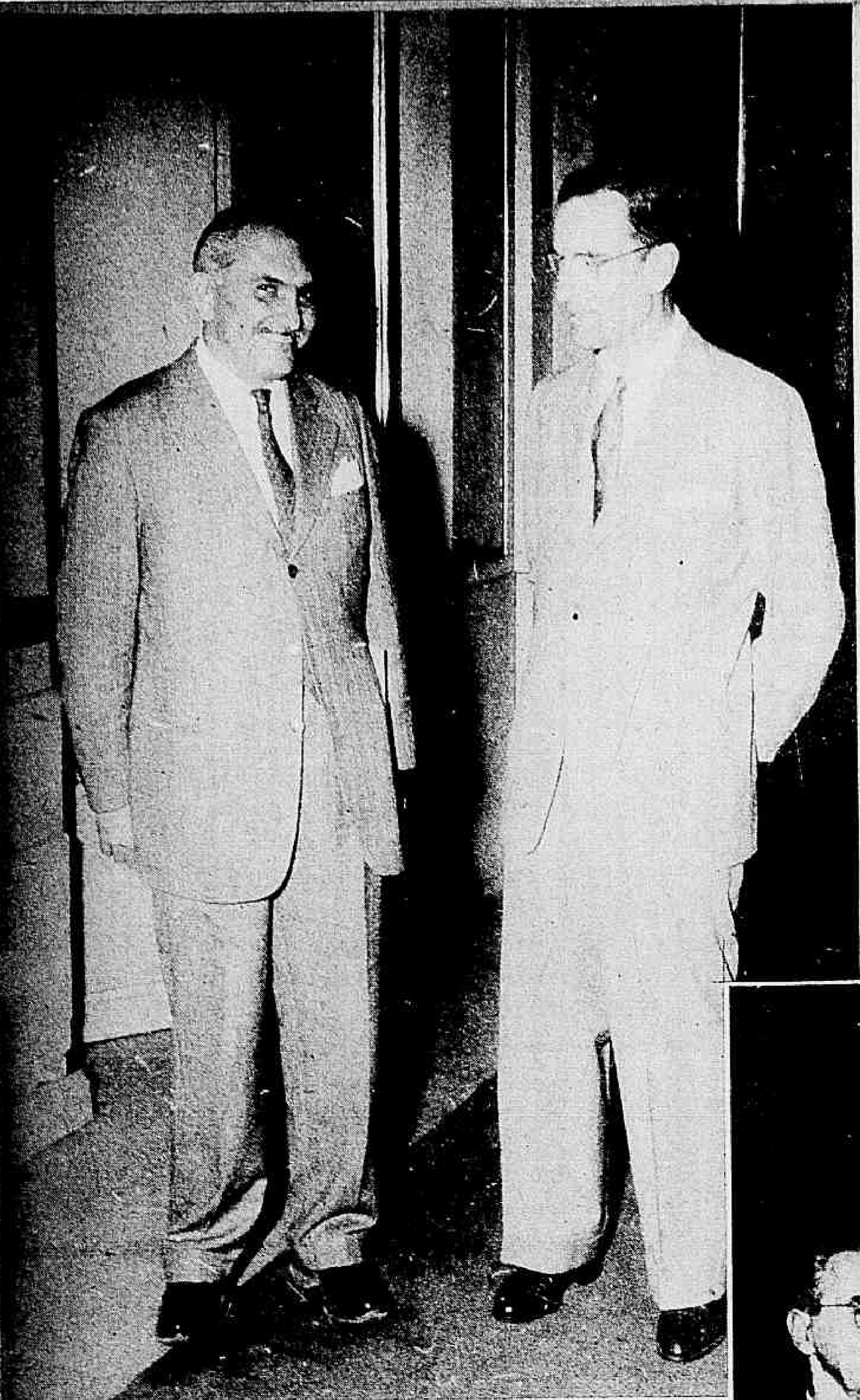
★

CAMISA DE GEORGES SAND

Na Galeria Charpentier, de Paris, está exposto à venda um quadro de Delacroix: «A Lição de Leitura». O grande artista da fase romântica pintou-o em casa de Georges Sand. Embora na ocasião não dispusesse de uma tela, achou êle que isto não constituía impecilho: uma camisa da célebre romancista substituiria perfeitamente a tela que lhe faltava naquele momento de inspiração. Georges Sand deu-lhe mesmo uma de suas camisas, e nela foi pintada a obra-prima agora posta à venda.

O CONCURSO PROMOVIDO PELO IBECC ALCANÇOU NOTÁVEL ÊXITO

As Companhias do grupo «Sul América» continuam apoiando os certames de caráter educativo, científico e cultural.



Os srs. Antônio Sanchez de Larragoiti Jr. e Wanderbilt Duarte de Barros.



Fala o representante da Comissão Julgadora.

EM solenidade presidida pelo professor Lourenço Filho, presidente do IBECC, e realizada na tarde do dia 30 de junho passado no Palácio Itamarati, foi feita a entrega do prêmio de Cr$ 50.000,00, oferecido pelo Grupo «Sul América», ao vencedor do concurso instituído em 1953 pelo Instituto Brasileiro de Educação,



Mesa que presidiu a entrega do prêmio, vendo-se, da esquerda para a direita, os srs.: Wanderbilt Duarte de Barros; o representante do Ministro das Relações Exteriores; o sr. Larragoiti Jr., presidente do Grupo Sul América; o prof. Lourenço Filho, presidente do IBECC; ministro Luís Gallotti, vice-presidente do IBECC; e dois membros da Comissão Julgadora, que foi composta pelos drs. Jader T. de Rezende, João Gonçalves de Souza e Raymundo H. de Freitas.

Discursa o sr. Wanderbilt Duarte de Barros, vencedor do prêmio de 1953.



Ciência e Cultura para o melhor trabalho apresentado sôbre o PROBLEMA DA EROSÃO DO SOLO, NO BRASIL. Dentre os numerosos trabalhos de real valor que concorreram ao PRÊMIO SUL AMÉRICA, destacou-se, a critério da Comissão julgadora, o da autoria do sr. Wanderbilt Duarte de Barros, sob o título «ENCRUZILHADA DE UM POVO».

Registramos o acontecimento, desejamos nos congratular com os promotores do concurso pelo brilhante êxito que alcançaram e pela repercussão que o mesmo teve nos meios científicos do país, sendo de justiça pôr em relêvo o gesto das Companhias SUL AMÉRICA, dando, mais uma vez, o seu apoio e incentivo aos certames de finalidade educativa, científica e cultural realizados em nosso país.

A solenidade contou com a presença do representante do ministro das Relações Exteriores do Brasil e figuras das mais representativas dos nossos meios científicos. O próximo concurso a ser aberto pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura girará em tôrno do tema «DEFINIÇAO DE UMA POLÍTICA NACIONAL DE TRANSPORTES», devendo o vencedor concorrer ao Prêmio-1954.

O sr. Larragoite Jr. discursa em nome do Grupo Sul América.





O sr. Wanderbilt Duarte de Barros recebe do sr. Larragoite Jr. o prêmio que lhe coube, pelo trabalho «Ecruzilhada de um povo».



Aspecto da assistência.

GRANDE PRÊMIO BRASIL DE 1954



Domingo, 1 de Agôsto

no

HIPÓDROMO

DA GÁVEA

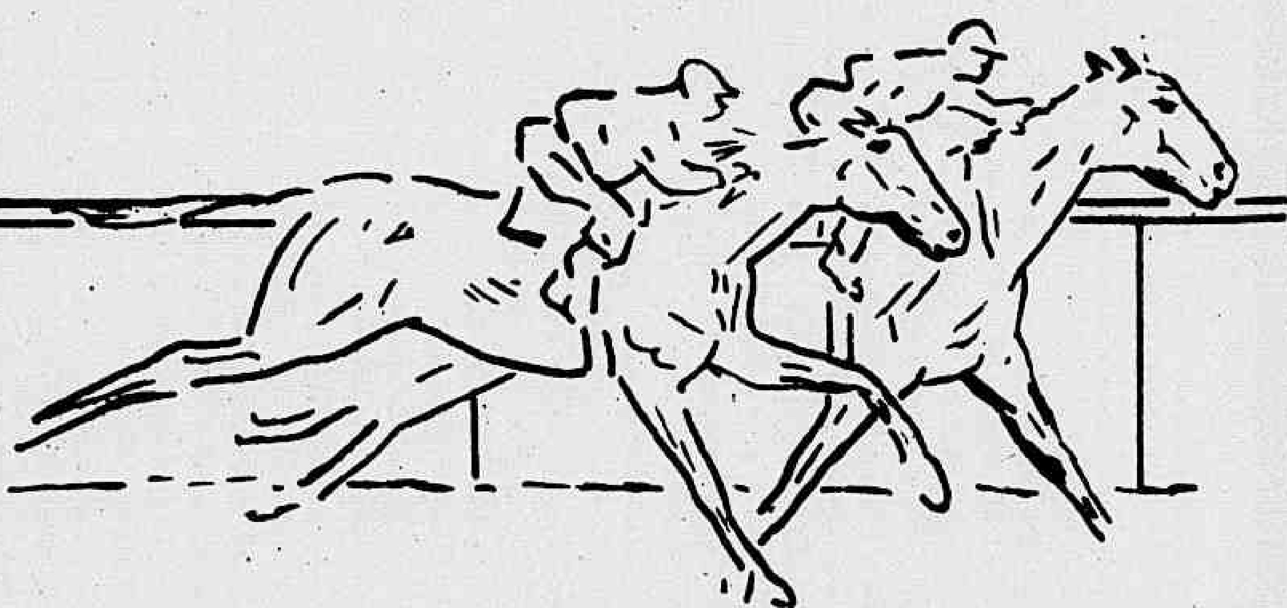
Cr$ 1.500.000,00

ao vencedor



SWEEPSTAKE

Cr$ 20.000.000,00



TÊRÇA-FEIRA, 3 DE AGÔSTO

GRANDE CORRIDA NOTURNA COM

«BALLET» E FOGOS DE ARTIFÍCIO

JOCKEY CLUB BRASILEIRO

O "TWEED" LENDÁRIO DO SR. ALOÍSIO DE SALES

PETER

Olhei uma vez mais o «tweed», príncipe de Galles, marrom-avermelhado, pendurado no armário. Pela milésima vez, admirei talhe, côr, boa qualidade e concluí que êle fazia justiça ao seu elegante primeiro proprietário, sr. Aloísio de Sales. Apesar de bastante usado, mantinha ainda a grande classe do dia em que fôra entregue pela casa argentina. Sua côr nos permite classificá-lo como «audacioso»; foi ao limite máximo permitido pela elegância. Parece tolice estar escrevendo sôbre um paletó esporte, mas acontece que êste tem história e estou prestes a atender aos apelos de minha consciência. Para que se entenda o paletó, é preciso conhecer quem o encomendou.

Aqueles que não conhecem Aloísio de Sales, direi que êle é a própria simpatia. Embora diretor de firmas importantes, mantém sua fisionomia descontraída como se fôsse apenas o autêntico boêmio que sempre foi. Freqüentador assíduo das listas dos mais elegantes, num momento de alegria, imaginou o famoso «tweed».

Sua história (do paletó) começa no dia em que Aloísio ouviu de um amigo os maiores e repetidos elogios ao «tweed». «É um homem que merece vestir esta roupa» — pensou Aloísio. No dia seguinte, o amigo recebeu de presente o alvo de seus elogios.

Tempos depois, o novo dono fêz o mesmo com o paletó. Aceitou os elogios de um terceiro e, logo êle já tinha outro dono. Desta forma êle teve vários donos que lhe tiveram tanto carinho que chegou às minhas mãos quase novo. Recebi-o como quem recebe um troféu. Vesti-o com orgulho, embora as mangas ficassem um pouco grandes. Pensei com os botões do paletó que, medalhas não são feitas sob medida. Mas, disse-lhes no comêço desta crônica, que minha consciência doía. Um amigo meu, com todos os títulos para usar o lendário «tweed» fêz o elogio do mesmo várias vêzes seguidas. Desconversei. Não queria dá-lo. Tive pena, pois pegara estimação ao velho amigo dos verões de Petrópolis e invernos do Rio. Mas, envergonhado, já em casa, começo a embrulhá-lo. Amanhã, terá novo dono. Faço votos para que cuide bem dêle, pois trata-se do único fogo simbólico que aquece.

HOMENAGEM A MEMÓRIA DE UM HOMEM BOM

No dia 15 último passou o primeiro aniversário da morte do arquiteto Milton Roberto, um homem de grande talento e de bom coração que foi, também, o primeiro presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil. Aproveitando o ensejo da posse de sua nova Diretoria, a seção paulista do Instituto inaugurou em sua sede uma placa em homenagem à memória de Milton Roberto. Discursou a propósito o arquiteto Eduardo Kneese de Melo, que traçou o perfil da bela figura humana que foi Milton Roberto. O novo presidente da seção paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil é o sr. Armando Ciapolini.

O «SIR» CAI DO CAVALO

Pela segunda vez em menos de um mês, Sir Gordon Richard, jóquei exclusivo da cudelaria pertencente à rainha Elizabeth II, caiu do cavalo, sendo imediatamente retirado da pista com fortes dores. A Rainha, assim que soube do acidente, foi ao hospital visitar o seu nobre cavaleiro.

NAMÔRO DO TOLIPAN

Podemos informar com segurança que vai muito bem o namôro do sr. Daniel Tolipan com a srta. Beatriz Armando, da sociedade paulista, que tem vindo todos os fins de semana ao Rio de Janeiro. Provàvelmente, o sr. Tolipan não tem ido a São Paulo pois seu carro foi roubado e incendiado.

ANA ROSA DISSE

No casamento do sr. Manuel Vargas, ouvimos perfeitamente a srta. Ana Rosa Lemos Lessa dizer que a mais elegante da festa era a sra. Lourdes Catão, que trajava um vestido de cetim branco e um pequenino chapéu prêto. «Ela está uma beleza».

NOIVOS

Ficaram oficialmente noivos a srta. Angela Roxo, da sociedade carioca e o sr. Benjo Arbib, da sociedade egípcia, morando há vários anos no Rio. A irmã do sr. Benjo é a sra. Carlos Guinle.

CHA DA PRÓ-MATRE

No momento em que esta revista estiver nas bancas, já terá acontecido ou estará acontecendo o tradicional chá da pró-matre. Êste fato social-filantrópico é organizado pelas senhoras Paulo Sampaio e Austregésilo de Ataíde, e deverá contar com desfile da casa Canadá com modelos para o próximo «Sweepstake».

«BIRIBA» QUASE SEMPRE

Um novo jôgo, semelhante ao conhecido «Buraco», está em moda entre as senhoras e senhoritas da nossa sociedade. O resultado disto é que, algumas vêzes por semana, as srtas. Ana Rosa Lemos Lessa, Sônia Gonçalves e Leila Limpo de Abreu reunem-se em casa da srta. Glória Neder. Dá «biriba» quase sempre.



Flagrante em casa da sra. Maria Helena Noore.

Gente da noite



Um bom «maitre».

O BOM «MAITRE»

Dêle escreveu, fazendo justiça, o inquieto sr. Fernando Lôbo: «um bom «maitre». Realmente, Luís é um dos mais completos do Rio. Com prática de longos anos, já tendo servido no «Vogue» e prestando, atualmente, orientação aos trabalhos do «Casablanca», já se escreveu que êle era a melhor peça humana daquela casa de espetáculos. Conhece todos os freqüentadores da noite elegante carioca, distinguindo cada um pelo nome. Sabe perfeitamente qual o freguês que deve ter mesa na pista ou longe dela, distingue o «facadista» e o malandro que gosta de «espetar» a conta para nunca mais pagar. Dá crédito a quem merece, enfim, com sua longa prática e tato, evita atritos, protege as finanças da casa e atende a todos.

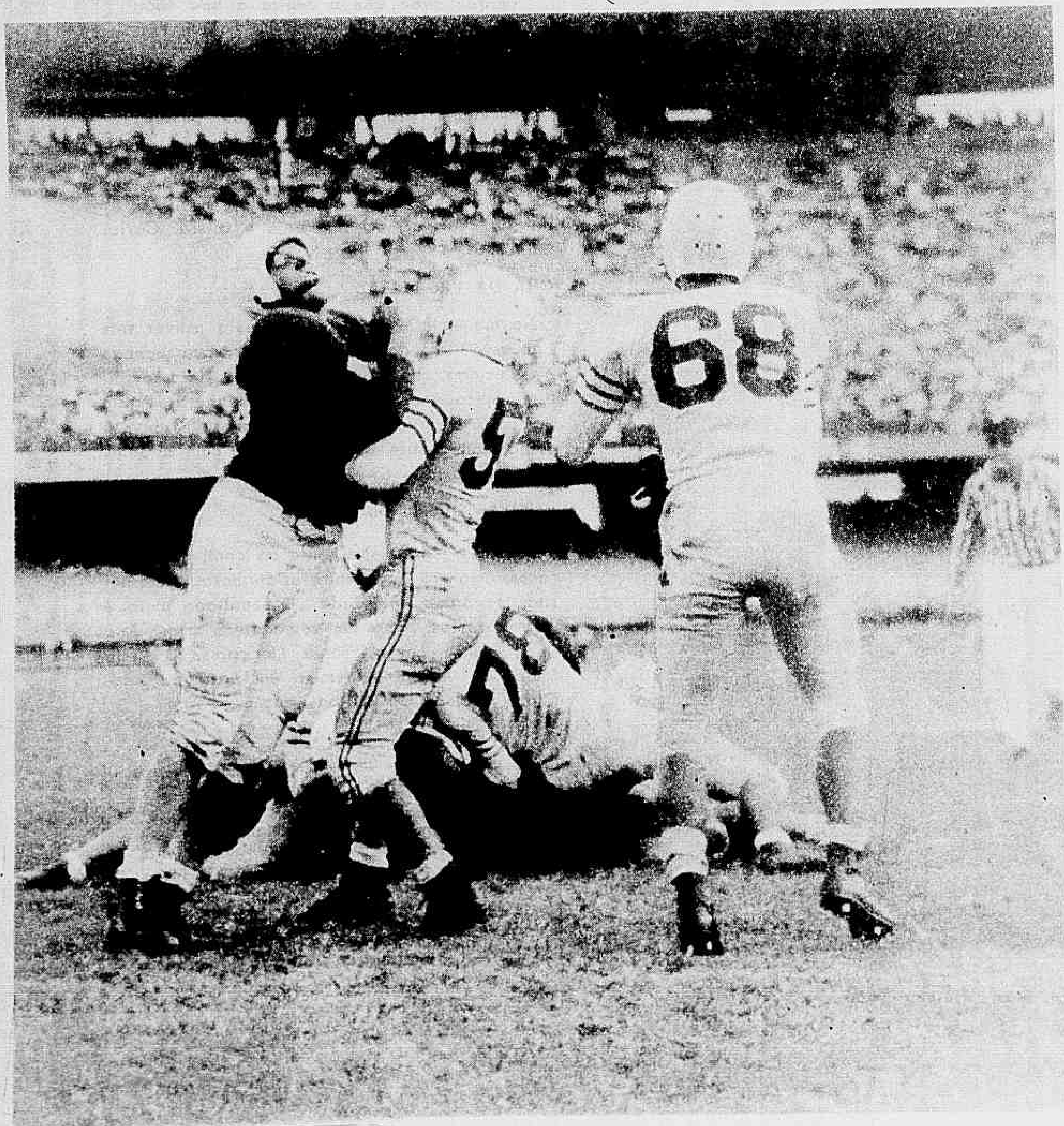
É capaz de dizer a situação social e financeira de cada um dos freqüentadores mais conhecidos de buate mas não o faz porque sabe que é contra a boa ética do seu trabalho. Dentro de sua profissão, enfim, êle é hábil, maneiroso, valendo muito pelo seu grande conhecimento da gente da noite que êle faz parte, desde o tempo da Urca. Um excelente profissional e ótima pessoa.

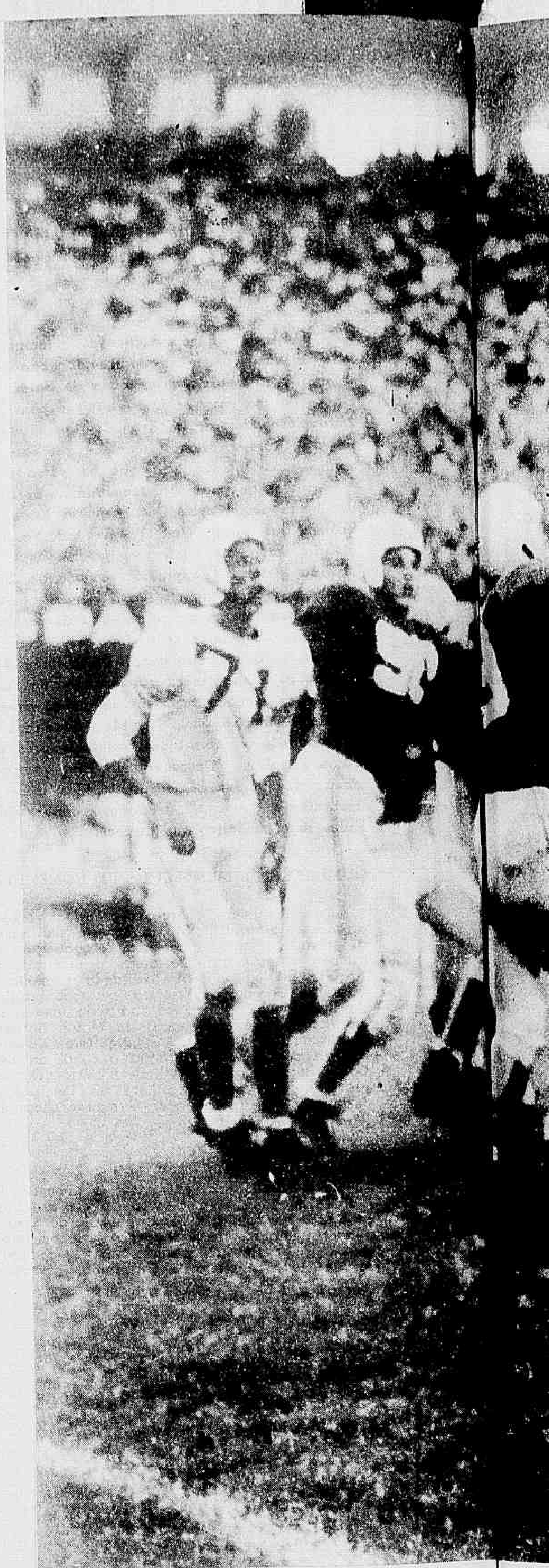
O mais interessante e prático presente recebido pelo casal Manuel Vargas foi um grupo de cheques de bancos das principais capitais européias que o casal visitará. Desta forma, ao chegar a Londres, terão libras à disposição; em Paris, francos, e assim por diante. O simpático e utilíssimo presente, foi oferecido por gaúchos amigos de infância do noivo.

CONDIÇÃO PARA SER UM "ÁS" DO "RUGBY": SAÚDE DE FERRO



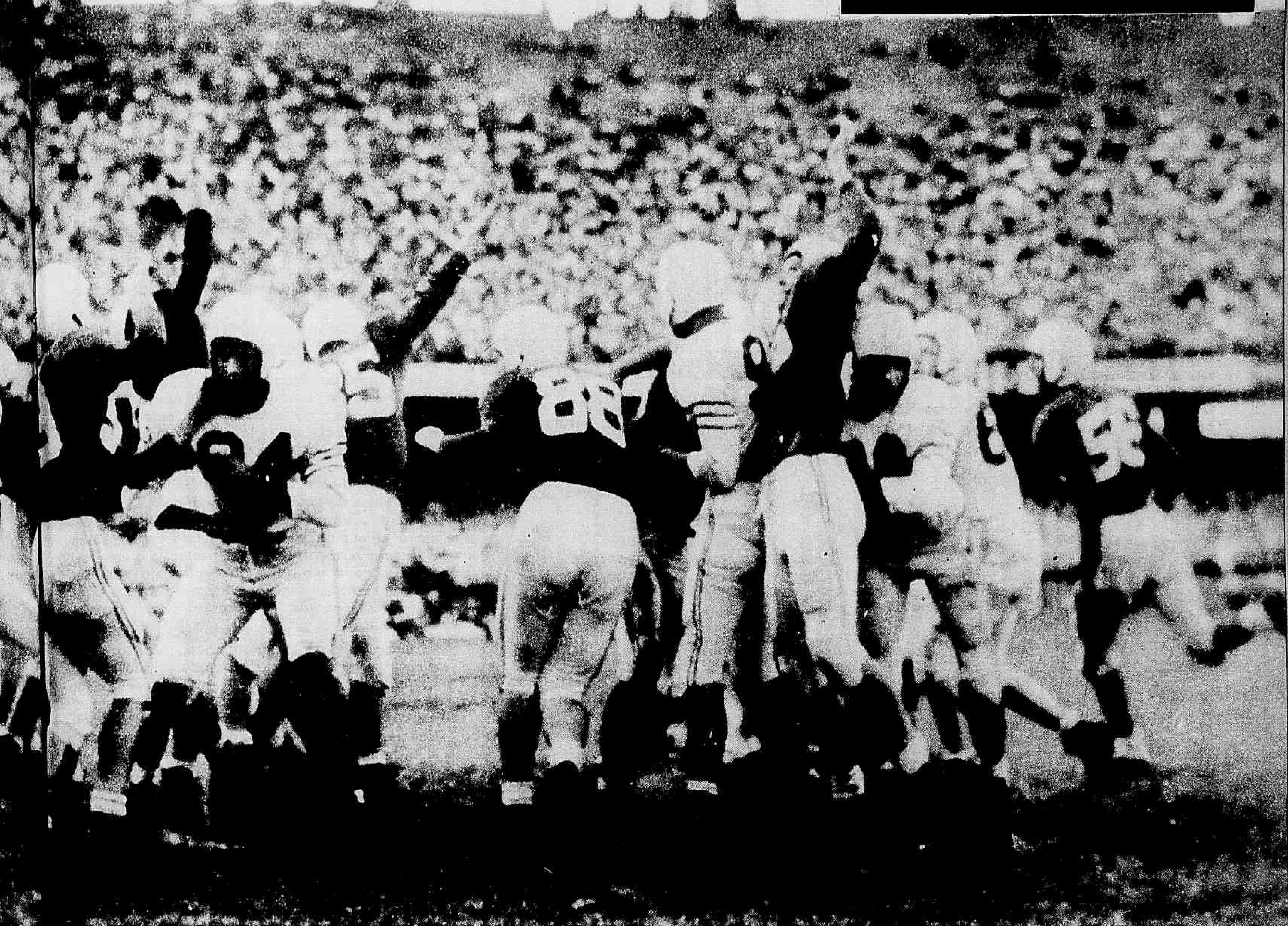
Quando os «cracks» se encontram, no meio do campo, o prélio vira autêntica tourada. E sempre leva a melhor quem tiver melhores músculos. E' coisa medonha, de gelar o coração.



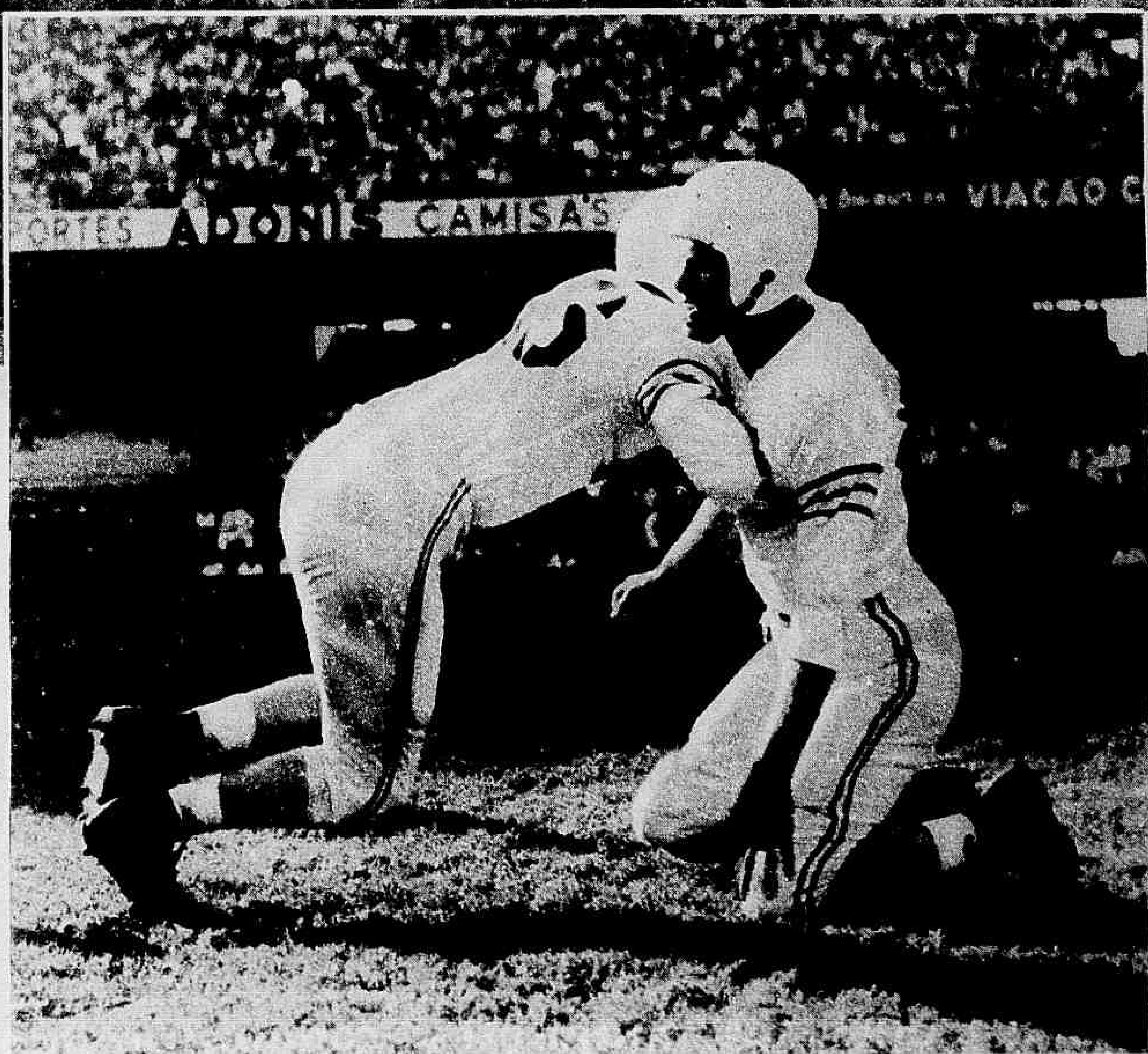


COMPLICADO E NERVOSO

O FUTEBOL AMERICANO



[illegible] com a [illegible] de rugby. As fotos [illegible]



MILHARES DE PESSOAS VIRAM, ENTENDERAM POUCO MAS APLAUDIRAM O CURIOSO ESPETÁCULO ★ MAS O SUCESSO MAIOR COUBE ÀS BELÍSSIMAS «MAJORETES» E SUAS AMENAS CABRIOLAS.

Reportagem de F. RIBEIRO
Fotos de ALBERTO FERREIRA

Futebol americano...



O grupo Verde (representando o nosso Exército) enfrentou galhardamente o grupo Branco (simbolizando a nossa Marinha de Guerra), mas do entrevero, quase caxiense, surgiu apenas



um brioso empate. A enorme assistência (a renda foi além de 500 mil cruzeiros) vibrou com o espetáculo ainda desconhecido para os nossos olhos. Porém, do jôgo, pouco entendeu.

Ninguém sabia direito como ia ser a coisa, mas o fato é que a curiosidade do carioca não nega fogo. E quase sempre redunda em magnífica fonte de renda: é só saber explorá-la. Souberam fazê-lo os homens que trouxeram o «rugby» norte-americano ao Rio, e aí está o resultado: milhares de pessoas enchendo o Maracanã e a festa, nervosa, esquisita, complicada, acabou deixando nos guichês do «colosso» quase 600 mil cruzeiros!

COMPLICADO, MAS BONITO

Antes do prélio, alguém muito entendido no assunto postou-se diante de um microfone e, com o adjutório dos amplificadores, tentou explicar à assistência os passes e a técnica do jôgo que ia ser demonstrado dentro de alguns minutos. Mas parece que a explicação saiu ainda mais confusa do que as partidas pròpriamente ditas. Vejamos:

— «A coisa é simples. O campo é dividido em zonas de 10 jardas (de 10 a 50); cada time tem direito a atacar uma vez e só perde êsse direito quando consegue um «goal», quando não ultrapassa uma zona de 10 jardas em quatro tentativas (no máximo) ou então quando perde o contrôle da bola no ar, para o adversário. Quando um jogador consegue chegar à linha de «goal», conquista seis pontos para o seu time. Nessa ocasião, então, é concedida uma tentativa para que, chutando a bola, êsse time marque mais um ponto, fazendo passar a pelota na baliza (em forma de H), sôbre o travessão e entre os dois postes laterais. Portanto, caso a tentativa do chute seja bem sucedida, cada quadro poderá conquistar em duas etapas sete pontos; caso contrário faz sòmente seis pontos».

Compreenderam? Nós também. Mas quando a coisa começou, lá no gramado, o que se viu foi uma correria sincopada, uns trancos de dar frio na espinha, empurrões violentos e, se não nos falhou a vista, até cachações sub-reptícios. Não resta a menor dúvida: para brincar aquilo é preciso, antes de mais nada, saúde de ferro, músculos à prova de bala e, principalmente, cabeça de madeira de lei. Imaginamos os «cracks» de Zezé Moreira metidos naquela tourada: não sobrava nenhum, a não ser em partes. O fato, porém, é que os ianques jogam bem, sabem correr com estilo, agarram seguro a bola (que é em forma de ôvo de avestruz) e marcam «gols» com a precisão de matemáticos sadios. Naquele domingo, os dois grupos que se defrontaram, o Branco (representando a nossa Marinha) e o Verde (simbolizando o nosso Exército) se equilibraram em técnica e ação.







Belas e ageis, as "majoretes" conquistaram a "torcida" espantada e con



Quando a bola vai caindo, o crack atira-se a ela com o ímpeto de quem vai agarrar dinheiro que está vindo do céu. Depois [illegible]

con fusa do Maracanã

Flash Paulista

HÉLIO ABREU



● OS MILHÕES FICARÃO NO BANCO DO BRASIL — A promessa do sr. Osvaldo Aranha de que os ágios (milhões e milhões) não serão aplicados antes das eleições de outubro, foi como água na fervura da candidatura Wladimir Toledo Piza. A palavra do ministro da Fazenda muito vale e vai impedir a «meninada» do PTB paulista de fazer um verdadeiro carnaval, no interior do Estado, com o dinheiro do povo. Aliás, por falar em Piza, tão fracas são as suas probabilidades que o povo de São Paulo nunca se refere a êle como Toledo Piza, e sim como «Toledo Lanterninha».

● JAFET REGRESSOU DA EUROPA — O sr. Ricardo Jafet, ex-presidente do B. B. chegou da Europa, depois de uma permanência de vários meses, durante os quais percorreu diversos países do velho mundo. Veio vendendo saúde e até mais elegante (dizem que perdeu um pouco da barriga) e repleto de novos planos, entre êles o da construção de poderosa usina siderúrgica em Lafaiete, Minas.

● PORFÍRIO TROCARÁ DE «TEAM» — O coronel farmacêutico Porfírio da Paz, vice-prefeito de São Paulo, até agora um dos mais fervorosos torcedores do São Paulo F. C., vai integrar as côres do Coríntians, é o que nos informa o desportista Valdemar Albien. Porfírio (falso Rubirosa) é candidato a vice-governador do Estado na chapa de Jânio.

● CASTILHO COM LUGAR GARANTIDO — Círculos de São Paulo afirmam não estar sujeita a quaisquer riscos a reeleição do deputado Carlos Castilho Cabral à Câmara Federal. A permanência do deputado farcezista está assegurada pelo voto dos antigetulistas bandeirantes, que votarão em massa no brilhante parlamentar, que tão bem encarna o espírito que levou São Paulo a pegar em armas em 1932.

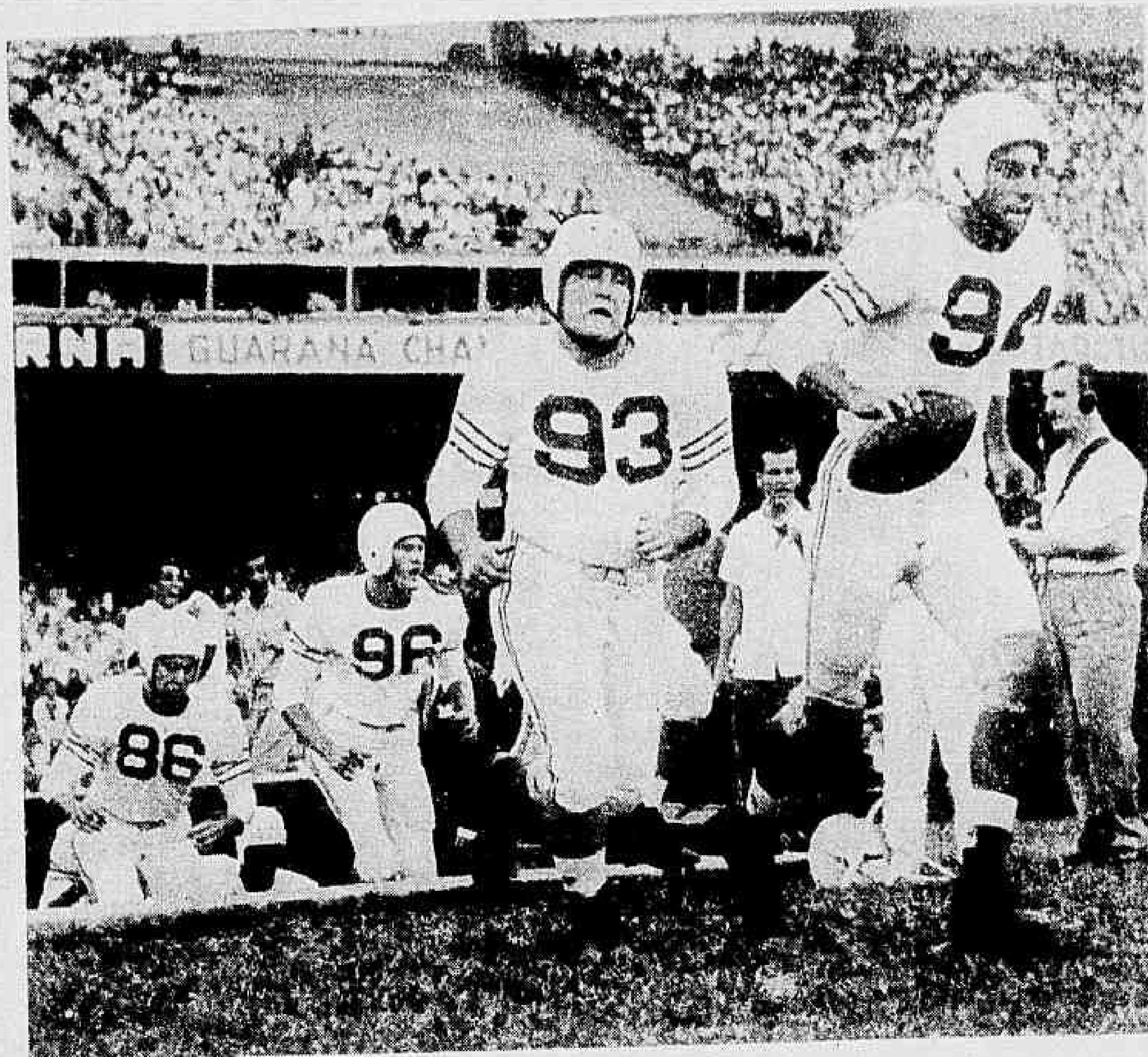
● NADA DE NOVO COM BORGHI E ADEMAR — Não se confirmou coisa alguma em tôrno do acôrdo Ademar-Borghi. Tudo faz crer que os dois líderes marcharão separados, pois ambos só aceitam acôrdo à base do sacrifício máximo: ou seja, um exige que o outro renuncie em seu benefício, e vice-versa.

● ...E OS MANDATOS NÃO FORAM CASSADOS — Os deputados paulistas aprovaram, por pequena margem de votos, o escândalo do projeto 336, quando recusaram a expulsão de seu meio dos deputados Asdrubal Cunha (Dubinha) e Conceição Santamaria que a Santa nos perdoe...). Os melhores de São Paulo, os parlamentares que de fato representam o espírito bandeirante, votaram contra essa imoralidade.



● OS PAULISTAS SOUBERAM comemorar o 9 de julho. Todo o Estado de São Paulo reverenciou a data da revolução de 32, onde muito sangue bandeirante foi derramado para que o Brasil tivesse um regime legal. 1932 foi o início do 29 de outubro de 1945 e a brava gente de Piratininga tem motivos, de sobejo, para glorificar aquêles que tombaram no cumprimento do dever, como bons brasileiros que foram. Entre nós muitos ainda vivem, fiéis aos princípios que nortearam a grande jornada. Valdemar Ferreira, Altino Arantes, Euclides Figueiredo, Lucas Nogueira Garcez, Paulo Duarte, Júlio Mesquita Filho, Guilherme Figueiredo e muitos outros a quem o Brasil sabe cultuar.

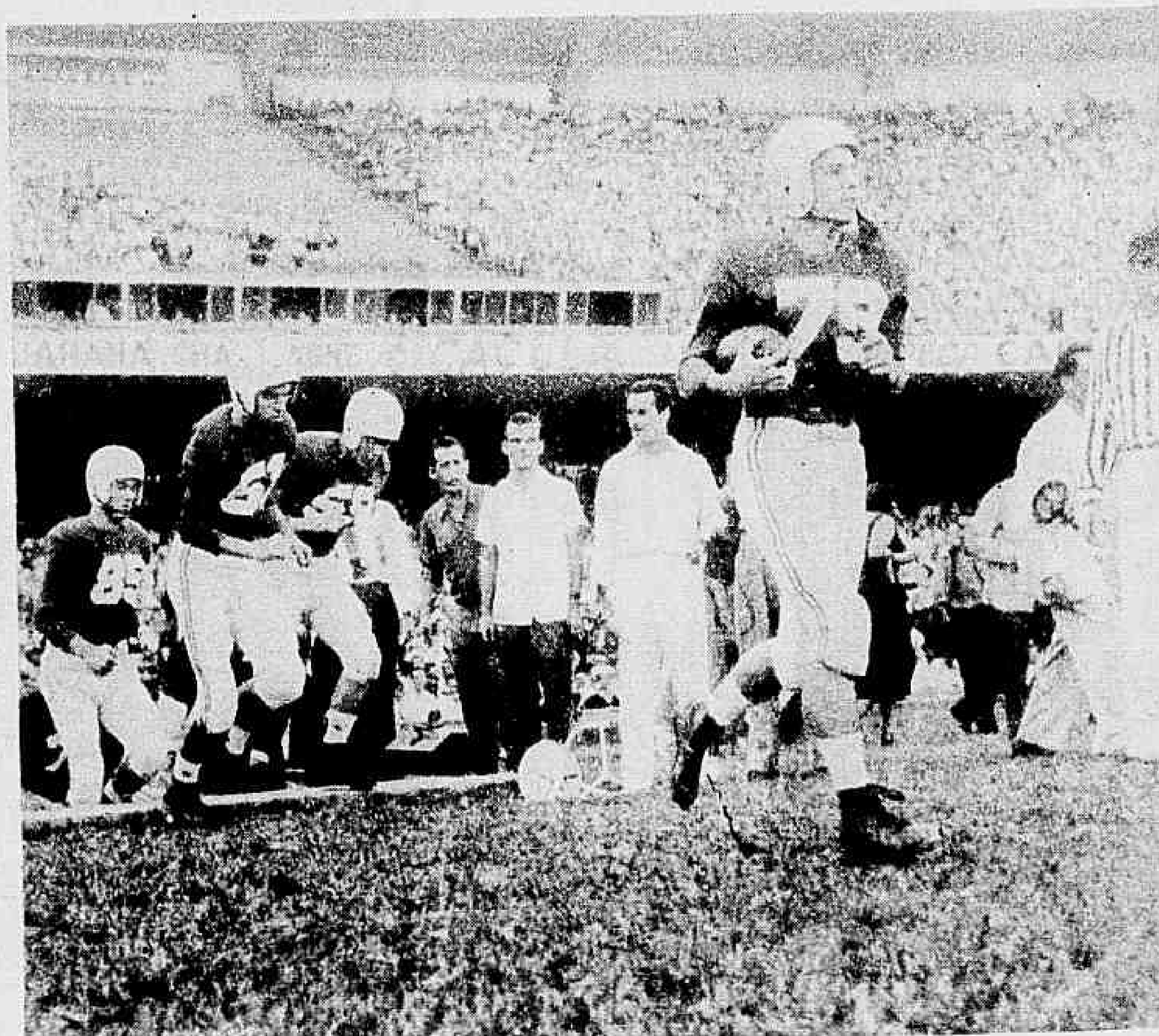
Futebol americano...



O «team» entra em campo com a fúria de leões. Olhem a cara dêles!



O «ballet» foi uma beleza. Os rapazes e as belas moças funcionam bem.



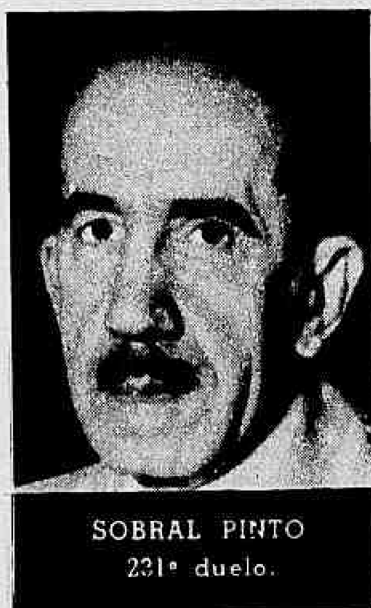
O time Verde não foi pior nem melhor que o Branco. Todos jogaram bem.

Inundações na Europa Central e no Rio Grande do Sul, Patrícia Lacerda está apaixonada, Castilho Cabral brigou com Lucas Garcez, abalo moral dá úlcera no duodeno e apesar de ser Julho, o calor (aqui no Rio) é de verão


PATRICIA LACERDA
Não fugiu.


CLEOFAS
Liquefazendo-se.


DICK HAYMES
Fugiu mesmo.


SOBRAL PINTO
231º duelo.


AGA KHAN
Contando tudo.


ARANHA
Pagar mais cedo.


MARISA PRADO
Mêdo do juiz.

- Faleceu Jacinto Benavente, dramaturgo espanhol, Prêmio Nobel da Literatura de 1922.
- Dick Haymes recebe ordem de prisão por faltar à pensão de sua ex-espôsa e foge com a atual (Rita Hayworth) para o Estado de Nevada.
- Inundações no Rio Grande do Sul provocadas pelas enchentes dos rios Gravataí e São Lourenço.
- Aos 60 anos de idade falece o diretor, ator e professor de drama em Hollywood, Irving Pichell.
- Aranha quer pagar o funcionalismo a partir de 28 de cada mês.
- Revisão da estruturação do Exército; Zenóbio, porém, é contra; donde se fala que Mascarenhas será o próximo ministro da Guerra.
- Niterói e Petrópolis ficaram sem energia um dia inteiro (na quinta-feira).
- Cleofas, sem fôrça, volta-se (finalmente) contra Cordeiro de Farias.
- Castilho Cabral rompeu com Lucas Garcez.
- Iminente o armistício na Indochina.
- Causam sensação as memórias do Aga Khan.
- Todos os diretores de autarquia que são candidatos a postos eletivos serão demitidos — avisa Lourival Fontes.
- O sr. Humberto Amado, que acaba de ficar co-cunhado de Maneco Vargas, já é candidato a deputado federal por Sergipe.
- Pega fogo o duelo Sobral Pinto - Lutero Vargas.
- Marisa Prado, embarcando para a Espanha (onde vai filmar): «Deus queira que eu não encontre pela frente nenhum mr. Ellis...»
- Patrícia Lacerda confessa que está apaixonada.
- Rosalina Coelho Lisboa responde a Ademar dizendo que não quer ser candidata.
- Anúncio publicado num matutino, sexta-feira última: «Gratifica-se bem a quem encontrar, no Senado Federal, o projeto que trata da efetivação dos extranumerários da União, com mais de cinco anos de serviço efetivo. Êsse projeto já foi aprovado na Câmara dos Deputados e foi enviado ao Senado há mais de oito meses».
- «Abalo moral pode causar úlcera no duodeno», afirma o dr. Antônio de Sousa Pereira.
- Nunca houve uma cheia tão devastadora como a de agora, no Danúbio; Viena está inundada; e, dentro dela, o nosso Amilcar Dutra de Menezes, que é, lá, chefe do Escritório Comercial do Brasil.
- «Miss Coréia do Sul» não conseguiu visto para entrar nos Estados Unidos. Motivos: «Tênues simpatias pelo comunismo»...
- Dulcídio, prefeito: «O morro de Santo Antônio é de propriedade da Prefeitura e de ninguém mais».
- Aliados os soldados americanos e russos na luta contra a cheia do Danúbio.
- Ameaçada Hanoi pelas tropas de Ho Chi Min.
- Reconhecem os EE. UU. o govêrno guatemalteco.
- Chou En Lai acusa Churchill de «traição».
- E apesar de ser julho, o termômetro, aqui no Rio, chegou, sábado último, a 26 graus à sombra...

FLASH CARIOCA

PAULO ANDRADE LIMA

● JUTA

Um poderoso grupo francês está interessado na transferência para o Brasil de uma grande fábrica de juta. Os «public relations» do grupo encontram séria resistência por parte dos monopolizadores do assunto. Como sabem, o monopólio da juta é uma das mais fabulosas fontes de renda, e se encontra sob o contrôle de alguns cavalheiros de alto coturno.

● ELEIÇÃO

Está perigando a eleição para deputado de Hacir Pereira Lima, que tem muito prestígio e pouco dinheiro. Em compensação, o banqueiro Mendes de Souza, amigo íntimo do governador Juscelino, está certo da vitória. Embora não possua eleitores, êle é, afirmam, dono de uma «caixa» fortíssima.

● TROPEÇO

O ilustre sr. Mário Pinotti, homem capaz de enfrentar com sucesso os nossos problemas sanitários, saindo das soluções empíricas, cometeu em sua plataforma de posse um ligeiro equívoco ao pronunciar a palavra «charlatões» em lugar de charlatães.

● ALEGRE

O mais lido de nossos cronistas sociais, Ibrahim Sued, no casamento de Raquel Rudge Leite e Luís Felipe Raposo resolveu retornar por uma hora ao tempo de adolescente despreocupado. Declarou guerra às araras que adornam a confortável residência dos pais da noiva, usando como munição os custosos guardanapos que se achavam a seu alcance.

● CANDIDATOS

Novos candidatos ao Ministério do Trabalho (além dos já conhecidos: Oscar Pedrosa d'Horta, Sales Filho, etc.): o bispo José Távora e o conselheiro Humberto Bastos. Mas o mais provável é o senhor Hugo Faria, que se vem comportando com habilidade à frente da Pasta, ficar até o fim do govêrno do sr. Getúlio Vargas.

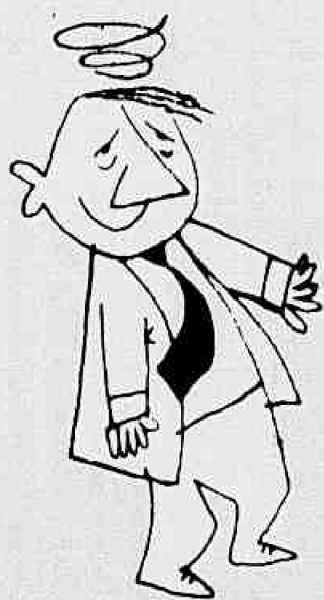


ÚLTIMO FLASH

TOSCANINI DEIXA A BATUTA

● Aos 87 anos de idade e 56 de direção de orquestra, Toscanini despediu-se do público internacional que, unânime, o considerava o maior diretor vivo e um dos maiores da história da interpretação musical. Sua carreira, iniciada por acaso, aqui no Rio, no antigo Teatro Lírico, foi [illegible] e permanência no mais alto cimo do mundo musical contemporâneo. Encerra-se, agora, com a carta endereçada a David Sarnoff, presidente da Radio Corporation of America. Esta, a carta de Toscanini: «Meu caríssimo David: [illegible] por esta época, há 17 anos, você me propôs a direção [illegible] que seria criada especialmente para [illegible] pelo rádio e a televisão [illegible]. Você lembrará como [illegible] já naquele tempo, que [illegible] para iniciar novo empreendimento. Contudo, você conseguiu persuadir-me de que poderia [illegible] e [illegible] que me propunha e tôdas as minhas dúvidas foram vencidas [illegible] que comecei os ensaios para a primeira transmissão, na noite de Natal de 1937, com o grupo de [illegible] por você. De ano em ano, tem sido uma alegria para mim saber que a música executada pela orquestra da N.B.C. merecera o aplauso de vastas audiências, nos Estados Unidos e no exterior. Mas chegou, agora, o triste momento em que devo, com relutância, também desta vez, depor minha batuta e dizer adeus à minha orquestra. Ao deixá-la, quero que você saiba que levo comigo as mais gratas recordações dêstes anos de atividade musical e uma profunda gratidão a você e à N.B.C., por haverem-nos tornado possíveis. Conto com você para expressar a todos os componentes da N.B.C., que comigo trabalharam, meu cordial e sincero agradecimento. Seu amigo, Arturo Toscanini».

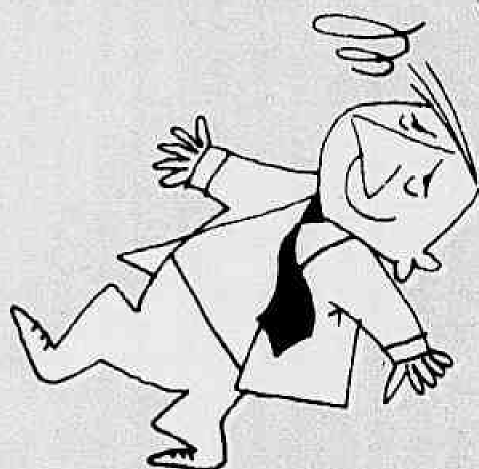
Para o homem e para o artista, o drama que encerra tão dura decisão, mais que na pungência das simples linhas desta carta, transpareceu na hesitação de Toscanini em assiná-la, o que só fêz duas semanas depois de escrevê-la, e ao [illegible] a um amigo: [illegible] própria vontade de óbito. Dias antes, ao voltar para casa depois do concêrto no Carnegie Hall, que [illegible] [illegible] sons familiares pela [illegible] a execução do programa, disse: «[illegible] se tudo fôsse um sonho. Tive a impressão de que não existia mais...» A notícia de que Toscanini se retirava da vida musical foi assunto de primeira página, na imprensa norte-americana, e o resumo dos [illegible] tôdas [illegible] num trecho da carta que David Sarnoff [illegible]: «Você leva consigo o amor e o agradecimento de milhões de homens cuja vida enriqueceu com sua arte». E no texto do artigo dum dos maiores críticos musicais de Nova York: «A grande arte de Toscanini [illegible], elevou nosso espírito e nossa cultura, como [illegible] e modificou-nos, engrandecendo-nos, como povos».



NÃO COMPREENDO

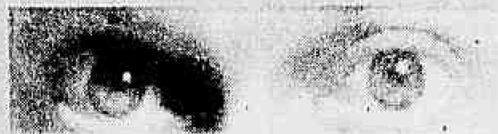
... porque no cinema o pacote de balas do vizinho faz muito mais barulho que o nôsso.

1 **Avisei ao Piqui: êsse boneco está bêbado. Dito e feito. Entrou pela primeira coluna, tropeçou . . .**



2 **. . . caiu na segunda coluna, levantou-se com dificuldade, passou para a terceira...**

PONTOS DE VISTA



PONTUALIDADE é essa certeza que temos que o outro também vai chegar atrazado.

●

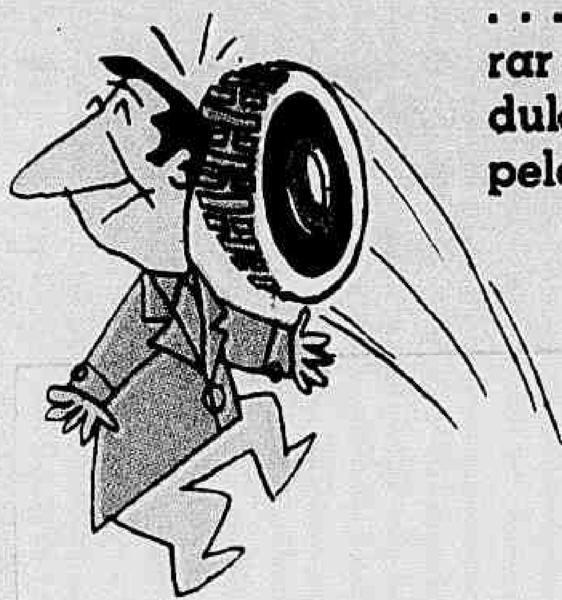
PAUSA é o momento em que os ouvintes abrem os olhos para ver se o orador já acabou o discurso.

●

INDECISÃO é o espaço de tempo que o nosso pé leva do acelerador ao freio diante do sinal amarelo.

●

SILÊNCIO são palavras trancadas num corpo à prova de som.



Era fanático torcedor de corridas de automóveis. Um dia, uma roda saiu de um carro e veio bater em cheio na sua cabeça: morreu de **PNEUMANIA.**

3 **. . . quis agarrar-se no Pêndulo, escorregou pelo CUCO...**

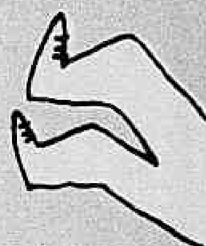


O CHEFE — Já lhe disse um milhão de vêzes que v. não deve deixar para amanhã o que pode fazer hoje!

O EMPREGADO — Justamente por isso é que estou acabando de ler êste livro.

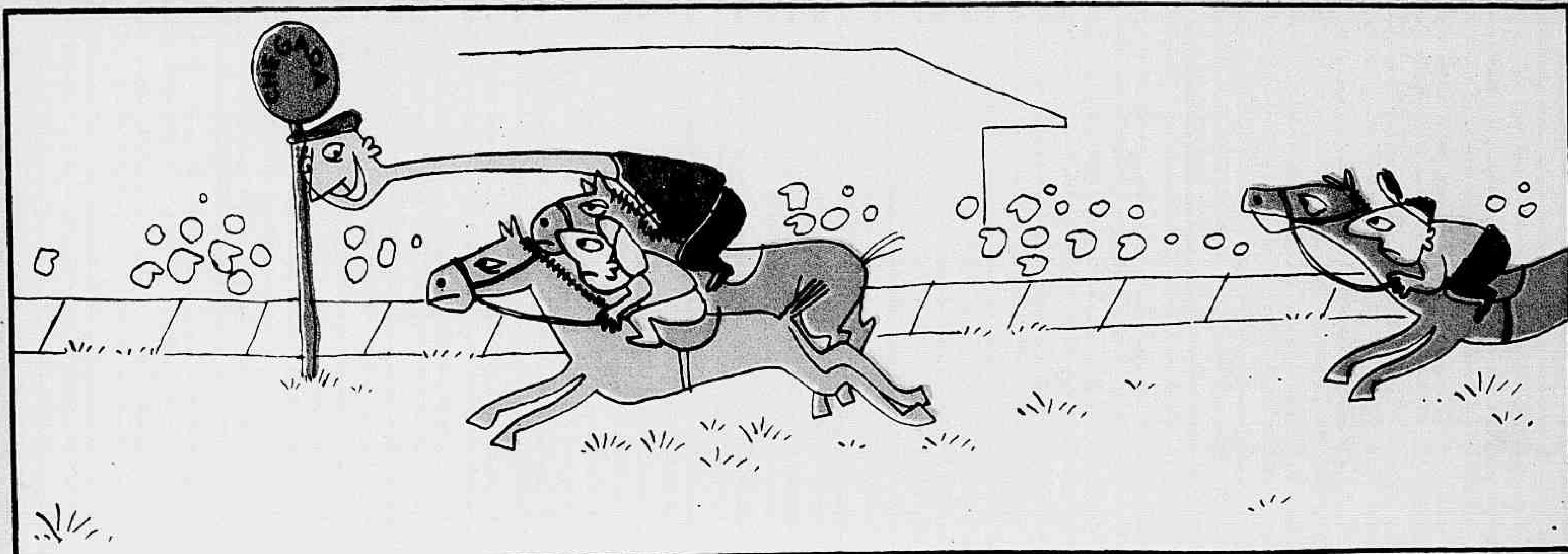


4 **. . . e acabou caindo da página!**

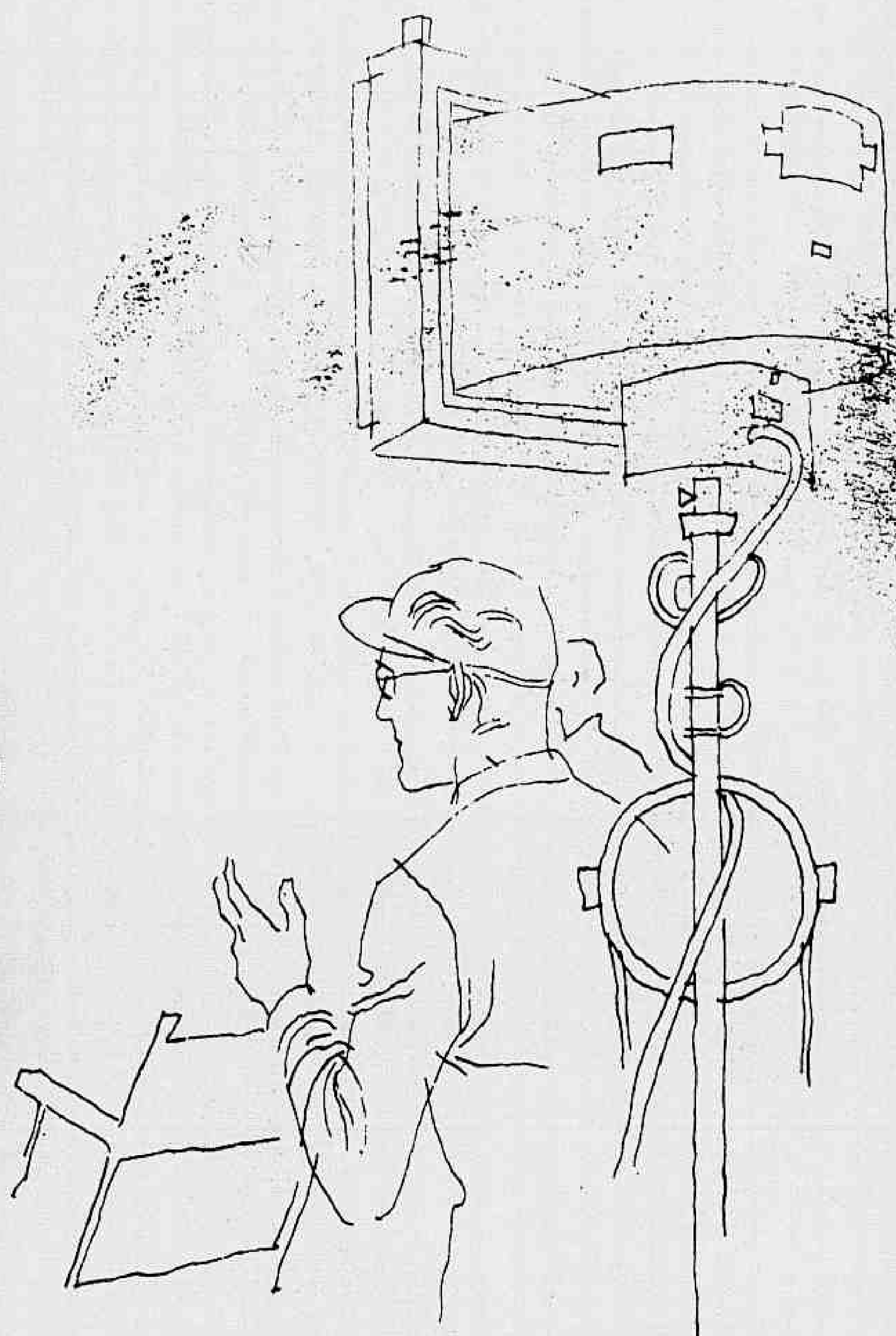


Ilustrado por PIQUI'

Um sujeito famoso acaba sempre na rua. Fica com o nome numa placa.







"Uma grande estrêla"...

... é aquela que, graças à sua arte e sensibilidade, sabe distinguir os caminhos para as emoções das grandes platéias. Essa mesma sensibilidade é que leva os fumantes a preferir

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.264